**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**
**CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Eduardo Nogueira Bello Simas**

# TEM MEIO AMBIENTE NA FAVELA?
# AMBIENTALISMO NA SERRA DA MISERICÓRDIA

**Rio de Janeiro**

**2007**

**Eduardo Nogueira Bello Simas**

# TEM MEIO AMBIENTE NA FAVELA?
# AMBIENTALISMO NA SERRA DA MISERICÓRDIA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPCIS/IFCH/UERJ.

Orientadora: Profª Drª Rosane Manhaes Prado

**Rio de Janeiro**

**2007**

**Eduardo Nogueira Bello Simas ( 29/03/1978 )**

**TEM MEIO AMBIENTE NA FAVELA? Ambientalismo na Serra da Misericórdia**

**Rio de Janeiro – UERJ, 2007.**
**Dissertação: Mestrado em Ciências Sociais. UERJ**

**I Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ**
**II. Meio ambiente, Serra da Misericórdia, conflitos.**

**Eduardo Nogueira Bello Simas**

# TEM MEIO AMBIENTE NA FAVELA?
# AMBIENTALISMO NA SERRA DA MISERICÓRDIA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPCIS/IFCH/UERJ.

Banca Examinadora:

_____

Profª Drª Rosane Manhaes Prado (UERJ – Orientadora)

_____

Profª Drª Márcia Pereira Leite (UERJ)

_____

Profª Drª Gláucia Oliveira da Silva (UFF)

Rio de Janeiro, 13 de junho de 2007

Nãna, Francisco e a Serra

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a produção dessa dissertação e seria impossível destacar todas aqui. Por isso me atenho às contribuições mais diretas, começando por meus pais, José Roberto e Eliane pela tranqüilidade emocional e material necessárias. Nesse mesmo sentido reconheço e agradeço o esforço e compreensão da Mariana, minha esposa, se desdobrando com o pequeno Francisco. A quem eu agradeço imensamente por aliviar com seu brilho radiante às horas de trabalho extenuante. O Apoio de vocês é sempre fundamental. Sem esquecer do meu irmão Felipe, sempre cumprindo o seu papel de irmão mais velho.

Agradeço aos amigos, irmãos e companheiros de UERJ Lucas e Ricado, pelas conversas, toques e companhia nos estudos, e Alan, que teve o papel fundamental de me apresentar o campo.

Aos funcionários da Lafarge que me atenderam com toda presteza, fica aqui o meu reconhecimento e agradecimentos sinceros.

Agradeço também a todos as pessoas que fazem o PPCIS acontecer. Funcionários, professores e alunos. Pelas contribuições diretas para essa dissertação agradeço às professoras Clara Mafra e Márcia Leite e ao professor João Trajano. Por esse mesmo motivo agradeço também aos professores "de fora", Gláucia Silva, Emerson Giumbelli e Mario Grynszpan. Não posso deixar de agradecer especialmente à minha orientadora, professora Rosane Manhaes Prado estímulo ao gosto pela antropologia e pela pesquisa de campo, por estar sempre trazendo novos olhares e pelo trabalho minucioso de revisão do texto.

Todas essas contribuições, e muitas outras, foram importantíssimas para esta realização, mas fica aqui um agradecimento especial à Serra da Misericórdia e todas as vidas que alimenta. Ao Verdejar, foco desse trabalho, especialmente nas figuras do Poeta, Diogo, Zolmir, Luiz Cícero e Edson. Saudações verdejantes!

À todos vocês, muito obrigado mesmo!

## RESUMO

Este trabalho tem como foco principal os processos constitutivos do Grupo Verdejar – Proteção Ambiental e Humanismo, movimento social que atua na Serra da Misericórdia, Zona Norte do Rio de janeiro, região cercada de favelas e reconhecida por seus problemas sociais. O objetivo principal é analisar como o Verdejar se constrói enquanto um movimento ambientalista singular no diálogo entre diferentes saberes e práticas tendo sua ação voltada para uma área que não é levada em conta pelas políticas ambientais do município. O estudo está embasado em pesquisa de campo que foi realizada com o grupo e que teve como um dos focos principais os conflitos ambientais através dos quais o Verdejar estrutura suas práticas. Partindo de uma perspectiva entendida como "processual", com base nos trabalhos de Tim Ingold, Marshall Sahlins e Walter Mignolo, o Verdejar é pensado a partir da forma como articula elementos de um ambientalismo "global" com propriedades locais produzindo um ambientalismo misericordiano.

## ABSTRACT

This work has as it's main focus the constitutive processes of the Grupo Verdejar – Proteção Ambiental e Humanismo, social movement which acts in Serra da Misericórdia, North Zone of Rio de Janeiro, place surrounded by slums and recognized for it's social problems. The main goal is to analyze how Verdejar builds itself as a single environmentalist movement at the dialogue between different ways of knowing and practices having it's action aimed to an area which isn't taken for account by the environmentalists politics of the municipality. This study is based on a field research done with the group and which had as one of the main focus the environmental conflicts through which Verdejar structures it's practices. Starting from a "process" perspective, based on the works of Tim Ingold, Marshall Sahlins and Walter Mignolo, Verdejar is thought through de way it gathers elements from a "global" environmentalism with local properties producing a "Misericórdia" environmentalism.

## LISTA DE SIGLAS

**AMAMUR –** Associação de Mulheres e Amigos do Morro do Urubu

**APA –** Área de Preservação Ambiental

**APARU** – Área de Preservação Ambiental e Recuperação Urbana

**APEDEMA** – Assembléia Permanente das Entidades em Defesa do Meio Ambiente

**AS-PTA –** Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa

**CEPEL** – Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina

**CENAFOCO** – Centro Nacional de Formação Comunitária

**CIEDS** – Centro Integrado de Programas e Estudos em Desenvolvimento Sustentável

**CONSA** – Conselho Comunitário de Saúde do Complexo do Alemão

**FEEMA** – Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente

**GT** – Grupo de Trabalho

**IBAMA** – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

**MST** – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

**MTST** – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

**PAC** – Programa de Aceleração do Crescimento

**PDA** – Programa Demonstrativo da Mata Atlântica

**PDBG** – Plano de Despoluição da Baía de Guanabara

**PDUCMA** – Plano de Desenvolvimento Urbanístico do Complexo do Morro do Alemão

**SMAC** – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

**SMH** – Secretaria Municipal do Habitat

**SNUC** – Sistema Nacional de Unidades de Conservação

**UC** – Unidade de Conservação

**UFRRJ** – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**SUMÁRIO**


| | |
|---|---|
| **INTRODUÇÃO** | 9 |
| **1. AMBIENTALIZANDO** | 17 |
| 1.1 Serra da Misericórdia: "a última área verde da Leopoldina" | 17 |
| 1.2 Mas afinal, o que é essa tal de APARU? | 31 |
| 1.3 A Comunidade Sérgio Silva | 36 |
| **2. TRAJETÓRIAS** | 41 |
| **3. VERDEJAR – PROTEÇÃO AMBIENTAL E HUMANISMO** | 61 |
| **4. USOS E ABUSOS** | 65 |
| 4.1 Invasores e "grileiros" | 66 |
| 4.2 O tráfico | 77 |
| 4.3 As pedreiras e "a Pedreira" | 82 |
| 4.4 "Poder público" | 91 |
| 4.5 "Comunidade" e "moradores" | 96 |
| 4.6 "O sistema" | 105 |
| **5. ATUANDO** | 108 |
| 5.1 Estrutura | 113 |
| 5.2 Contatos, parcerias e articulações | 116 |
| 5.3 Atividades e propostas | 120 |
| 5.4 Tendências e movimentos globais | 122 |
| **6. NO AMBIENTE TEÓRICO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS** | 127 |
| **7. VIVENDO CATEGORIAS – CONSTRUINDO LUGARES** | 140 |
| 7.1 Morador | 140 |
| 7.2 A Serra | 142 |
| 7.3 Meio ambiente | 143 |
| 7.4 Subúrbio e favela | 144 |
| **8. REFLEXÕES SOBRE O AMBIENTALISMO MISERICORDIANO** | 148 |
| **CONSIDERAÇÕES FINAIS** | 153 |
| **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** | 156 |
| **ANEXO** | 159 |

## INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato, consciente, com a Serra da Misericórdia, foi no ano de 2001, quando um amigo me chamou para participar da organização da 1ª Caminhada Ecológica do Complexo do Alemão. Aquilo me soou muito estranho: caminhada ecológica? Complexo do Alemão? O que eu achava que sabia sobre o Complexo do Alemão na época era que se tratava de um lugar pobre, violento e certamente sem nenhuma beleza natural. Me chamou atenção o fato de alguém estar preocupado em fazer um evento como esse lá. A primeira reunião que eu participei foi na sede do CONSA – Conselho Comunitário de Saúde do Complexo do Alemão. Estavam lá, entre outras pessoas, dois representantes de um tal de "Verdejar": o Alex e o Luiz "Poeta". Me lembro de ter achado diferente o nome "Verdejar" e as figuras que o representavam.

Depois da reunião, por volta de cinco horas da tarde, saímos para percorrer o trajeto da caminhada. Um reconhecimento. Fomos eu, os dois do Verdejar, o amigo que havia me convidado e outro amigo nosso. Subimos a "Central" do Alemão até o topo do Morro, de onde se tem uma vista sobre boa parte do complexo. Só esse trajeto para mim já tinha sido uma experiência nova, de entrar numa favela, e logo numa tão renomada, de ver a movimentação do tráfico. Senti uma mistura de apreensão e curiosidade. De lá, seguimos andando pela crista do morro, passamos por uma área arborizada, um campo de futebol, até que chegamos num mundo de pó e poeira: as pedreiras. Um imenso buraco encravado no meio dos morros, ladeado por enormes paredões de pedras expostas. Foi uma visão bem impactante, principalmente considerando que o caminho ia sendo todo narrado pelos companheiros.

Passamos pela parte mais alta da pedreira, justamente na frente que estava sendo explorada com o remanescente do que fora o pico mais alto dessa parte da Serra (hoje em dia esse lugar por onde passamos deixou de existir). Um local até bem perigoso e que não havia qualquer forma de aviso ou barreira para evitar a aproximação. Fomos para o outro lado da pedreira e descemos até a Pedra Bicuda. Já estava escuro e a vista dali de cima abria para mim uma cidade desconhecida. A situação que por si só já trazia um fascínio e uma sensação de aventura, era enriquecida pelos poemas, músicas e casos da Serra contados pelo Poeta e pelo Alex. A melhor parte ainda estava por vir.

Quando começamos a caminhar para a descida pelo Engenho da Rainha caiu uma tempestade! Com raios, trovões e uma quantidade absurda de água. Descemos a

trilha correndo, escorregando, rolando e quando chegamos na Estrada Velha da Pavuna ela tinha virado um rio com água pelo joelho. Chegamos até um bar onde encerramos o dia. Esse foi o meu batismo na Serra da Misericórdia.

O tema dessa dissertação surgiu justamente do meu próprio estranhamento em ver "ecologia" junto com "Complexo do Alemão". Naquela época eu estava ainda na graduação e nem pensava em fazer pesquisa no local, mas esse sentimento ficou e, quando eu comecei a me interessar em pesquisar alguma coisa relacionada à Serra, veio novamente à tona. O mesmo estranhamento em outras pessoas quando eu contava para elas sobre o Verdejar e a "Serra", como aprendi a chamar, ajudou a definir o recorte da minha pesquisa que acabou sintetizado nesse título: Tem meio ambiente na favela?

Essa pergunta é, portanto, uma provocação para refletir sobre os significados e usos dessas palavras, "meio ambiente" e "favela". Em ambos os casos, imagens são construídas em determinados contextos culturais com base em saberes específicos. No entanto, palavras migram, e essas imagens ganham novos contornos e outras são construídas. Essa "migração" está permeada por relações de poder, no sentido de que grupos que dentro de uma determinada sociedade detêm o controle dos meios de comunicação e da produção de saberes tidos como superiores ou mesmo "únicos", têm uma possibilidade muito maior de fazer com que suas imagens sejam incorporadas ao imaginário social em sentido amplo.

Este estudo se insere, portanto, no tema geral sobre as formas como determinados conceitos com origens históricas e culturais específicas, e que servem como base para a atuação de movimentos sociais, são reinventados e reordenados com os mais diferentes sentidos. No caso, estou analisando as percepções sociais envolvidas nos chamados "conflitos ambientais" sobre categorias como "natureza" e "meio ambiente". O sujeito central da pesquisa é o Grupo Verdejar - Proteção Ambiental e Humanismo através da sua atuação na Serra da Misericórdia. O interesse é estudar como as idéias de "meio ambiente" e da própria "Serra da Misericórdia" são construídas pelo grupo ao mesmo tempo em que estruturam suas práticas. Apresento aqui uma breve descrição da Serra e do Verdejar para situar o leitor, mas deixando a ressalva de que essas descrições serão problematizadas ao longo da dissertação.

A Serra da Misericórdia é um maciço rochoso situado na Zona Norte do Rio de Janeiro abrangendo diversos bairros, tendo o seu entorno intensivamente ocupado por áreas residenciais, indústrias, centros comerciais, ruas e avenidas, linhas de trem e de metrô, entre outros equipamentos urbanos. As encostas foram, em grande parte

ocupadas de forma irregular por famílias pobres formando "comunidades" identificadas tanto por agentes externos como pelos próprios moradores, como "favelas". O "interior" da Serra encontra-se em parte tomado pela extração mineral e em parte desocupado, com algumas áreas arborizadas, de reflorestamento, já que toda a cobertura vegetal original foi retirada no processo histórico de exploração econômica.

O Grupo Verdejar - Proteção Ambiental e Humanismo, foi formado em 1997 por pessoas que freqüentavam a Serra da Misericórdia na vertente da Rua Sérgio Silva, no Bairro do Engenho da Rainha, e tem como bandeira principal a defesa ambiental da Serra da Misericórdia. A Atuação do grupo se estende a todo o território da Serra, porém se concentra nos arredores da "Comunidade Sérgio Silva". Em 2004 o grupo foi formalizado enquanto uma associação sem fins lucrativos, passando a ter uma existência jurídica e entrando para o universo das ONGs.

A título de esclarecimento, alguns termos recorrentes nessa dissertação como "o grupo" ou "a Serra", são "categorias nativas" usadas para se referir ao Verdejar e à Serra da Misericórdia. Com menos freqüência, aparecem termos como "a entidade", em referência ao "grupo".

Dois pontos complementares são essenciais para a análise desse caso. Um deles é a forma como os conceitos citados acima e as práticas associadas a eles (preservação, conservação, recuperação, etc.) dificilmente aparecem nos principais veículos de comunicação, nos discursos de órgãos governamentais e de associações ambientalistas e mesmo em pesquisas acadêmicas, relacionados a áreas estigmatizadas como "favela" ou "subúrbio". Em geral são associados a "paraísos ecológicos" e áreas consagradas como "naturais". Causa até certo espanto falar de meio ambiente no Complexo do Alemão, mesmo para os próprios moradores do local.

O outro ponto é a relação hierárquica entre diferentes "tipos de saber" e a forma como eles são reorganizados na lógica local. "Conhecimento científico" e "saber popular" formam uma distinção simplificada que esconde a complexidade de relações existentes. Nesse sentido, a hipótese que defendo é que o Verdejar apresenta um "ambientalismo singular", que se constrói permanentemente no diálogo entre diferentes saberes, não sendo uma simples tradução local de "correntes ambientalistas" globais.

Para chegar a essa hipótese, comecei pensando que o Verdejar apresentaria um ambientalismo original, "de dentro", em oposição à um modelo "importado". Com o início da pesquisa pude perceber como era ingênua essa visão. É "de dentro" do quê? Da onde? Da Sérgio Silva? Então não serve porque não começou com moradores de lá?

Da Serra? Do subúrbio? Para utilizar essa noção eu teria que usar um referencial que só passa a existir com o surgimento do grupo. As pessoas são "de dentro" do Verdejar. Enquanto ele não existia não havia uma unidade de pertencimento comum a todos os seus fundadores. Seria até mais fácil caracterizar as pessoas como sendo "de fora" dos grupos e correntes ambientalistas existentes. Desde o começo o Verdejar se articulou com pessoas e entidades que circulavam nos mais variados espaços e que já tinham experiência ambientalista, formação acadêmica e prática em movimentos sociais.

Comecei a perceber então, com a ajuda de colegas, professores e textos, que o Verdejar se constrói no diálogo entre diferentes saberes e práticas, como um mediador, interligando elementos diversos. Foi, então, com essa perspectiva que eu construí a minha pesquisa e esse texto.

Procurei, ainda no levantamento dos dados, mas, principalmente, na análise final para produção do texto, trabalhar com a perspectiva de uma leitura "para frente" (*forward reading*) da forma colocada por Ingold e Hallam (2007), no sentido de olhar para o processo da vida social, e não para os seus resultados, o que seria uma leitura "para trás" (*backwards reading*). Eles fazem essa diferenciação na introdução de um livro, fruto de um seminário intitulado "*Creativity and Cultural improvisation*" que, numa tradução aproximada seria "Criatividade e Improvisação Cultural". Nessa introdução fazem uma crítica a autores que colocam o processo criativo como sendo exclusivo da idéia de "inovação" (*inovation*), no sentido de produzir uma coisa nova, que nunca havia sido feita antes, e afirmando a proposta da criatividade do improviso. Essa idéia de inovação seria justamente uma leitura "para trás" pois parte do resultado, deixando de perceber o processo produtivo. Este seria o foco de uma leitura "para frente". Um processo produtivo que é a vida em si e que está sempre acontecendo através do improviso.

Assumir essa perspectiva, esse olhar, implica reconhecer que as pessoas que fazem parte desse processo, assim como eu, pesquisador, "estão no mundo"[1], e num mundo que está sempre "no fazer ao invés do já feito"[2]. A proposta desses autores será melhor apresentada no capítulo 6. Aqui gostaria apenas de registrar que ela foi inspiradora para esta dissertação, servindo como um fio condutor na articulação com a teoria de outros autores e com os levantamentos da pesquisa. A abertura do texto resume bem essa proposta:

[1] Mafra 2007
[2] "*in the making rather than ready made*" (Ingold e Hallam, 2007, 3).

> Não há roteiro para a vida social e cultural. As pessoas têm que resolver (*work it out*) enquanto caminham. Em outras palavras: elas têm que *improvisar* (destaque dos autores).[3]

Para os fins dessa dissertação, defino como "ambientalismo" um conjunto vago de discursos, ações, práticas, saberes, técnicas, imagens, representados por grupos organizados ou não, que giram em torno de categorias como "meio ambiente", "ecologia", "natureza" entre outras. Ao contrário do que faz Zhouri (2001), que discute a possibilidade de diferentes "ambientalismos" a partir da relação com um "meio ambiente natural" não problematizado enquanto categoria, procuro discutir a construção de categorias como essa nos discursos "ambientalistas".

Nesse sentido, é importante situar este caso no "processo ambientalizador" apontado por Corrêa (2006), em referência ao "processo civilizador" de Norbert Elias, sendo definido pela autora como "um tipo particular de processo civilizador que se traduz numa onda 'ambientalizante' que inunda vários campos da vida social..." (2006, 87). Essa onda poderia ser entendida, olhando "para trás", como um processo homogeneizante que tem sua origem no "ocidente moderno", que vai penetrando em todos os meios adequando as pessoas à fórmulas e padrões fixos. No entanto, alerta a autora: "se o processo ambientalizador é uma onda que a todos atinge, cada um irá surfar essa onda da maneira que lhe for possível ou conveniente". A onda, o Verdejar e o surfe, estão entre as questões principais desse texto.

Além dessas perspectivas traçadas acima, outras duas linhas de pensamento ajudaram a compor a parte teórica desse texto. Marshall Sahlins (1994, 1997, 2004), em especial com conceito de "indigenização" (1997) e algumas teorias do pós-colonialistas, em especial as de Walter Mignolo (2002, 2004), formaram juntamente com Ingold e Hallam (2007), a principal referência teórica.

## A propósito de métodos

Conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, a partir do início de 2005, algumas possibilidades se abriram para mim. Poderia fazer um estudo que tivesse um foco na Serra da Misericórdia como um todo ou em uma localidade específica. Poderia fazer uma etnografia dos conflitos existentes na Serra, e até pegar um conflito específico. Uma coisa estava definida: a minha porta de entrada seria o Verdejar e o

[3] "*There is no script for social and cultural life. People have to work it out as they go along. In a word, they have to improvise*" (Ibidem, 1)

meu olhar estaria condicionado por essa entrada. Já vinha acompanhando as atividades do grupo e comecei a intensificar a minha participação em eventos. A partir de 2006 comecei a participar, com mais intensidade, de reuniões, a ajudar na execução de algumas tarefas e a estar mais com o grupo. Comecei a me sentir realmente um membro. Nesse processo, fui percebendo que o que eu já estava fazendo era pesquisando o Verdejar em si. Assumi isso e acabei produzindo uma etnografia do Verdejar, recortada pela questão dos conflitos, não por uma opção, mas porque essa é uma questão fundamental na existência do grupo.

Fazer uma etnografia do grupo significa considerar o Verdejar como uma unidade cultural, não no sentido de que exista algo como uma "cultura única" do grupo, mas pelo simples fato de que é a partir das relações com o grupo que foi definido o que seria parte desta pesquisa. Tanto com relação às pessoas, que "pertencem" ou não ao Verdejar, como em relação a categorias e conceitos.

O trabalho de campo começou com visitas eventuais no ano de 2005 e teve seu período de maior atividade no final de 2006 e início de 2007. A principal fonte para as informações que constam desse texto foi a participação em atividades já citadas como reuniões e eventos, sempre observando, escutando, conversando com as pessoas e *estando* com elas e na Serra. Essas informações foram consolidadas por cinco entrevistas abertas feitas com as pessoas que, entre as que atualmente estão no grupo, eu sempre identifiquei, e foram muitas vezes apresentadas para mim, como lideranças. São elas o Luiz "Poeta", o Diogo, o Edson, o Zolmir e o Luiz Cícero. As entrevistas foram feitas nas casas dessas pessoas, com exceção do Zolmir, que foi na sua oficina, e tiveram entre 50 minutos e duas horas e meia de duração. Cada uma delas aconteceu em circunstâncias específicas que certamente influenciaram nas falas dos entrevistados e na minha análise das mesmas. O estudo dessas circunstâncias renderia uma outra dissertação. Todas as entrevistas foram feitas com gravador. No caso do "Poeta", foi feita uma primeira sem e depois outra com. Além das entrevistas foram gravadas ainda algumas reuniões e seminários.

Um outro momento que vale destacar foi a visita feita à unidade de Inhaúma da empresa Lafarge Agregados, empresa mineradora que atua na região e que é apontada pelo Verdejar como um dos principais "problemas" da Serra. Realizei uma entrevista "não formal", como o gestor responsável pela unidade que ainda me levou para conhecer a área e a linha de produção. Vale destacar que não tive nenhuma dificuldade para "entrar", ou seja, para que conseguisse falar com um representante. Bastou um

telefonema. Todas as minhas perguntas foram respondidas e tive acesso a todos os documentos que pedi. De uma certa forma essa facilidade me causou até um certo espanto, pois esperava que a empresa pudesse ser relutante em abrir suas portas para alguém que estava pesquisando conflitos ambientais na Serra da Misericórdia.

Outras fontes importantíssimas foram os documentos produzidos pelo grupo como atas de reuniões, apresentações institucionais, relatórios, cartas, ofícios, correios eletrônicos, entre outros. Serviram ainda como fonte complementar documentos produzidos por outros atores como a prefeitura e as mineradoras, leis e decretos governamentais. Em ambos os casos, a *internet* foi um instrumento fundamental. Tanto por ser um dos meios de comunicação mais utilizados pelo grupo, me permitindo estar interligado ao campo, como por ser um depositário de informações em geral.

Com relação aos nomes de pessoas citados nessa dissertação, optei por não usar nomes fictícios. As lideranças citadas acima seriam facilmente identificadas pelas referências do Verdejar e da Serra da Misericórdia e não apresentaram nenhuma objeção à utilização dos seus nomes verdadeiros. As outras pessoas cujos nomes aparecem são a Ana Paula, o Alex "Baô", o Sérgio Ricardo e o Alan, além de pessoas que ocupam ou ocuparam cargos públicos. As duas primeiras pessoas foram fundadoras do Verdejar e tiveram um papel fundamental na história do mesmo e de alguns dos entrevistados. O Sérgio Ricardo também teve um papel significativo enquanto uma pessoa que participou de importantes processos vividos pelo grupo, com a característica de ser um ambientalista praticante e que auxiliao grupo, desde os primeiros conflitos, em termos de caminhos institucionais e na relação com o poder público e outros parceiros. Por último, o Alan, foi justamente o amigo que me colocou em contato com o Verdejar e a Serra. Ele também participou de momentos importantes na história do grupo e coordena uma entidade parceira que é o Grupo Sócio-Cultural Raízes em Movimento. Outras pessoas são citadas no texto, no entanto, não vi a necessidade de expor seus nomes, principalmente no caso de pessoas envolvidas em conflitos.

Em termos de estrutura, o texto está dividido em oito capítulos, sendo que do um ao cinco está concentrada a parte mais etnográfica, descritiva da dissertação, no entanto, alguns pontos analíticos perpassam essa descrição. No primeiro capítulo eu procuro fazer uma descrição geral do campo abordando as diferentes definições existentes sobre a Serra da Misericórdia e alguns aspectos históricos da região.

Apresento ainda o conceito de APARU – Área de Preservação Ambiental e Recuperação Urbana, e uma descrição da comunidade Sérgio Silva.

O Segundo capítulo é formado principalmente por depoimentos dos entrevistados sobre as suas "trajetórias" em suas relações com a Serra e o Verdejar. O objetivo desse capítulo é, além de apresentar algumas visões dos entrevistados sobre essas relações, aprofundar na caracterização do grupo, sobre o qual faço uma descrição inicial no terceiro capítulo, trazendo um pouco das histórias que remontam à fundação do grupo.

O quarto capítulo é o mais extenso e é aonde apresento os conflitos nos quais o Verdejar está envolvido. Essa apresentação é feita a partir dos atores que geralmente estão situados em oposição ao Verdejar. Divido então em "invasores e grileiros", "o tráfico", "as pedreiras e a Pedreira", "moradores e comunidade", "poder público" e "o sistema".

No quinto capítulo aprofundo a descrição do Verdejar iniciada no terceiro capítulo, agora já tendo demonstrado os conflitos que são elementos constitutivos da atuação do Verdejar. Traz uma discussão sobre a estrutura operacional do Verdejar, suas estratégias de articulação de parcerias, as principais atividades e algumas das tendências "externas" que repercutem no Verdejar.

O Sexto capítulo traz o referencial teórico constituído basicamente pelas três linhas citadas acima que oferecem um embasamento para análise que permeia todo o texto, mas que está concentrada nos capítulos sete e oito.

No sete abordo algumas categorias importantes para o caso estudado aparecendo sob diferentes formas "nativas", ou seja, nos discursos do Verdejar e outros atores envolvidos em seu processo. As principais categorias abordadas são "meio ambiente", "subúrbio", "favela", "morador" e "Serra da Misericórdia".

No oitavo e último capítulo procuro amarrar as pontas da análise sobre o processo Verdejar enquanto um "movimento ambientalista". Centrado principalmente na idéia de como o grupo se constrói, numa leitura para frente, no cruzamento entre diferentes tendências e "sistemas".

# 1. AMBIENTALIZANDO

## 1.1 Serra da Misericórdia - "A última área verde da Leopoldina"

Existem diferentes definições sobre o que é a Serra da Misericórdia, tanto em seus aspectos físicos, como em seus aspectos históricos, políticos e sociais. Para o Verdejar, segundo me falou uma vez o Diogo, foi no I Seminário da Serra da Misericórdia, realizado em 1999, que se "definiu" o que era a Serra, qual era a sua extensão, seus pontos culminantes, sua história e a sua importância econômica e social. Ou seja, foi neste seminário que se construiu uma certa "imagem" da Serra da Misericórdia. Não qualquer imagem, mas aquela que estaria presente no discurso do "movimento ambientalista misericordiano". Na verdade, mais do que uma imagem em si, definiram-se os contornos para diferentes imagens possíveis que são acionadas de acordo com o contexto.

A "Carta da Serra da Misericórdia", lançada em 2001 pelas entidades participantes do seminário, apresenta a Serra da Misericórdia utilizando termos técnicos especializados. Acho importante reproduzir aqui um trecho desta carta:

> SERRA DA MISERICÓRDIA[4]
> A ÚLTIMA ÁREA VERDE DA LEOPOLDINA
>
> Os dados históricos sobre a Serra da Misericórdia remontam ao primeiro ciclo agrícola. Nos séculos XVIII e XIX servia como divisor entre as importantes freguesias rurais de Inhaúma e Irajá, que mais tarde se converteram em freguesias urbanas e finalmente em bairros da cidade do Rio de Janeiro.
> No Brasil, o modelo de desenvolvimento urbano-industríal adotado, gerou um incontrolável processo de migração e crescimento desordenado das cidades desde a década de 40 do século passado. 0 "inchaço", o crescimento desordenado e a poluição passaram a fazer parte integrante do cotidiano dos centros urbanos.
> Inserida na bacia hidrográfica da Baía de Guanabara, a Zona da Leopoldina, situada no Município do Rio de Janeiro, é um reflexo desta equivocada política de urbanização sem planejamento e sem participação popular, que tem como principais conseqüências a baixa qualidade de vida (inclusive ausência de saneamento básico e abastecimento de água adequado) e a favelização das encostas. Em função desta situação de exclusão social, o tráfico de drogas, a criminalidade e a violência – associados aos níveis elevados de desemprego, especialmente nas comunidades de baixa renda – dominam quase todas as favelas cariocas.
> A região abrange cerca de 43,9 km2, e está localizada numa faixa de planície entre a Baía de Guanabara e parte do Maciço da Tijuca. Na Região da APARU se encontram 19 bairros e diversas favelas. Entre os principais corpos hídricos destacam-se o Canal do Cunha, formado pelos rios Jacaré e Faria-Timbó, o Canal da Penha e os de Irajá, Nunes e Ramos. Na área situa-se a Praia de Ramos, considerada pelos órgãos públicos a "mais poluída do Brasil".

[4] Carta da Serra da Misericórdia, 2001. http://jobit99.sites.uol.com.br/CartaSM8.html consultado em 14/08/2006. Assinam a carta: Verdejar - Proteção Ambiental e Humanismo, Bicuda Ecológica, CONSA – Conselho Comunitário de Saúde do Complexo do Alemão, CEPEL – Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina e Os Verdes – Movimento de Ecologia Social.

> Dados de 1991 indicam que a população da Leopoldina corresponde a 11 % do total de habitantes do Município do Rio de Janeiro, ou seja, 597.699 habitantes, composta por 47,7% de homens (285. 101) e 52,3% de mulheres (312.598). Do total dessa população, 37% estão distribuídos em 69 favelas, 23% em 35 conjuntos habitacionais populares, totalizando 60% da população em habitações populares, e 40% no que se chama asfalto (IPLANRIO, 1991).
> A situação ambiental é gravíssima. Dados da FEEMA consideram esta bacia aérea a mais poluída da Cidade.

Esta carta foi lançada em 2001 pouco tempo depois do decreto de criação da APARU - Área de Preservação Ambiental e Recuperação Urbana - da Serra da Misericórdia[5], e apresenta um quadro grave de "problemas ambientais" da região. Foi endereçada à sociedade como um todo, e mais especificamente ao poder público municipal, responsável pela área. Depois da descrição dos problemas a carta segue com uma lista de 23 exigências a serem cumpridas para a efetiva implantação da APARU. A Carta é fruto de uma configuração específica, de um momento pelo qual estava passando o movimento ambientalista da Serra e talvez tenha mais a dizer sobre esse movimento do que sobre a Serra em si. Daqui por diante será referida simplesmente como "a Carta", como o faz o grupo do Verdejar.

Com relação à área de abrangência da Serra, também existem definições diferentes. Algumas levam em consideração apenas as áreas consideradas como "verdes", outras estão fundamentadas na distribuição das bacias e sub-bacias hidrográficas e outras, ainda, se remetem à história local. No trecho abaixo, o Diogo expõe um pouco do discurso do Verdejar sobre o que seria a Serra:

> É, a gente considera como sendo a Serra da Misericórdia toda a formação do Maciço. Aí o maciço da Serra da Misericórdia tem: a Serra da Misericórdia e seus contrafortes. Que é a Serra da Misericórdia, aquela área que pega o Complexo do Alemão ali, as pedreiras, a nossa região ali, ali é a Serra da Misericórdia. Aí tem os contrafortes que é a Serra do Juramento, que pega ali do outro lado da Automóvel Clube e vai até Rocha Miranda, e tem o Complexo da Penha ali que é o outro contraforte da Serra da Misericórdia. E também tem umas outras formações.

Esta fala apresenta a Serra da Misericórdia através de "formações" geográficas. O que demonstra uma descrição do que é a Serra, mas que não permite que haja uma definição exata dos seus limites. Qualquer que seja o referencial utilizado para se descrever a Serra vai apresentar limites geralmente tênues e que não representam uma verdade imanente da realidade concreta, mas antes, uma classificação imposta sobre um terreno aparentemente passivo. Como podemos ver, não é muito simples definir onde termina uma formação e onde começa outra. Será que existe uma interrupção ou uma é

[5] A APARU da Serra da Misericórdia foi criada pelo Decreto Municipal Nº 19.144 de 14/11/2000.

apenas uma continuidade da outra? Não é o objetivo deste trabalho apresentar ou discutir definições sobre relevo, mas apenas trazer à reflexão o fato de que entre diferentes definições possíveis, todas "artificiais", estamos sempre adotando uma e relegando outras. É uma questão de "escolha".

Existe uma delimitação política que tem servido como referência para o movimento ambientalista, estando presente inclusive na carta citada acima. No caso, a "escolha" de trabalhar com a referência da APARU, ainda que ela possa deixar de fora áreas presentes em outras definições, está baseada num posicionamento político que fica bem ilustrado por esta outra fala do mesmo entrevistado:

> Então hoje a gente considera Serra da Misericórdia a região da APARU mesmo. Até porque você querer colocar uma outra discussão aí, vamos dizer: "Ah, mas a Serra da Misericórdia não é só a APARU, tem isso e isso também". Já tendo o histórico que a gente tem aí com a questão da APARU, fica um pouco fora de contexto. É como se eu tivesse arroz e feijão no prato e tivesse reivindicando o bife que tá faltando, e aí eu já invento: "não, tem que ter mais o bife e mais uma salada e não sei que lá". Aí pô, os caras já não tão querendo te dar o bife. Imagina a salada, imagina o... nem o arroz e feijão tá direito. Já tão querendo te tirar, você tá querendo pedir o bife ainda: "não, o arroz e feijão tem que ser meu e eu quero o bife!" Aí nesse momento que a gente tá, você ainda vai pedir a salada e mais não sei o quê, não sei o quê. É você pedir pra voltar à estaca zero.

Ainda assim, existem divergências com relação a alguns dados. Por exemplo, a própria carta cita que "se encontram 19 bairros na região da APARU", no entanto, o Verdejar trabalha atualmente com o número de 27 bairros, o que bate com o mapa da prefeitura que se encontra em anexo (figura 4).

Esses fatos demonstram que a Carta não deve ser abordada como um produto acabado que registra de forma definitiva e exata as visões e reivindicações de um movimento unificado. É muito mais interessante analisar o processo de construção dessa carta que não termina com a sua produção, pois ela está sendo constantemente reconstruída pela atuação de grupos que estão o tempo todo estabelecendo novas relações internas e externas.

As diferentes definições geográficas trazem em comum o fato de que a Serra da Misericórdia é caracterizada como um maciço montanhoso localizado na Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro, na AP-3 – Área de Planejamento 3, ou, como coloca esta apresentação institucional feita pelo Verdejar em 2005:

> A Serra da Misericórdia abrange cerca de 43,9 km$^2$ no município do Rio de Janeiro, e está localizada após uma faixa de baixada de aproximadamente 6 km a norte do Maciço da Tijuca e 3 km da costa oeste da Baia de Guanabara no ponto mais próximo

> de seu relevo: o bairro da Maré. O maciço da Misericórdia chega a aproximados 260 metros de altitude em seu pico culminante a Serra do Juramento.
> Estende-se por 27 bairros do subúrbio carioca: Abolição, Bonsucesso, Brás de Pina, Cavalcante, Cascadura, Complexo do Alemão, Del Castilho, Engenho da Rainha, Higienópolis, Honório Gurgel, Inhaúma, Irajá, Madureira, Olaria, Penha, Penha Circular, Piedade, Pilares, Ramos, Rocha Miranda, Tomás Coelho, Turiaçu, Vaz Lobo, Vicente de Carvalho, Vila Kosmos e Vista Alegre.[6]

O texto acima traz algumas semelhanças com a carta, até mesmo reproduzindo algumas partes, mas possui também algumas diferenças, inclusive a que já foi citada antes com relação ao número de bairros. O contexto em que foi produzido também é bem diferente, assim como os objetivos que busca atingir. Trata-se de uma produção exclusiva do Verdejar, mais recente, já trazendo a Carta na sua "memória", e que faz parte de uma apresentação da instituição para o público em geral. Assim como a carta, esse texto está sendo utilizado aqui para apresentar a região, mas também serve como material a ser analisado sobre a forma como o Verdejar constrói essa região e como constrói a si mesmo no processo.

Em termos de localização espacial dentro da cidade do Rio de Janeiro, os mapas e fotografias em anexo podem ajudar o leitor a se situar e a situar os processos analisados nesta dissertação (figuras 1-4).

Para caracterizar e localizar a região, procuro utilizar como referência a delimitação da APARU, por esta definição ser usada pelo grupo e também pela ausência de outra definição precisa para os limites da Serra. No entanto, é preciso considerar que essa Unidade de Conservação não é tomada como referência nem mesmo pela esfera de governo que a decretou. Esse fato dificulta, por exemplo, a consolidação de dados, pois as pesquisas são feitas tendo como base os bairros, a Área de Planejamento 3, as Regiões Administrativas e até as comunidades, mas não a APARU. Por esse motivo, os dados são sempre aproximados, como demonstra esse trecho em que o Diogo apresenta a sua metodologia:

> Por exemplo, essa questão de um milhão de habitantes na Serra da Misericórdia, foi do censo do IBGE de 98, fiz uma tabela ali bairro por bairro da Serra. Peguei o mapa e vi quantos bairros tavam ali dentro. Depois fui pegando bairro por bairro desses e vendo a população, qual era o total da população. Aí depois fui vendo desses bairros quais que não tão todos inseridos dentro da APARU, porque tem bairros que tem uma parte que tá dentro da APARU e tem outras que tá fora. Aí fui vendo a proporcionalidade desse espaço: "esse bairro aqui tem 100 mil habitantes. Um terço dele tá de fora da APARU. Então vou colocar aqui, dentro da APARU tem menos um terço, são 60 mil habitantes." Fui fazendo esse levantamento, cheguei a 831 mil em 98, agora já deve passar de muito mais de um milhão.

De acordo com o decreto de criação da APARU, estariam situadas no interior dessa área 54 favelas. Entre elas, as que fazem parte do Complexo do Alemão, como o

[6] Verdejar – Proteção Ambiental e Humanismo. *Apresentação institucional*. 2005

Morro do Alemão e a Grota, e do Complexo da Penha, como a Vila Cruzeiro. Esses locais aparecem constantemente nos meios de comunicação tendo como referência a violência associada ao tráfico de drogas.

O fato de estar situada numa área de intensa ocupação urbana, tomada por rodovias, fábricas, prédios, casas e outras construções, valoriza a importância da Serra da Misericórdia, sendo constantemente explorada no discurso das entidades ambientalistas. Por esse motivo é que recebe o título de "última área verde da Leopoldina":

> E hoje a gente levanta a bandeira que a Serra tá completamente no centro da nossa Zona Norte, (...), a última área verde da zona da Leopoldina, que a zona da Leopoldina já tá completamente ocupada. E uma das últimas também da Zona Norte que a gente tem: "Ah, a Zona Norte tem muita área verde". Mas é lá encostado na... quase na periferia da Zona Norte que é lá na Tijuca, encostado nas montanhas. Na área central mesmo da Zona Norte não tem mais área verde nenhuma, é a Serra da Misericórdia ali e um ponto ou outro esparso. (Diogo)

Essa fala no caso estende a importância da Serra, enquanto "área verde", para além dos limites da APARU atingindo, praticamente, toda a "Zona Norte" da cidade. Mesmo dentro da APARU, a "área verde" está bem limitada. Segundo um laudo ambiental realizado a pedido das companhias mineradoras[7], a APARU possui 85,76% da sua superfície edificados (não deixa claro se neste percentual estão incluídas as favelas) e 2,36% ocupados pela mineração. Sobram então 11,88% de possíveis "áreas verdes", ou seja, áreas que ainda podem ser preservadas ou, na maior parte dos casos, "recuperadas".

Cabe ressaltar que o termo "Serra da Misericórdia", ou somente "Serra", possui diferentes usos por parte do Verdejar e por outros atores sociais para as mais diversas situações. Portanto, em alguns casos a "Serra da Misericórdia" corresponde à área delimitada pela APARU, em outros, corresponde apenas à "área verde", que são locais que, se já não foram reflorestados, ainda podem ser. Porém, é importante frisar que as pessoas ligadas ao Verdejar, sejam membros ou amigos, muitas vezes utilizam a palavra "Serra" referindo-se ao local ocupado fisicamente pelo grupo, partindo de uma trilha que se inicia na Rua Sérgio Silva, considerada como "o portal da Serra" ou até "do verde". Portanto, "vou lá na Serra hoje", em geral quer dizer que a pessoa vai na horta ou na "praça do meio" e outros espaços reconhecidos como sendo, de alguma maneira, ocupados pelo Verdejar. Essa identificação espacial ajuda a caracterizar o Verdejar

[7] FAPUR – Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2004.

como um movimento "da Serra" e "a Serra" como um espaço "do Verdejar". Em alguns contextos "ir ao Verdejar" pode ter o mesmo sentido de "ir à Serra".

**Histórias para pensar**

Em termos históricos, uma fonte de informações interessante é a dissertação de mestrado de Joaquim Justino Moura dos Santos intitulada: *Contribuição ao Estudo da História do Subúrbio do Rio de Janeiro: A Freguesia de Inhaúma de 1743 a 1920* (Santos, 1987). Este estudo é interessante não só por trazer elementos da história local, mas também por três motivos específicos: a) ele é de alguma maneira, apropriado pelo Verdejar, tendo sido através do grupo que eu cheguei até esse estudo; b) o autor trabalha em cima da categoria de "subúrbio", como já demonstra o título, e c) o foco é na história da Freguesia de Inhaúma, que abrangia boa parte das terras da Serra da Misericórdia e da qual o atual bairro de Inhaúma herda o nome e este é uma entidade importante no espaço simbólico do Verdejar. Ainda que o foco principal de atuação do grupo seja no bairro do Engenho da Rainha, a região é muitas vezes caracterizada como Inhaúma conforme demonstra esse trecho da fala do Edson em entrevista:

> Ali é Engenho da Rainha, só que durante muito tempo as correspondências chegavam como Inhaúma, por causa da linha do metrô que cortou o bairro. Então se falava "Inhaúma, Inhaúma, Inhaúma..." Inclusive os ônibus, eram Inhaúma. Aí, de um tempo pra cá, de bastante tempo pra cá, passaram a chamar: "não, Engenho da Rainha, não é Inhaúma". Aí, os ônibus começaram a botar Engenho da Rainha, aí, as correspondências passaram a chegar como Engenho da Rainha. Isso não tem tanto tempo não.

Ele deu essa resposta quando perguntei se ali era Engenho da Rainha ou Inhaúma, pois, apesar de saber que pela divisão oficial, a Sérgio Silva fica no Engenho da Rainha, já tinha ouvido inúmeras vezes as pessoas se referirem àquela região como Inhaúma. Possivelmente ainda é uma herança dos tempos em que tudo era Inhaúma.

Com relação à "história do subúrbio", Moura dos Santos faz o seguinte comentário: "reúne a maior parcela da população do município e, exatamente aquela que, por suas próprias condições sociais, tem menos acesso ao conhecimento de sua história" (1987, 1). Somando a essa afirmação o fato de que o próprio autor coloca como objetivo contribuir para que sejam feitos mais estudos que tenham o subúrbio como foco, pois, segundo ele, esses estudos seriam inexistentes, podemos alimentar a reflexão de que para a produção de uma "história local", é necessária a existência de

"historiadores locais". Ou seja, pessoas que, como ele, possuam uma ligação com o local e tenham acesso às técnicas e recursos necessários para a produção de pesquisas.

Ele não vai exatamente discutir o conceito de subúrbio a fundo, apesar de demonstrar em alguns pontos que a classificação do subúrbio no Rio de Janeiro nunca correspondeu à definição técnica do conceito, mas esteve muito mais ligada à definição do local de moradia do proletariado.

Essa contextualização histórica é fundamental para se pensar as atuais configurações sociais. Mais do que isso, é um elemento constitutivo do discurso do Verdejar. Por um lado, "o grupo", como é usualmente referido, aposta na apresentação da história local como forma de embasar e legitimar suas reivindicações. Nesse sentido, "a importância histórica da Serra da Misericórdia" reforça a necessidade da sua preservação. Por outro lado, conhecer "a história" oferece bases para a atuação do grupo na região. Então, se existe um esforço para embasar seu discurso em dados históricos, existe também um esforço para coletar esses dados. Esforço esse que, juntamente com outras iniciativas ainda isoladas, procura recuperar a história de uma região, de certa forma, "esquecida" pela academia. Tanto na historiografia como em termos de preservação do patrimônio cultural existente, são poucos os esforços que têm como foco essa área da cidade.

Portanto, pensar não na "história" local, mas em "histórias", além de situar o caso estudado no tempo, oferece elementos "bons para pensar"[8] não só sobre o Verdejar, mas também sobre as relações de "colonialidade" que pretendo trabalhar aqui.

A dissertação de Moura dos Santos (1987), citada acima, é a principal fonte acadêmica de dados históricos que utilizo aqui, pelos motivos já expostos. Apesar de não abordar diretamente a questão da Serra da Misericórdia, fazendo apenas quatro vezes referências a esse nome, e de não trabalhar de forma consistente o papel do relevo da região na história.

Essa dissertação tem como recorte a Freguesia de Inhaúma, tanto no tempo, da sua fundação como freguesia rural em 1743 até o seu desmembramento em áreas suburbanas em 1920, como no espaço, considerando as duas modificações ocorridas na área original. Tem como foco de análise os processos produtivos ocorridos no país durante o período e suas implicações na cidade do Rio de Janeiro e, especificamente na Freguesia de Inhaúma. Nesse sentido, traz dados importantes para se compreender o processo de urbanização dessa área e da cidade como um todo. Defende a hipótese de

[8] Pegando emprestada a expressão de Lévi-Strauss.

que todos os processos ocorridos na área seriam resultados de necessidades crescentes do capitalismo mundial que tinham na metrópole e no centro da cidade a sua materialização. Esse fato parece inegável; agora, como se davam essas "adaptações" na prática, as "traduções", os "improvisos", não é o foco dessa dissertação.

Moura dos Santos apresenta basicamente três períodos relacionados com a estrutura econômica e social da cidade e da função exercida pela freguesia. Seriam eles: a) no modelo agro-exportador de açúcar, Inhaúma se encaixava com plantações de cana de açúcar, e depois de café, abastecendo a metrópole, com o centro servindo como ponto de passagem de produtos agrícolas para o mercado externo e de escravos e produtos manufaturados para o mercado interno; b) com a queda do açúcar e o deslocamento das fazendas de café para outras regiões, e com o crescimento da população do centro da cidade graças ao seu "novo papel político como sede da capital do Império", Inhaúma passa a ter a função principal de abastecer o centro com alimentos. Finalmente, c) o processo lento de industrialização vai aos poucos transformando a freguesia em local de moradia para os trabalhadores das indústrias localizadas nas freguesias centrais. (1987, 8).

Em termos espaciais, Inhaúma sofreu duas reduções significativas no seu território no período analisado. Uma em 1873 quando foi criada a freguesia urbana do Engenho Novo e outra em 1903, quando Inhaúma se tornou o 19º distrito da cidade (Idem, ibidem). Em qualquer uma dessas versões, o território de Inhaúma abarcava a maior parte dos bairros hoje inseridos na APARU da Serra da Misericórdia, ficando de fora apenas aqueles que estariam dentro da antiga Freguesia de Irajá. A Serra da Misericórdia fazia a divisa entre essas duas freguesias rurais. Estamos trabalhando aqui com mais enfoque na Freguesia de Inhaúma por ser essa a região de atuação mais específica do Verdejar. De todo modo, segundo o autor, essas duas freguesias vão apresentar características muito semelhantes com relação ao processo de urbanização. A diferença é que as "mudanças" chegam primeiro à Freguesia de Inhaúma por esta ser a "área da zona rural, depois suburbana, mais próxima do centro da cidade" (1987, 2). No entanto, essas transformações não se dão de forma homogênea, pois vemos que a última área a perder as suas características rurais é o que ele classifica como "zona central" da freguesia, basicamente as terras do "Engenho da Rainha", justamente no foco de atuação do Verdejar.

Porém, a "história de Inhaúma" começa antes mesmo da fundação da freguesia e continua depois do seu desmembramento. Este trecho extraído do boletim do Verdejar, conta essa história de forma sucinta:

> Em 1565 o belíssimo vale de Inhaúma, passa a ser chamado de "tapera" (aldeia abandonada) os índios, sob controle, não ameaçavam mais os portugueses. Daí se intensifica a apropriação da região. As primeiras concessões de terras na tapera de Inhaúma visavam garantir a posse; explorar o que houvesse de valor comercial e evitar a invasão de outros paises. Essas terras foram entregues a religiosos, militares e funcionários do governo, para garantir o poder da coroa. Com o avanço do comércio e a necessidade de mudanças, Inhaúma e a cidade, foi se transformando... Já na metade do séc.19 a capital da república no Rio de Janeiro, iniciava seu período de modernização, os trilhos de trem era o marco que transpassava a cidade, dividindo as regiões que futuramente se tornaria o subúrbio... Inicio do séc.20 o prefeito Pereira Passos, tornava o centro da cidade num imenso canteiro de obras com o argumento de que uma capital federal precisava de ares mais modernos. A derrubada de velhos cortiços, foi fator decisivo, expulsando a população pobre para o subúrbio, que era o novo lugar de moradia da massa trabalhadora da nova capital. Inicio do séc.21, a cidade modificada por um meio ambiente degradado, poluição do ar o barulho em demasia e a quantidade de pessoas que agora tomam conta do espaço não se compara em nada com aquela cidade de inicio do séc.20. Nos morros, uma população de pessoas morando nas encostas, torna as favelas vista obrigatória e marca registrada de um desastroso plano urbanístico. A Serra da Misericórdia é um dos maiores frutos deste descaso! Até quando? (VPAH, 2006).

O trecho acima está claramente embasado na dissertação de Moura dos Santos, sintetizando a história apresentada pelo autor e oferecendo as bases para uma das figuras mais freqüentes no discurso do Verdejar: o histórico local de exploração econômica predatória e o descaso por parte das "autoridades". Seja a coroa portuguesa, o Império ou a prefeitura da cidade.

De acordo com Moura dos Santos: "Antes da chegada dos portugueses ao Brasil, Inhaúma havia sido habitada por índios Tamoios". Consta que em 1565 a região era conhecida pelo nome de "Tapera de Inhaúma". Tapera, na língua Tupi, teria o sentido expresso acima de "tabas abandonadas", já Inhaúma, na versão de Vieira Fazenda, com a qual o autor trabalha, assim como o Verdejar, seria uma corruptela de duas palavras: "nhã-um", ave preta (1987, 27). A região teria herdado, então, seu nome de uma ave, *Anhima Cornuta*, que existe em diversas partes do país e que teria vivido nas regiões pantanosas do Rio de Janeiro tendo sido extintas na região com o processo de urbanização. Possui uma penugem negra e recebe, em alguns lugares, o nome de "unicorne"[9], graças a uma espécie de chifre que possui na testa.

Uma outra versão é de que seria derivado da palavra nhae-u que designaria um tipo de argila, utilizado na fabricação de cerâmicas[10]. O interessante é que, realizando

[9] http://www.eln.gov.br/Pass500/BIRDS/1birds/p39.htm consultado em 13/05/07.
[10] http://www2.rio.rj.gov.br/governo/inhauma.cfm consultado em 13/05/07.

pesquisa sobre esse assunto na internet, acabei descobrindo que a cidade mineira com o mesmo nome, Inhaúma, também apresenta essas duas possibilidades para o nome e também prevalece a primeira versão, da ave[11]. De qualquer forma, sempre ouvi dos membros e pessoas ligadas ao Verdejar, a versão de Inhaúma como sendo o nome de uma das antigas habitantes da região, que seria uma das primeiras vítimas da exploração do local.

Durante o período estudado, o autor ressalta a capacidade da região em se adequar às mudanças estruturais no país e no mundo sem perder o seu vigor produtivo. Discorda dos autores que afirmam que houve períodos de estagnação, com a queda do açúcar por exemplo, e que a produção local teria se restringido a uma economia de subsistência. Ele recorre a dados sobre as ocupações econômicas e utilização do solo para demonstrar que a região rapidamente se adequava às novas realidades.

Considerando os dados apresentados, vemos que a região sofreu profundas transformações em termos de vegetação, recursos hídricos e relevo, desde antes da sua fundação como freguesia. Transformações essas que por sua vez influenciam diretamente outros fatores como o clima. As monoculturas de cana-de-açúcar e depois de café, contribuíram para a retirada da cobertura vegetal anterior e para o empobrecimento do solo, como ocorreu praticamente em toda a área então ocupada na cidade do Rio de Janeiro. Lembrando que a Floresta da Tijuca, por exemplo, foi "criada" por ordem de Dom Pedro II. Nesse processo o último século certamente foi muito significativo. O crescimento populacional sem precedentes, a exploração mineral, as indústrias, os automóveis, a construção de prédios e avenidas, a canalização dos rios, entre outros fatores, ajudaram a criar o atual cenário.

Por esse motivo, me concentro aqui no último período delimitado pelo autor, que vai do final do século XIX até 1920. É nesse período que Inhaúma completa a sua transformação da função econômica de fornecedora de produtos agrícolas para sua nova função de "zona residencial proletária" (1987, 251). Ele apresenta alguns fatores primordiais para essa mudança, todos ligados ao desenvolvimento do capitalismo industrial no âmbito mundial. O principal seria a proximidade com o centro da cidade, onde estavam localizadas as indústrias, e a comunicação facilitada, principalmente após a implantação das Estradas de Ferro. Outros fatores seriam a abolição do trabalho escravo, a queda no preço do açúcar e o deslocamento das lavouras de café, acelerando o processo de desmembramento de grandes propriedades. Nas palavras do autor:

[11] http://www.indi.mg.gov.br/municipios/m31000.htm consultado em 13/05/07.

> A antiga função econômica, pautada na produção de gêneros alimentícios agrícolas para o mercado da cidade, veio a dar lugar a novas formas de utilização do solo naquela região, atendendo aos estímulos e às novas necessidades que se colocavam, à medida que o espaço ocupado pela área central da cidade aumentava em função das inúmeras atividades ligadas ao processo de industrialização e urbanização que nela ocorriam. (1987, 146)

Aparece ainda um outro fator que foi decisivo para a configuração da Freguesia de Inhaúma e da cidade como um todo: as reformas urbanas promovidas no final do século XIX e, principalmente, início do XX, durante a administração do prefeito Pereira Passos (1902-06). Essas reformas remodelaram completamente o centro da cidade, abrindo novas ruas e avenidas, expulsando as populações empobrecidas dos cortiços e casas de cômodos que ocupavam para as péssimas condições de habitação nos morros próximos ou para fora das freguesias centrais. Nesse caso, a Freguesia de Inhaúma foi o destino principal.

No período de 1890 a 1906 a população dessa freguesia teve um aumento de 287,3%, superior a qualquer outra freguesia da cidade. O principal crescimento foi entre trabalhadores da indústria e domésticos que, ao que tudo indica, residiam em Inhaúma e trabalhavam no centro. Um indicativo disso é que nesse mesmo período houve também o crescimento no número de domicílios e uma queda nos estabelecimentos industriais na freguesia. (1987, 233)

Aquelas áreas que eram mais bem atendidas pelos sistemas de transporte tiveram um processo de urbanização mais precoce. Principalmente as áreas atendidas pela Estrada de Ferro D. Pedro II (depois Central do Brasil), como Cascadura, principal aglomeração urbana da freguesia na virada do século. Em seguida vieram as áreas atendidas pela *Leopoldina Railway*, como Olaria, Ramos e Bonsucesso. Da divisão entre essas linhas principais, veio a divisão entre "subúrbios da Central" e "subúrbios da Leopoldina", que caracterizam a atual "zona da Leopoldina". Como já foi dito, a área onde a presença do Verdejar é mais efetiva, nos atuais bairros do Engenho da Rainha e Inhaúma, que seriam integrantes da antiga fazenda Engenho da Rainha, foi uma das últimas áreas a ser urbanizada. Essa região era atendida pela Estrada de Ferro Rio do Ouro, que tinha três estações, entre elas a de Botafogo, depois Inhaúma, no local onde atualmente funciona a estação de Inhaúma do Metrô-Rio. No início do século XX essa área ainda contava com um número considerável de propriedades voltadas para a produção agrícola, mantendo, em parte, as suas características rurais. (1987, 196-207)

Outro fato importante que o autor ressalta é que a ocupação dessas áreas por trabalhadores assalariados das indústrias e manufaturas não se deu de forma aleatória, simplesmente por não terem outros lugares para ir. Houve um certo planejamento:

> No decorrer da administração Pereira Passos foi levado a cabo um verdadeiro projeto de urbanização e de novas formas de deslocamento e distribuição das camadas sociais no espaço, alterando de maneira muito significativa o modo de vida de grandes parcelas da população do município. (220)

A urbanização da Freguesia de Inhaúma e sua nova função de provedora de mão-de-obra assalariada para o centro criaram o subúrbio. Que, seguindo a lógica apresentada aqui, já surgiu como uma designação para o local de moradia das camadas mais pobres da população. Mostrando que a distribuição da população pela cidade atende a determinados interesses:

> A aliança entre o Estado e o capital à frente do processo de remodelação do Rio de Janeiro (...) beneficiava e proporcionava todas as garantias à reprodução da riqueza e do poder das classes dominantes. (222)

A remoção das cabeças-de-porco e outras edificações do centro, abriu espaço para uma remodelação da, já então, capital federal, valorizando os terrenos e possibilitando a instalação de estabelecimentos comerciais. Ao mesmo tempo a nascente burguesia se deslocava para as "áreas nobres" das "freguesias do sul" e os pobres eram deslocados para o subúrbio de onde, graças ao trem, poderiam se deslocar para o seu trabalho no centro. Como demonstra a citação de um texto de 1905, de autoria de Ferreira da Rosa, essa classificação de "subúrbio" já nasceu "fictícia".

> Esses subúrbios não tem existência própria, independente do centro da cidade; pelo contrário, a sua vida é comum, as suas relações íntimas e freqüentes; é a mesma população que moureja, no centro comercial da cidade, com a que reside neste, sendo naturalmente impossível separá-las. (...). É, talvez, isso que mais tem contribuído para tornar antes fictícia do que real a distinção, até hoje pouco definida, entre as zonas denominadas urbana e suburbana nessa capital. (Citado por Moura dos Santos, 1987, 243-244)

Moura dos Santos não aborda nessa dissertação, o papel da Serra da Misericórdia, enquanto um maciço montanhoso, na história da região. Ponto muito caro ao Verdejar e que se constitui em uma das "bandeiras" do grupo. Nesse trecho, o Diogo faz uma referência a esse papel, no sentido de afirmar a importância de a Serra da Misericórdia ser levada em consideração para a organização administrativa da cidade.

> Já na época das sesmarias, já na época da formação da cidade do Rio de Janeiro, os portugueses, os colonos que estavam aqui, consideraram a Serra da Misericórdia como o divisor entre duas freguesias rurais grandes no Rio de Janeiro. E era bem na Serra da Misericórdia a divisa. Da Serra da Misericórdia, pra leste, era a Freguesia de Inhaúma, (...) pro outro lado, era a Freguesia de Irajá, que já pegava uma outra região que ia até Campo Grande e o caramba. E a gente... olha só que interessante cara, a gente vem falando de maciço... e na verdade os caras na época já devem ter usado essa divisão por causa de todos esses fatores, bacia hidrográfica... talvez nem tanto com essa percepção tão técnica, mas obrigados por isso: *aqui é um paredão que divide duas áreas, a gente tem que considerar isso*. (destaque meu)

O relevo então se impõe como um condicionante para a ocupação local. É um fato concreto, está lá, presente no processo urbano e na vida de seus habitantes. O processo de ocupação ocorreu de uma determinada forma por causa da existência da Serra da Misericórdia.

Assim como a questão do relevo, determinadas "histórias" da região são valorizadas no discurso do Verdejar, por trazerem dados culturais importantes para a formação de uma identidade local, que deveriam ser "resgatados", como demonstra essa fala do Edson:

> Preocupação com a cultura do lugar, de resgatar a história do bairro, falar de Carlota Joaquina, essa história toda que ali tem. O Casarão, a Fazenda das Palmeiras, ali tem um valor histórico incrível, só que o descaso do poder público detonou aquela área ali, detonou geral. As estradas... a Automóvel Clube ali, a Suburbana, passava ouro de minas por ali, o Porto de Maria Angú. A Praia de Inhaúma que existe até hoje, que é totalmente degradada. A própria Praia de Ramos. Tem uma história cultural ali danada. E a história cultural se confunde claro com a história ambiental.

"Falar de Carlota Joaquina" significa falar do "Engenho da Rainha", fazenda de propriedade da esposa de Dom João VI, Rei de Portugal, Dona Carlota Joaquina. O atual bairro herdou dessa fazenda o seu nome atual e possui ainda algumas construções remanescentes do período que, segundo o grupo, estão totalmente abandonadas. A casa da rainha foi demolida assim como muitas outras.

No decorrer do século XX a região da antiga Freguesia de Inhaúma, já desmembrada em bairros, fortaleceu a sua função de "morada de trabalhador", com a inovação de que, principalmente nas últimas quatro décadas, algumas atividades industriais se instalaram em bairros como Del Castilho, Ramos, Olaria, Inhaúma e outros. As encostas da Serra da Misericórdia viram o surgimento e a expansão das favelas, principalmente, na segunda metade do século. Como o Morro do Alemão, que dá nome ao complexo e que teria surgido em 1951, quando o "Alemão" (que na verdade era polonês), dono das terras, dividiu e vendeu os lotes.[12]

[12] http://www.raizesemmovimento.org.br/onde_estamos.asp consultado em 21/05/2007

Nesse quadro de exploração histórica do solo e da população, como falar em "meio ambiente"? Como estruturar um grupo "ambientalista"? Como associar "natureza" e "favela"? Antes de chegarmos essas questões, é preciso descrever um dos pontos centrais para o caso.

## 1.2 Mas afinal, o que é essa tal de "APARU"?

Para se pensar a APARU, é preciso retomar o histórico da delimitação de áreas protegidas na política e na legislação ambiental do Brasil, que tem como marco recente a implantação do SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação[13]. O SNUC vem consolidar alguns pontos da política nacional de meio ambiente que já estabelecia alguns tipos de áreas protegidas.

A história da demarcação de áreas protegidas já foi amplamente analisada, desde o seu surgimento nos Estados Unidos até o SNUC, passando pelo Parque Nacional de Itatiaia, primeira área criada no Brasil, em 1937.[14] Por isso, vou me ater aqui somente à conceituação da APARU, ao surgimento desse instrumento legal e à criação da APARU da Serra da Misericórdia.

A APARU é uma figura específica da cidade do Rio de Janeiro, criada pelo Plano Diretor decenal, em 1992[15]. Possui características semelhantes à APA – Área de Proteção Ambiental, porém introduz esse componente da "recuperação urbana", sendo voltada especificamente para áreas urbanas degradadas, ou seja, "favelizadas". A lei que estabelece o Plano Diretor traz, no seu artigo 124, o seguinte texto:

> Art. 124 - As Unidades de Conservação Ambiental classificam-se em:
> I - Área de Proteção Ambiental - APA, de domínio público ou privado, dotada de características ecológicas e paisagísticas notáveis, cuja utilização deve ser compatível com sua conservação ou com a melhoria das suas condições ecológicas;
> II - Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana - APARU, de domínio público ou privado, a que apresenta as características descritas no parágrafo anterior e depende de ações do Poder Público para a regulação do uso e ocupação do solo e restauração de suas condições ecológicas e urbanas; (...)

Esta lei é anterior ao SNUC, mas não apresenta características conflitantes com o mesmo. Até o fato de a categoria APARU não estar presente no SNUC não cria

[13] Lei Nº 9.985 de 18/07/2000.
[14] Como referência sobre esse histórico, ver Diegues, 2001.
[15] Lei Complementar nº16, de 04 de junho de 1992.

nenhum impeditivo para sua regulamentação ou para a decretação de novas unidades. Isso fica claro no artigo 6º:

> Parágrafo único. Podem integrar o SNUC, excepcionalmente e a critério do Conama, unidades de conservação estaduais e municipais que, concebidas para atender a peculiaridades regionais ou locais, possuam objetivos de manejo que não possam ser satisfatoriamente atendidos por nenhuma categoria prevista nesta lei e cujas características permitam, em relação a estas, uma clara distinção. (SNUC, 2000)

Se considerarmos, como indica a lei municipal, que a APARU possui as mesmas características de uma APA, mas com alguns acréscimos, podemos transferir alguns preceitos do SNUC referentes à última, para a primeira. O SNUC define como UC – Unidade de Conservação:

> ...espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção; (Art. 2º, inciso I)

Essas UCs são divididas em dois tipos: as de "proteção integral" e as de "uso sustentável". A APA aparece no SNUC sob a classificação de "uso sustentável", o que significa uma flexibilidade maior com relação à presença e à atividade humanas na unidade. No caso da APA, o SNUC traz a seguinte definição:

> A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. (Art. 15)

Segue-se definindo que a APA pode ser constituída por "terras públicas ou privadas" e que estas podem conter atividades dentro de um determinado limite e de um zoneamento que deve ser estabelecido pelo "Plano de Manejo" e gerido pelo "Conselho Gestor" da entidade. O Plano de Manejo é o instrumento que vai regular toda a utilização do espaço da unidade de conservação, procurando conciliar interesses divergentes. O Conselho Gestor é responsável pela administração, e deve ser "presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e da população residente". (Art. 15, § 5º)

O decreto da APARU da Serra da Misericórdia certamente foi resultado da luta dos grupos presentes ali naquele momento, como demonstra esta fala do Luiz Poeta feita no 2º seminário da Serra, em 2006, referindo- se ao primeiro seminário em 1999:

> Nesse seminário conseguimos um comprometimento do poder público e uma proposta do poder público. A gente pedia um Parque e o poder público propôs uma APARU. E isso nos interessou bastante, já que era uma Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana. Iria também regulamentar todo o entorno da Serra, regularizar a questão urbana do entorno da Serra. E isso foi em agosto, em novembro teve o decreto da APARU, o decreto 19.144. E realmente foi uma vitória, foi considerada, a grande vitória do movimento ambiental na Serra, que na época contava com 5 grupos, que eram: Bicuda Ecológica, Verdejar, Os Verdes, CEPEL, que era sediado na FioCruz, e o extinto CONSA.

Este é um grande marco na história do Verdejar e da Serra da Misericórdia e que foi muito comemorado, como o Luiz Cícero conta:

> ...dia 14 de novembro, uma noite chuvosa, eu lembro como se fosse hoje, eu tava na Serra, eu vejo um monte de louco, tava até meio bêbado, gritando e cantando: uh, uh, uh é APARU, uh, uh, uh é APARU. Dava pra ouvir lá debaixo esse grito né. Aí vem o Luiz, vem Diogo, vem o Edson, vem o Alex gritando: uh é APARU. Foi decretada, uma primeira alegria.

O movimento ambientalista foi determinante para a criação da APARU; no entanto, a própria lei municipal que cria a figura da APARU, dentro do Plano Diretor faz duas referências importantes à Serra da Misericórdia. A primeira no inciso XXI, do parágrafo 67 (referente ao "uso e ocupação do solo para a AP3") que estabelece como diretriz a "criação de unidade de conservação na área do Instituto Oswaldo Cruz e na área remanescente da Ilha dos Macacos, em Manguinhos, e nas Serras da Misericórdia e do Engenho Novo;" A segunda no Anexo III que define a "Delimitação das Macrozonas de Restrição à Ocupação Urbana". Ainda que a área que hoje corresponde à APARU apareça fragmentada em duas "macrozonas": a da Serra da Misericórdia e a do Morro do Juramento. Portanto, no principal instrumento de orientação para a organização espacial da cidade, já estava afirmada a importância da Serra da Misericórdia enquanto objeto de ações do Poder Público.

O Decreto nº 19.144, de 14 de novembro de 2000, que cria a APARU da Serra da Misericórdia, traz em suas considerações iniciais a seguinte definição:

> CONSIDERANDO que a Serra da Misericórdia é constituída pelo conjunto de elevações referentes aos morros do Sapê, da Serrinha, do Dendê, do Juramento, dos Urubus, do Caricó, da Fé, do Sereno, do Alemão, da Baiana, das Palmeiras e do Engenho da Rainha e de Bonsucesso, todos localizados na Área de Planejamento 3 do Município;

Essa é uma definição inicial. O curioso é que no momento em que se definem os limites dessa APARU, as referências já não são mais os morros, e sim ruas e avenidas como a Martin Luther King Jr. (antiga Automóvel Clube) e a Linha Amarela,

que fazem o perímetro da APARU, constituindo uma área total aproximada de 3.695 hectares, o que daria 36,9Km², contrastando com os 43,9Km² apresentados na Carta como área total da Serra.

Os objetivos para a criação da APARU estão expostos no Artigo 1º:

> I - recuperar parte dos domínios originais de mata Atlântica da região;
> II - promover a compatibilização entre o aproveitamento do solo e a defesa do meio ambiente, mediante a revisão dos parâmetros de uso e ocupação do solo;
> III - promover a regularização das favelas existentes, nos seus aspectos fundiário, urbanístico e ambiental;
> IV - promover o controle do crescimento das favelas existentes;
> V - estabelecer prioridades para projetos e ações de recuperação ambiental e urbanística em sua área;
> VI - proteger e recuperar os mananciais existentes;
> VII - desenvolver a recreação, o lazer e o ecoturismo compatíveis com os demais objetivos da APARU e com o Plano de Manejo a ser criado para a área;
> VIII - promover o desenvolvimento de programas de educação ambiental;
> IX - ampliar o patrimônio ambiental público do Município;
> X - preservar e ampliar a biodiversidade;
> XI - melhorar a qualidade de vida da população local.

Esses objetivos demonstram que "proteção ambiental" e "recuperação urbana", são consideradas como duas coisas diferentes. São interdependentes, mas são diferentes. A própria existência de uma APARU, ao invés de uma APA, indica essa visão. Dessa forma, poderíamos até dividir esse objetivos entre os "puramente ambientais", como o inciso I, e os relacionados a outros "aspectos" da recuperação urbana, inciso III. Apesar de trazer aspectos "humanos" para dentro de uma UC, faz isso reforçando essa dualidade com a "natureza", traduzida aqui em "meio ambiente". Essa reflexão faz parte da discussão central desta dissertação e que será trabalhada ao longo dos diferentes capítulos.

Gostaria de destacar também o artigo 5º pelo qual:

> ...ficam proibidas quaisquer atividades potencialmente degradadoras ou modificadoras do meio ambiente, ou em desacordo com o Plano de Manejo, tais como:
> I - novas frentes de extração de recursos minerais;
> II - alteração do perfil natural do terreno;
> III - supressão total ou parcial da cobertura vegetal existente sem a devida autorização;
> IV - ações que danifiquem, impeçam ou dificultem a regeneração da vegetação nativa;
> V - atividades capazes de provocar erosão, assoreamento ou alteração dos cursos hídricos;
> VI - utilização de fogo para a destruição de lixo, limpeza de terreno ou como prática agrícola;
> VII - lançamento de efluentes sem o devido tratamento;
> VIII - lançamento de resíduos sólidos sem destinação final adequada;
> IX - criação de gado bovino, eqüino, suíno e caprino nas encostas.

Essas restrições trazem diversos pontos-chave dos conflitos vivenciados pelo Verdejar, o que faz sentido, pois a repressão sempre recai sobre atividades pré-existentes. No entanto, ao longo da pesquisa pude constatar que todas as atividades citadas continuam acontecendo e que, onde elas diminuíram, foi graças à ação do Verdejar, da Bicuda Ecológica, de outras associações e até de moradores isolados. A ação só da prefeitura se deu apenas como reação à iniciativa desses atores. Outro ponto interessante é que a atividade mineradora só é considerada como "potencialmente degradora" no caso de abertura de novas frentes, fato que é profundamente contestado pelos atores citados.

O Decreto segue determinando que a APARU fica sob tutela da SMAC – Secretaria Municipal de Meio Ambiente, e que a gestão deverá ser feita através de conselho "por ela presidido, constituído por órgãos públicos, por organizações da sociedade civil, e por representantes da população residente em sua área de influência" (Art. 6º). Aponta ainda a necessidade de criação de um Plano de Manejo e determina a criação de um grupo de trabalho para a elaboração do "ato de regulamentação da APARU"

A APARU da Serra da Misericórdia foi a terceira, e última, a ser criada no Rio de Janeiro. As primeiras foram a do Alto da Boa Vista, no bairro de mesmo nome, e a do Jequiá, na Ilha do Governador, na área da colônia de pescadores Z-10 (com áreas de 3.212,39ha e 145ha, respectivamente). Segundo relatório do Tribunal de Contas do Município (2004), nenhuma de das três foi efetivamente implementada, não possuindo Conselho Gestor, ou Plano de Manejo, que não existe em nenhuma UC municipal no Rio de Janeiro, mesmo sendo instrumento obrigatório para todas as UCs.

O caso específico da APARU da Serra da Misericórdia no que diz respeito à atuação do Poder Público municipal, bem como das demais esferas, será analisado no capítulo 4.

### 1.3 A Comunidade Sérgio Silva

Se a Serra da Misericórdia é o sentido da existência do Verdejar e sua referência principal, a comunidade localizada na Rua Sérgio Silva, no Engenho da Rainha, é o seu "endereço" e sua referência local. Utilizo o termo "comunidade" aqui enquanto uma categoria nativa amplamente utilizada pelo Verdejar e também por moradores do local que não possuem ligação com o grupo. Embora seja algumas vezes

referida como "favela", aparecendo sob esse título inclusive em documentos da prefeitura, pude perceber que essa definição está longe de ser uma unanimidade entre os moradores.

A intenção aqui não é fazer uma etnografia da comunidade, mas fazer uma caracterização de um elemento importantíssimo para se analisar os discursos e práticas do Verdejar. Nesse sentido, apresento uma descrição que está baseada nas minhas observações e conversas com alguns moradores e, também, nas entrevistas realizadas. É ainda, mais uma oportunidade de analisar o discurso do Verdejar e de seus membros, agora sobre essa comunidade.

A Rua Sérgio Silva é uma pequena ladeira de paralelepípedo que começa na Av. Ademar Bebiano (antiga Estrada Velha da Pavuna) e continua até um largo, conhecido exatamente como o "larguinho da Sérgio Silva", sempre ladeada pelo "muro dos grileiros"[16] à direita de quem sobe. Ali, seria o final da rua de acordo com os mapas da cidade. No entanto, a rua prossegue ainda por quase um quilômetro, agora sem calçamento, acompanhando uma adutora da CEDAE, sobre a qual muitas casas estão construídas. No seu verdadeiro fim, a rua termina nas encostas da Serra, numa parte com uma vegetação bastante densa, de onde avistamos logo acima, casas da "favela" (conforme definição dos entrevistados) Nova Maracá.

A comunidade propriamente dita começa no larguinho, onde já existem algumas casas e uma oficina de automóveis. Seguindo pela rua de terra, no começo, as casas são bem coladas umas nas outras, sendo comum a construção de pequenos prédios de dois ou três andares, cada um ocupado por uma família diferente, nos dois lados. Do meio para o final da rua, as casas começam a ficar mais espaçadas, algumas já possuem um pequeno quintal e, do lado esquerdo de quem caminha, existe um sítio com uma grande área de terreno com muitas árvores plantadas. Por esse sítio, descendo da comunidade, passa um pequeno córrego tomado pelo lixo e com um cheiro nem um pouco agradável. À direita, por trás das casas, sobem as encostas da Serra. No final da rua há algumas casas maiores, e um prédio de quatro andares em fase final de construção. Ao longo dessa rua existem ainda alguns pequenos becos, que dão acesso a outras casas.

De volta ao larguinho, há um espaço que está acima do nível da rua coberto com telhas de amianto e aberto nas laterais. Esse espaço, que pertenceria à Associação de Moradores (que não existe mais), é utilizado pelo Verdejar como palco em dias de

[16] Ver capítulo 4.

eventos. Ao lado desse palco existe um "portal" no muro, todo decorado com motivos ecológicos, que leva à trilha que conduz à "sede" do Verdejar. Antes de subir por aí, à esquerda desse portal sobe o "beco da Sérgio Silva". Um caminho para pedestres pavimentado com cimento, com casas dos dois lados que segue por cerca de 300 metros até chegar na "horta" e no "horto", espaços utilizados pelo Verdejar. De lá partem as trilhas para a Serra. No beco, até onde pude perceber, todas as casas são de alvenaria, algumas ainda em processo de finalização.

Os dados referentes ao número de casas e habitantes são de 1991 e com certeza estão muito defasados. Nesse ano, foram contadas 90 casas e 359 habitantes[17], sendo que nessa época ainda não havia nem mesmo o "beco", que, pela minha contagem, possui cerca de 30 casas. Se mantivéssemos a mesma proporção habitante/casa de 1991, teríamos por volta de 470 moradores sem levar em consideração o crescimento ocorrido na parte de baixo.

Com relação ao surgimento da comunidade, o Edson deu o seguinte depoimento:

> Eu não sei muito. (...) Pelo o que eu sei, ela existe há um tempão, mais de 60, 70 anos; só a rua, aquele larguinho, não tinha casa. Era só a rua, ia até o largo e era capinzal em volta. Mato. (...)Se for contar a época do sítio, do pessoal lá do sítio, deve ter essa época assim, 50, 60 anos, que eles são antiqüíssimos ali na área. (...). Pra tu ver, tem cara com 40 e poucos anos criado lá...

Ainda segundo o depoimento dele, a ocupação começou não pelo larguinho (como eu imaginava), mas por onde hoje é o meio da rua:

> Os moradores começaram a ocupar ali, até onde eu sei, pelo meio da rua. (...) Por trás do mercado passa uma rua chamada São Patrício. Dessa São Patrício tinha uma subida, o pessoal começou a construir subindo pela São Patrício. Que eu lembro que muito antigamente tinha uma passagem da Sérgio Silva pra São Patrício, debaixo. (...). Mas eu lembro que a galera contava altas histórias que eles não passavam pela Sérgio Silva porque era o maior matagal, tinha o maior medo, sabe. Só passavam pela São Patrício, subia e descia, (...). Aí quando começou a expandir, do meio pras pontas, a galera começou a construir mais pro lado da rua. Foi nessa que eles começaram a tirar o capim, e fizeram a rua, de barro até hoje.

Ou seja, as casas onde atualmente é o final da rua, são mais antigas do que as casas do começo. O "matagal" aparece nessa fala como fonte de medo, o que pode ser visto também na sua fala sobre "histórias de assombração", segundo ele herança da origem nordestina da maioria dos moradores:

> Porque ali é muito nordestino né cara, a minha mãe, minha mãe é nordestina, porra, tem uma porrada ali, tem muito, acho que a maioria daquela comunidade ali é

[17] IPLANRIO, 1991.

> nordestino, pelo o que eu conheço ali cara, acho que a maioria... Maioria mesmo. Então esse pessoal tinha muito aquelas histórias de lá né. Minha mãe contava altas histórias que o avô contava, do bicho não-sei-o-quê, do Caipora, que tinha que botar fumo. Aí a gente ficava viajando que na serra não tinha fumo: "caralho, se o Caipora me pega eu tô fudido!"

A Relação da comunidade com "o verde", na linguagem do Verdejar (as áreas não construídas, às vezes arborizadas, mas em geral cobertas por capim que cercam a comunidade), é um fator importante da própria relação com o Verdejar que será trabalhada adiante.

O surgimento do beco, aumentando o tamanho e o número de casas da comunidade, foi um acontecimento recente, por volta de 1997, e importante tanto para a dinâmica local, como para o surgimento do Verdejar. Esse surgimento se deu através de uma prática que, segundo as entrevistas, é freqüente na região.

> Alguns moradores começaram a cercar pra fazer horta, grandes hortas. Tinha o..., que mora lá até hoje, ele foi um dos principais pivôs do surgimento daquele beco ali atrás, aquela invasão. Ele cercou uma parte, um terreno grandão, ele é da Paraíba também. Começou a cultivar, aipim, tinha um cultivo, várias coisas. A Dona... também, (...), fez um cercado. Aí começou um processo de eles começarem a vender, começaram a lotear a horta deles cara! Olha que viagem! Vender pra parente, vinha um parente do norte: mora aqui nesse pedaço, pum! Vinha um cara de fora: queria comprar um terreno... Ah, compra aqui, pum! Nessa, que ele começou a vender, ele vendeu a parte da horta dele toda. E foi mais ou menos a época que a gente começou... (Edson)

Segundo a fala de diversos moradores, o surgimento do beco e a chegada de novos moradores, originou uma divisão na comunidade. Na conversa com alguns moradores "de cima", eles disseram que um dos problemas da comunidade era a falta de união, provocada pelo preconceito do "pessoal dali debaixo". Como demonstra o Luiz Cícero:

> ...até ali existe um conflito de classes. Porque quem mora embaixo acha que mora melhor do que quem mora em cima. Isso afasta; então as pessoas ali não se dão muito ali, alguns não se chegam uns aos outros, não criam uma unidade. Até ali dentro mesmo, eu não conheço bem que eu não moro dentro da comunidade, posso tá ali até mais como mero observador e freqüentador, no sentido de tá convivendo com as pessoas, mas o pouco que eu vejo ali é que até entre eles mesmos, os próprios moradores, vizinhos, os conviventes ali, existe uma briga: "não, quem mora lá embaixo é melhor do que quem mora lá em cima, que é invasão". E quem mora lá embaixo são pessoas que moram ali há muito mais tempo. Então acabam criando essas dificuldades entre eles mesmos.

À primeira vista, parece mais um conflito do tipo "estabelecidos e *outsiders*"[18], do que propriamente um "conflito de classes". Tanto "embaixo", como "em cima",

[18]Elias e Scotson, 2000.

existem pessoas com diferentes ocupações profissionais e diferentes faixas de renda. A causa do conflito parece ser muito mais o fato de uma parte da população já estar estabelecida quando chegam os novos moradores. Aparentemente, a ocupação das duas partes se deu de forma muito parecida. O que faz com que o "beco" seja invasão, e a "rua" não, é o tempo de permanência no local. Esse tempo é o que faz também com que, em algumas visões, a parte de cima seja classificada como "favela" e a de baixo não. No entanto, esta é apenas uma hipótese, e a pesquisa realizada para esta dissertação não oferece uma base segura para confirmá-la.

No mês de abril de 2007, o Verdejar começou a planejar a realização de um diagnóstico da comunidade e eu participei desse planejamento. Ficou decidido que o ideal seria promover a participação da comunidade na elaboração da metodologia e na realização de todas as etapas de realização do diagnóstico. O primeiro passo seria então fazer uma reunião para discutir com os moradores. Essa reunião ficou marcada para o dia 20 de maio. Pensamos que a convocação para essa reunião deveria ser feita de porta em porta. Participei dessa convocação no beco, o que possibilitou que eu conversasse com alguns moradores sobre algumas características da comunidade. Em geral, as pessoas pareciam estar mais dispostas a falar dos "problemas", sendo que a água e a "falta de união" foram os mais citados. Quando perguntamos sobre coisas boas da comunidade, o fator principal foi a "tranqüilidade", numa referência ao fato de o tráfico de drogas não ter se estabelecido efetivamente na área. Essa tranqüilidade, no entanto, está sempre ameaçada colocando como ponto forte a "preocupação em não virar favela!"

## 2. TRAJETÓRIAS

Um dos pontos que estou defendendo é que a prática ambientalista do Verdejar se constrói a partir das experiências de vida de seus integrantes, especialmente na relação com a Serra da Misericórdia. A pesquisa que realizei, por sua vez, foi construída a partir da fala de alguns integrantes da "diretoria" do Verdejar. Assim é que os apresento aqui como os personagens centrais desta dissertação, utilizando ao máximo seus depoimentos sobre tais experiências.

Com relação a esses relatos, busco apoio nas reflexões de Bourdieu (1998) no sentido de que toda biografia, assim como "histórias de vida"[19] ou "trajetórias", é uma seleção de "fatos" extraídos de um suposto "todo" chamado "vida" e amarrados a partir do contexto em que ela está sendo apresentada. Mais do que a descrição de um passado objetivo, ela representa a expressão de um presente subjetivo. A pessoa vai contar a "sua história" de acordo com os seus interesses, sentimentos e conhecimentos existentes no momento em que está contando. Nesse sentido, a forma do contar é tão importante quanto o conteúdo. Do mesmo modo, quando apresento aqui as "trajetórias" dessas pessoas, também faço escolhas, recortando os relatos nas formas que acho mais relevantes para esta dissertação.

Para sintetizar um pouco esses pensamentos, cito aqui o pequeno poema que está na capa do livro de poesias chamado *Panorama Emocional* (2006), do Luiz Poeta, ou, nesse caso, "Luiz Euz":

...Perguntando
Aos seus muitos Eus
Quem são mim?
Quem são mim?
Quem são mim?

### O "Poeta"

O Luiz "Poeta" é reconhecido por todos os outros como aquele que deu o impulso inicial para a formação do Verdejar e, de certa forma, encarna a entidade na sua pessoa. É o único dos fundadores que ainda está sempre presente no dia-a-dia do grupo e é também o único que se dedica exclusivamente às atividades do Verdejar. Atualmente mora numa casa alugada ao lado da horta na Sérgio Silva.

Ele está com mais de 50 anos, bem acima da maioria dos demais membros e simpatizantes do Verdejar e dos freqüentadores da Serra. No entanto, isso não impede

[19] Nas palavras do autor: "uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico" (1998, 183).

que esteja sempre lá capinando, cuidando da horta, plantando mudas, subindo a Serra... Também não impede que dê seguimento aos estudos, estando atualmente cursando o segundo ano do ensino médio. Tendo exercido a profissão de marceneiro durante boa parte da vida, ele diz que sempre esteve preocupado com questões sociais e com vontade de fazer alguma coisa. Quando perguntei se ele seguia alguma linha específica, ele respondeu o seguinte:

> Na realidade eu pensei assim um grupo específico que veio na minha cabeça né. Que era o Florão da América, GAFA, Grupo de Apoio Florão da América, que não pretendia assumir nenhum poder, mas apoiar algumas iniciativas do povo. Isso é devido a eu ter algumas notícias de deputado que tava querendo agir certo e latifundiários matavam. Teve o caso de um deputado no Pará né. Aí esse grupo eu vim pensar que ele seria um eliminador mesmo, um grupo justiceiro, mas seria apoio a alguma política boa, alguma iniciativa do povo que fosse boa. E durante um tempão eu ficava com isso na cabeça. Mesmo trabalhando de marceneiro, isso ficava como um sonho...

Seguindo nessas preocupações, chegou até a pensar num novo regime político: o "sapienlismo":

> Nos anos 80 também, ao não concordar com o plebiscito do sistema de governo, parlamentarismo, monarquia e presidencialismo, eu não concordava com nenhum dos três. Aí eu, comigo, com meus botões, eu pensei também num sistema que não fosse nada disso. Que mais tarde eu fui ver que era muito parecido com o anarquismo (...). Eu passei a pensar nesse tal de sapienlismo, que eu chamava de sapienlismo, um sistema que as comunidades resolveriam seus problemas...
> [*Como é que é o nome?*]
> Sapienlismo, é a questão de sapiência né, vem de sapiência. O ser humano usar mais a sua sapiência assim, já que a gente difere tanto dos outros animais... A gente pode modificar a natureza pro mal né, que pudesse modificar muita coisa pro bem.

Nesse processo de preocupação com a realidade social começou a sua "consciência ambiental", que nasceu junto com a sua atividade artística que lhe valeu o apelido:

> A minha consciência ambiental começou assim nos anos 70 após a... que eu nem sabia que tinha acontecido, depois eu vim descobrir, que foi a primeira conferência da ONU pro meio ambiente que foi Estocolmo. Até ouvi o primeiro samba ambientalista que foi do Paulinho da Viola (cantando): *Não sei se o homem vai dar um jeito... desconsiderando a razão, que o homem vai dar um jeito na situação. É sempre uma nova esperança que a gente alimenta de sobreviver...* Falava da cidade do Rio de Janeiro, aquela que foi a mais linda cidade, e já era um samba ambientalista. Aí em 78 eu fiz os meus primeiros poemas, que foram ecológicos, e foi aonde eu comecei a ter a consciência. Mas não praticava.

Essa "consciência" veio bater mais forte se transformando em vontade de agir já nos anos 90:

> No início dos anos 90 eu comecei a sentir vontade de entrar pro Greenpeace. Comecei a sentir essa coisa de meio ambiente mais forte, mais preocupado, já procurava ver... Até me lembro que eu li assim no inicio dos anos 90 (...), eu li no Jornal do Brasil, uma reportagem que dizia que depois do ano 2000, a ecologia ia ser a principal religião da humanidade. Que todos os grupos iriam congregar. Até as religiões e tal. Então eu vinha lendo essas coisas e me interessando bastante.

Antes disso, o Poeta conta que viveu fases bem curiosas para um ambientalista:

> Desde criança, fui criado no morro, (...) e a gente tinha aquela influência. Balão, eu era muito apaixonado por balão. Às vezes escalava ali a Serra dos Três Rios, o maciço da Tijuca pra ficar esperando balão ali à noite. E no final dos anos 70, início de 80, a gente formou uma equipe de baloeiro ali no loteamento... ali na Fazendinha de Inhaúma. (...). Aí, como baloeiro organizado, foi de 78 até 81, até eu mudar do Rio. Já soltava antes, mas quando a gente formou a equipe mesmo foram uns três anos. Soltando balão grande, balão com lanterninha pra caramba (...) eu cheguei a soltar balão com 1.200 lanterninhas. (...). Eu considero que eu tinha várias coisas assim anti-ambientalista: marceneiro, baloeiro, cortava árvore de brincadeira e tacava fogo em mato de brincadeira também. Fazia matoboard e tacava fogo no mato! Essas quatro coisas assim contrárias...

Um dos principais problemas com os quais o Verdejar convive atualmente, é o fogo que consome anualmente, durante as secas, as mudas plantadas anteriormente. Uma das principais causas de incêndios na Serra, assim como em outros lugares, são os balões. Pensando nisso, é interessante olhar para o processo de "conversão" do baloeiro em ambientalista. É claro que isso não se deu de uma hora pra outra, o que se confirma pelo fato de que, quando ele fazia parte de um grupo de baloeiros, sua "consciência ambiental" já havia sido despertada. Quando perguntei a ele sobre o que ele pensava a respeito dessa história, ele respondeu o seguinte:

> Eu vejo natural pelo o que eu passei, mas agora eu não concordo mais, de jeito nenhum. (...). Numa época eu cheguei a pensar várias soluções pro balão, com a preocupação... porque eu sempre achei assim uma arte popular. Imaginava soltar só no autódromo, fazer um balódromo lá no autódromo à noite, de jeito que caísse no mar. Ou então fazer balão a controle remoto... Com dó de acabar... Agora não, agora me desprendi mesmo.

Retomando Bourdieu (1998), as identidades de "baloeiro" e "ambientalista" são bastante contraditórias e só podem ser associadas numa "história de vida" a partir de um ponto externo como uma construção abstrata. Nesse caso isso é feito pelo Luiz, mas com a minha interferência, com o foco na transformação do "baloeiro" em "ambientalista". O "antes e o depois". Transformação essa que é o que faz a ligação entre esses dois "eus" do Poeta que nunca é totalmente rompida. O trecho a seguir pode ser visto como uma metáfora dessa passagem:

> Uma das fotos mais belas que a gente poderia ver, que poderia ser feita, foi um balão que eu vi caído aqui na Serra, um balão pequeno que caiu ali na Praça do Meio, ficou com a boca pra cima e o passarinho veio e fez um ninho na boca dele, no arco da boca dele. E eu pensei em arrumar uma máquina fotográfica mas não arrumei na hora. Passou dias pegou fogo na Praça do Meio, queimou o balão com ninho e tudo.

O causador de incêndios e antigo artefato do "baloeiro" é "reciclado" pelo passarinho em objeto da admiração do "ambientalista", para em seguida ser consumido pelo fogo que pode, inclusive, ter sido causado pela queda de outro balão.

"Nascido e criado" nos arredores da Serra da Misericórdia, o Poeta conta que o contato realmente com a Serra, com esse nome e já com a perspectiva ambientalista, se deu no início da década de 90 enquanto morava em Curitiba. O período em que viveu nessa cidade, aliás, foi, segundo ele, essencial para a sua formação como ambientalista e para o Verdejar, tendo influenciado nos seus pensamentos sobre a Serra. No trecho abaixo ele conta um pouco dessa história:

> Essa parte da Serra veio acontecer em 91, quando eu morava em Curitiba. Eu já tinha essa curiosidade, em Curitiba, de ir nos parques ecológicos que tinham, bastante acessíveis, e já comparava ao Rio de Janeiro: "Caramba, o Rio de Janeiro não é assim", você ter parque ecológico próximo da periferia. Aí em 91 eu vim no casamento da minha irmã e pela primeira vez eu subi na Serra por esse lado aqui, no 360. Que antes de mudar pra Curitiba eu subia lá no que é a favela da Fazendinha hoje. Eu sempre tava por lá, assistia pôr-do-sol. Em 91 eu subi aqui a primeira vez e aí bateu esse "plim" dessa área aqui se transformar num parque, parecido com os parques de Curitiba e tal. E voltei pra Curitiba. Quando foi em 92, eu vim de vez e comecei a freqüentar a Serra como corredor. Vinha sempre correr aqui na Serra, às vezes virava ali pro lado do Alemão. Pude observar o começo do reflorestamento lá. Antes quando eu corria lá, você ia pela Estrada Velha, virava pra direita e ia sair lá em cima da Central do Alemão mesmo. E lá era tudo capim, como é aqui e dava pra ver os bairros todos, aí depois, eu acompanhei aquele reflorestamento e as árvores cresceram... Conversava sempre com os senhores lá também que ficaram tomando conta. Lá não teve o problema de pegar fogo e queimar, porque inclusive era outro governo na época, acho que era o Marcelo Alencar... E mantinha mais as pessoas da comunidade trabalhando. Já conversava com eles, com essa preocupação disso aqui se transformar e de virar parque e tal. Sempre conversava isso aí com o pessoal.

Esse "plim" pode ser considerado como um dos impulsos iniciais para a formação do Verdejar, através do encontro com outros freqüentadores da Serra, conforme demonstro no Capítulo 3.

Quando estava encerrando a entrevista com o Poeta, perguntei se queria falar mais alguma coisa e ele colocou o fato de ter, a partir dos últimos dois anos, se visto como um agricultor. Fato inesperado para ele. A horta do Verdejar, conforme veremos em detalhe, surgiu como uma estratégia política e acabou se tornando sua "casa". Através desse trabalho, o Verdejar começou a interagir com movimentos e entidades ligados à produção agrícola. Nesse sentido, o Luiz tem sido o mais atuante dentro do Verdejar. A parceria com a AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa – foi fundamental nesse sentido. Foi através de um convite do coordenador

dessa entidade que o operário/marceneiro, baloeiro, revolucionário, poeta, ambientalista, se viu agricultor:

> E quando foi no final de 2005, ele nos convidou para viajar com os estudantes da Rural[20] para ir para Florianópolis e participar do congresso brasileiro de agroecologia, que é o CBA. E eu fui como agricultor: "Ó, vamos te colocar como agricultor." Até ali eu não me considerava agricultor, eu me considerava um ambientalista e uma pessoa que trabalhava uma hortinha ali pra manter o limite ecológico. Aí foi uma grande surpresa pra mim que a Serra e o Verdejar trouxe. E agora eu fico muito apegado a isso, tenho até deixado a desejar um pouco a parte intelectual e tô bastante apegado à terra.

Ele tem seguido cada vez mais essa veia agrícola, que garante o seu sustento, sem, no entanto, deixar de reconhecer a importância da atuação em outros campos:

> Hoje eu me mantenho aí com esse pequeno ganho que eu ganho no Verdejar, por causa, mais especificamente, do trabalho da horta. Que esse trabalho da Serra, da horta assim que me manteve ganhando esse pouquinho. De qualquer maneira sempre vai ser muito difícil assim ser apenas agricultor. Tá sempre preocupado com a questão ambiental, um pouco a questão política... É isso.

**Edson**

> Então, eu sou criado ali na Sérgio Silva, eu fui morar ali quando eu tinha 7 anos. Já tinha bastante casa, mas não tinha como tá hoje, é claro. Tô com 29, tem 22 anos. Há três anos eu me mudei de lá. Desde os 7 anos ali. O que que aconteceu ali, o pessoal sempre via como... tinha medo, tinha história de assombração. (...). Era mata direto. E às vezes a gente passava na noite, quando era criança aí, altas histórias de assombração, passava com um medo fudido ali cara. Aí tinha altas, a gente via e o caralho as coisas, sugestionado. Outro dia eu vi o mato mexer e saí correndo pra casa. A gente moleque, 11, 12 anos: caralho, vi assombração! Ficava aquele burburinho na rua, a gente contando história. (...) Porque a gente quando era moleque, andava pra pegar pipa ali, de dia, andava aquela porra toda maluco, (...), pra gente ali era quintal. Porque não tinha a Maracá ainda, então não tinha perigo de tráfico ali, nunca teve. Então a gente brincava de polícia e ladrão no mato, era selvagem. E porra... a gente ficava o dia inteiro no mato brincando, o dia inteiro! Soltava pipa, pique, era tudo ali. Quase a gente não brincava na rua. Só brincava na rua quando era bola de gude, que aí não tinha jeito. Mas às vezes a gente ia pro campo. Porque lá tinha uma cultura, tem ainda, não sei, interessante, que os coroas também ajudavam a gente a criar esse mundo imaginário. Hoje eu consigo ver um pouco isso. Que eles jogavam bola de gude com a gente, o cara com 50 anos: vamo jogar bola de gude! Aí altos potão de bola de gude.

Esse longo trecho apresenta o Edson e traz também uma das suas identidades para dentro e para fora do grupo: a de "morador" da comunidade Sérgio Silva, ou para pegar o termo mais atual, a de "cria" do lugar. É interessante que sua fala traz diversos pontos sobre a sociabilidade local e também sobre a relação dele e de outros moradores com o espaço da Serra onde o Verdejar está presente. Apresenta usos diversos do mesmo espaço feitos por uma pessoa que um dia viria a compor o Verdejar.

[20] UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Em seguida ele fala sobre outro uso já relatado pelo Poeta e que apresenta um marco interessante para um ambientalista:

> Aí tinha o lance de pegar balão: vamo pegar balão! Aí a gente ia lá pro 360, a galera levava comida, e a gente dormia lá, assim, acampava, alguns moradores, pra pegar balão, porque tinha baloeiro lá. Tem ainda uns garotos lá... acho que até pararam de fazer, tão fazendo pipa agora. Mas tinha uma turma dos coroas que fazia e soltava balão. Em época de festival de balão caía muito ali na serra, muito. E tinha a pedreira que tinha festival... Porra aí, festival gigante, nêgo do Brasil inteiro, dentro da pedreira, parava a exploração. Tinha assim um fim de semana inteiro: sexta, sábado, domingo, às vezes segunda, terça, às vezes emendava durante a semana. Uma área que era meio desativada, só que não tinha atividade, parava o negócio. E era muito absurdo, a Estrada Velha inteira, ônibus... ônibus, cara! Nêgo de São Paulo, Espírito Santo, Minas, era um negócio muito organizado, que tinha antigamente. Campeonato mesmo, premiação, troféu, altas paradas. E a Estrada Velha, Inhaúma parava pro festival de balão, que era dentro da pedreira. E às vezes, ou a gente ia pro festival ou ficava acampado na Serra pra pegar balão que caía, que às vezes nêgo fazia bucha ruim, aí o balão vinha, caía e a gente já pegava pra soltar de novo. Aí depois eu ainda fui de um grupo de baloeiros, (...), a galera lá da rua. E a gente fazia balão de madrugada, fazendo balão... olha só como é que são as coisas, puta que pariu, já fiz muito balão! Eu já soltei balão ali daquele campo da Sérgio Silva, balão gigante. Com 20 e tantos metros, com armação e o caralho. Brigar por causa de balão, fogos a porra toda.

Essa fala dele ajuda a situar a importância do balão dentro do cenário local, não só pela presença na sua vida, mas pelo número de pessoas envolvidas e pelos verdadeiros "acontecimentos" que giravam em torno da atividade de produzir e soltar balões. Considerando essa presença marcante, era "natural", como coloca o Poeta, que crianças, jovens e adultos tivessem uma admiração pelo balão.[21]

Ainda que tivesse na Serra o palco principal para suas brincadeiras de criança, a consciência da "Serra da Misericórdia", com esse nome, veio na adolescência, juntamente com o início, ainda bem incipiente, de "idéias" de se preservar o local. Esse novo contato com a Serra, se deu, segundo o Edson, muito mais pela questão das amizades e atividades de lazer do que por uma "consciência ecológica":

> Então tinha um camarada, que tinha um trailer lá todo de madeira, muito maneiro! E a gente se reunia ali, era o espaço meio underground do bairro. Aí a galera que tocava violão, fazia um som, roqueiro e tal, a gente fumava... E era o point assim a parada, e era um bar muito maneiro. Que ele era dono do bar, então ele largava o bar na nossa mão, ele era muito maluco. (...). A gente no bar pegamo uma parede (...) "pô vamo pintar aqui escrito Serra da Misericórdia". E fizemos uma pintura escrito Serra da Misericórdia, tipo uma logo- marca. Com a silhueta da Serra, aí a Serra era vazada escrito Serra da Misericórdia. Era o trailer do cara de madeira e essa parada grandona na parede. Entre pôster do Led Zepplin, Pink Floyd, mesa de carretel de fio, sofá, o maior barato. Tinha essa galera malucada de Inhaúma ali, e a gente ia muito pra Serra fumar, namorar, e tinha essa coisa de preservar, sabe essa coisa de fazer música pro lugar, e a gente ficava lá às vezes de madrugada, até de manhã, bebendo vinho, conversando, fazendo altos luais...

[21] Veja-se a propósito o trabalho de Carneiro, 1986.

Ainda contando sobre a sua adolescência, o Edson faz referências a determinadas coisas com as quais ele atualmente não concorda e que tiveram efeitos negativos na sua vida:

> Então tava nessa de usar drogas, ser rebelde, idiotice total! Perdi um tempo da minha vida nessa história. Parei de estudar... Maior merda que eu fiz. Abandonei o segundo grau, no segundo ano. Aí nessa, eu conhecia uma galera ali do Morro da Palmeira, que é na Canitar ali, não sei se tu conhece... E eu comecei a andar muito lá na favela direto. Ficava indo pra favela direto, direto, direto, com os caras. E nego achava que eu era bandido e o caralho. Nem era, mas eu andava com os caras e tudo, mas não... cheguei a ser quase, mas saí a tempo.

O contato com o Verdejar aparece na fala do Edson como um momento de mudança na sua vida com relação aos aspectos citados acima. Esse contato se dá muito mais pela insistência da amiga do que pelo discurso ecológico, que nesse primeiro momento não o atinge. Importante ressaltar que aparece nessa fala a preocupação sobre o lugar "virar favela". Essa idéia é recorrente e freqüentemente mobiliza esforços em torno da atuação do Verdejar:

> A gente sempre ficava com esse pensamento: isso aqui vai virar favela. Já tinham começado algumas casinhas do beco e tal. E a galera falando que ia invadir, que-não-sei-o-quê, que ia invadir, a gente ficava: "caraca, vai virar favela mesmo, não vai ter jeito". Foi quando começou esse movimento, né. Que o Luiz começou a trazer essas idéias, e influenciar a Ana, que é moradora, e a Ana que me influenciou mais. ...esse iniciozinho de 98, eles começaram em setembro de 97, inicio de 98. Eu cheguei a ir uma reunião ou outra, assim via e tal, mas eu não me identificava com aquilo. Não tinha nada a ver, eu não pensava em ecologia. Tava longe daquilo ali. Só que a Ana, é uma pessoa que sempre foi muito a minha amiga né, (...). Ela começou com esse lance de ecologia e aí ficava me chamando, eu comecei a ir. Fui a algumas reuniões, só que, como eu não me identificava, não participei muito. (...) Mas eu comecei a ver que, através disso daí, eu podia aprender, podia ter uma oportunidade. Porque a gente que mora assim na zona norte não tem oportunidade de porra nenhuma. Então quando pinta alguma coisa você começa a imaginar: "pô isso aí pode me dar uma oportunidade legal na vida, de sei lá, estudar". Não pelo Verdejar, mas pela coisa da Ana, da minha mãe, eu falei: "pô vou voltar a estudar mesmo".

Ele conta que aos poucos foi participando um pouco mais, se entrosando com as pessoas, se interessando, mas que não sabia o que fazer, o que significava "meio ambiente" e como agir em torno disso:

> E eu comecei a ver o Verdejar e eu queria fazer alguma coisa mas não sabia. Falava: "peraí, que que eu posso fazer? Como é que é, que é isso de meio ambiente? Que que ces fazem?" E eles "Pô cara, não tem muito o que saber, ninguém sabe, a gente tá se reunindo pra ver o que que faz. Aparece. Vamo conversar. A gente vai correr atrás, vamo pegar contato, vamo ver."

O trecho seguinte demonstra que esse período da adolescência do convívio próximo com traficantes e do "quase" envolvimento, rendeu a ele uma postura bastante agressiva, o que gerava um afastamento nas pessoas:

> E eu tinha um resquício muito de violência assim de andar com a galera da favela, tinha essa coisa de tráfico e tal, era muito influenciado por isso no inicio. Tinha uns malucos lá que não gostavam muito de mim, que eu era meio marrento. Depois... são meus amigos e graças a Deus isso mudou.

O Diogo era um desses que mantinham uma distância do Edson e confirma esse comportamento do amigo atual:

> Eu particularmente tinha aquele certo receio com a figura do Edson, porque ele era um cara de muita atitude, muita atitude e era um cara que era respeitado na comunidade, mas não respeitado porque... respeitado por uma questão de que... ele tinha um certo envolvimento e coisa e tal. Morava na... era nascido e criado na Canitar e tudo mais, era aquele respeito mesmo por causa da imposição do terror. Ele chegava... eu lembro que o Edson falava, os outros moleques lá da rua baixavam a cabeça. Tinha meio esse jeitão, às vezes ce chegava pra conversar com ele, mas ele te retraía. Fazia umas duas ignorâncias, aí: "pô esse cara cheio de marra, deixa ele pra lá". E aí quem levava o Edson lá pra Serra, era a Ana Paula. E era até engraçado, porque a Ana Paula ficava chamando ele de Juninho: "Juninho! Vem aqui, ajuda a gente a carregar essa muda!" E a gente olhando assim achava meio estranho né, o maluco todo sinistro, e a mina chamando ele de Juninho ali. Se um de nós chamasse ele de Juninho ele ia chamar um da gente pra porrada! Uma coisa assim sabe? Era uma coisa meio louca.

Com o tempo o Edson passou a se envolver cada vez mais com as atividades do Verdejar e começou a se capacitar através dessas atividades. Adquiriu conhecimentos na área de educação ambiental, inclusive dando aulas num projeto de reciclagem, concluiu e ensino médio e mais recentemente a graduação em Gestão Ambiental. Ele não mora mais na Sérgio Silva, mas continua se considerando morador e sendo tratado como tal, já que foi criado no local, sua mãe ainda mora lá e ele está sempre presente em função das atividades do Verdejar.

Encerrando a nossa entrevista, eu perguntei o que era a Serra para ele:

> Cara, a Serra da Misericórdia pra mim é um acontecimento... na minha vida. Pode ser que daqui a alguns anos eu suma daqui também, não sei. Mas é um acontecimento na minha vida, a descoberta da Serra! Porque... imagina, eu sou criado naquela área. Eu fui morar na Sérgio Silva com 7 anos, mas eu já morava na Relicário, do lado da Canitar, desde os 2, 3 anos de idade. Então eu fui criado até os 7 anos num lado da Serra, num lado da Pedreira e depois fui pro outro. Então a descoberta da Serra como uma área ambiental, uma área ecológica de importância ambiental, pra mim é importantíssima. (...). E que a gente vê que tem um grande potencial ali. Se recuperar sócio-ambientalmente falando, que não é só recuperar a natureza, mas essa história, essa coisa do ser humano, essa cultura, essa herança, a gente consegue transformar o município.

Analisando os depoimentos do Edson sobre a sua trajetória, percebi a importância que ele dá ao contato com o Verdejar e, de uma nova forma, com a Serra da Misericórdia, que ocorrem justamente no processo de transição da adolescência para a fase adulta. É como se fosse um marco de uma nova vida que começa, eliminando comportamentos vistos como negativos ou inadequados, porém mantendo aspectos positivos, como a relação de pertencimento à comunidade e os laços de amizade. O Verdejar passa a ser para ele, não só o meio de conquistar um ideal, mas também a "oportunidade" (como), para se capacitar e se profissionalizar, definindo caminhos para a sua vida. Esta perspectiva influencia no grupo quando se discute, por exemplo, a necessidade de melhorar a estrutura administrativa e financeira da instituição, que é um dos principais objetivos para o ano de 2007, como demonstro adiante.

**Luiz Cícero**

> Bom, a minha história de vida é como todo garoto né, nasceu no subúrbio, família pobre, pai caminhoneiro, mãe doméstica. Eu fui criado em Campo Grande, nasci no Méier, mas praticamente fui criado em Campo Grande até os 18 anos de idade. Minha relação com o subúrbio foi desde criança, de adolescência, até porque eu ouvia os funks com os colegas da escola e tinha aquela coisa de falar das comunidades e tal. Então existia esse fascínio, por morar em Madureira, Inhaúma, e era legal. Tinha uma madrinha que morava no Morro da Matriz no Engenho Novo, e eu era criança até (...) e me fascinava ali aquelas luzes né, quando eu viajava de Campo Grande, criança, 5, 6 anos de idade. Aquela coisa, sai da zona oeste, aquele espaço, escuro, e quando você chegava aqui no subúrbio, aquela coisa quando chega no entardecer pra noite, aquela luz, e a cidade vai se clareando. Então eu tinha esse fascínio, eu olhava muito pra Serra mas nem conhecia a Serra como Serra. Olhava pra Serra e olhava aquele maciço no meio da cidade, brilhante, com aquele corte enorme da pedreira ali. Aquela coisa de mentalidade de criança: que porcaria é aquela, uma coisa enorme cortada, sendo que o corte não era do tamanho que tá hoje, era um pouco menor.
> [*Só pra situar, você tá com quantos anos?*]
> 27 anos, tem 22 anos que eu vejo a Serra, que eu me entendo como um componente ali nesse contexto da Serra. Aí o tempo foi passando, eu sempre tive uma admiração pelo "bairro de Inhaúma", não sei por que já desde criança eu escutei aquele nome, aí tinha uma questão intuitiva que eu pensava assim: vou morar em Inhaúma um dia. Se não tinha esse pensamento na cabeça tinha um fascínio né: vou morar em Inhaúma um dia. E quando foi em 1997 ou 98, que houve a separação dos meus pais e meu pai cismou de voltar pra terra dele e tal, eu vim morar com minha mãe em Cascadura. Isso de 97 pra 98. E a gente morava num quarto só, um quarto muito pequeno, então, tinha um amigo do meu padrasto que tinha uma casa, um apartamento, no Engenho da Rainha... pra tu vê como é que são as coisas! Aí pô fui, a gente se mudou, saiu de Cascadura, e sempre muito ligado com a questão mesmo de Inhaúma no sentido de... nem sabia, só depois de ler a tese do Professor Justino (*Moura dos Santos,1987*) minha vida tava um pouco envolvida com a questão da Tapera e tal. O bairro de Casacadura, Engenho Novo, essa coisa do subúrbio mesmo. Tudo dentro da Tapera. Aí eu fui e conheci o Engenho da Rainha. Em 98 mais ou menos.

Dentre os entrevistados, o Luiz Cícero foi o que apresentou de forma mais espontânea a sua relação com o "subúrbio", relatando o fascínio citado acima e demonstrando um orgulho em ser suburbano. O que motivou essa longa fala foi um pedido para que ele contasse um pouco da sua trajetória de vida, fazendo uma relação

com a Serra e o Verdejar. Ao mesmo tempo, ele é o que tem feito um esforço maior em conhecer a história local. Foi através dele que eu tive acesso à dissertação de Moura dos Santos (1987) e ele é o responsável, no grupo, por estudar essa dissertação e fornecer os dados para os outros. No momento, está cursando graduação em História, o que fortalece esse interesse e o papel que ele exerce no grupo. Na sua fala, até mesmo aspectos que seriam negativos, como as favelas e o corte feito pelas pedreiras, ganham um certo ar romântico, nostálgico de boas lembranças da infância.

Seguindo na sua fala, ele conta como foram suas "primeiras impressões" do Verdejar, e da Serra, através da ótica do grupo, pois ele também já possuía uma relação anterior com o espaço. Depois de alguns contatos esporádicos, acabou aceitando um convite para conhecer o grupo:

> Num domingão (...) conheci o Alex mesmo, chegou pra mim: "pô você conhece a Praça do meio, você conhece o trabalho do Verdejar?" De início a primeira impressão que eu tive era a de que ele era meio doido! Até pensei comigo: "pô esse maluco tem que ser internado! Ele não regula bem não..." (...) Nesse dia ele me apresentou, eu cheguei no lugar lá cheio de mata. A primeira impressão é fogo, né, um espaço aberto lá cheio de mato, aí que eu confirmei: "esse cara é doido mesmo! É maluco mesmo de vez." Aí ele falando qual eram as intenções das pessoas de fazerem ali um parque ecológico, de se criar um trabalho ambiental na Serra da Misericórdia. Aí eu falei: "beleza e tal", aquela coisa nem lá nem cá, num conhece a pessoa, num tá ambientado ainda. Dali começou uma primeira convivência do que era o Verdejar. (...). Naquela época tinham muitas pessoas que tavam freqüentando a Serra assim com aquela coisa, aquela empolgação do trabalho, tinha já aquele sonho, aquela ansiedade de achar que as coisas aconteciam...

A partir desse primeiro contato, ele passou a freqüentar mais o espaço, a conhecer outras pessoas, e a se envolver com o grupo:

> Aí eu conheci o Luiz. Luiz sempre daquele jeito muito filosófico, muito poético, a figura dele me chamou a atenção. E a gente começou a conversar, e tava eu, ele, o Diogo... – no ano de 99. Eu fui me admirando, falei: pô aqui é um lugar de gente legal. Gente que eu gostava de lidar, pessoas que falavam de coisas legais, que tinham um ideal legal. E comecei a me envolver mais, a conhecer o trabalho, e fui conhecendo mais pessoas, o Edson, a Ana Paula, são pessoas um pouco mais... da primeira geração do Verdejar, e fui me envolvendo. (...) Acho que as coisas se complementaram naquele dia que eu conheci o Luiz Poeta. Ele é uma pessoa que deixa uma impressão maravilhosa desde o primeiro momento. Então, dali em diante eu comecei a me envolver mais, a ir mais à Serra, aí comecei a ser mais assíduo, a ir à Serra, aí a galera fazia os mutirões lá,

> capinava, limpava a Praça do Meio, aí comecei a participar dos primeiros luais... tudo começa pela festa!

"Tudo começa pela festa" – esse é um ponto crucial na formação do grupo, o fato de que o Verdejar mobilizava as pessoas através de luais e eventos culturais, ligados ao uso que já se fazia no espaço antes mesmo da existência do grupo, e aparece em diversos momentos nas falas dos entrevistados e de outras pessoas. Aparece também como gerador de alguns efeitos negativos que serão examinados nos capítulos seguintes.

Esse "envolvimento" do Cícero, passou a ser mais efetivo a ponto de se tornar uma militância, principalmente a partir de um curso de formação de lideranças que, segundo as falas do grupo, foi essencial para o processo de consolidação do Verdejar:

> Até que em 2000... eu comecei a ter realmente assim uma militância, em 2001 no curso que a gente fez pelo CIEDS[22], na Paróquia de São Sebastião. Que a gente conheceu o Alan, que era um curso de protagonistas, em 2001, foi a primeira turma de agentes de protagonismo social. E o Alan era o coordenador na época, ele que tava trazendo... acho que era a primeira turma, que era a unidade do Rio de Janeiro. A gente foi dessa primeira turma, que se formou na Paróquia de São Sebastião. Foi um curso de quatro meses que a gente fez. Então ali houve um despertar pra essas questões mesmo voltadas pro social, pro meio ambiente. Porque antes disso era uma coisa meio que vaga ainda, meio dispersa, ouvia e achava bonito mas não tinha uma compreensão ainda do como ser, do que ser, do que seria tá agindo dentro da questão social e ambiental.

Nesse último trecho ele relata que após um período de afastamento está se aproximando novamente do grupo, buscando um envolvimento mais direto.

> Tive meus momentos de afastamento, eu vivi um momento que... três anos e meio aí, uma relação com uma pessoa e por conta dessa relação acabei me afastando um pouco, e agora em 2006 eu tô retornando. 2006 eu comecei a retornar, a querer me inteirar mais novamente do discurso, da movimentação, e 2007 agora eu tô com um projeto de me tornar mais efetivo mesmo, fazer um trabalho mais institucional dentro da ONG, buscar fazer uma função mais institucional prática ali e colaborar no sentido da gente conseguir resultados.

O interessante é que mesmo em períodos de afastamento, o Verdejar permanece como parte integrante da vida. Os sentimentos e os laços que nos ligam a determinada

[22] Centro Integrado de Estudos e Programas em Desenvolvimento Sustentável.

situação se mantêm e muitas vezes se tornam até mais fortes com a distância. Como ele demonstra:

> Dentro de mim, cara, eu não vejo muito essa questão separada não, da minha vida com o Verdejar, não me vejo mais sem ser Verdejar, verdade seja dita. Que eu lembro que uma vez eu passei quatro meses em São Paulo e... caralho não saía da minha cabeça isso aqui cara. Enquanto eu não voltei pra cá de novo...

Falando sobre o Verdejar, ele faz uma relação com a sua própria vida da seguinte forma:

> Acho que a história do Verdejar é como a vida mesmo. Eu caminhei por desertos, pradarias, cidades, montanhas, e acabei num cume de montanha aonde eu vi o horizonte. Essa é a metáfora que eu criei, da minha vida pro Verdejar. Eu fui andando aí por essa cidade conhecendo a cidade de alto a baixo, eu conheço vários pedaços desse Rio de Janeiro aqui como bom carioca, e aqui eu finquei a minha raiz. Porra, foi como se eu tivesse caminhado, caminhado, caminhado por vários lugares e chegado num topo de montanha, parado e contemplado o horizonte, me aberto um horizonte. Essa minha vivência no Verdejar de hoje em dia: de olhar pro horizonte e falar assim: isso eu quero fazer, nisso eu quero contribuir. Acredito que esse trabalho tem um futuro promissor tremendo, com todas as dificuldades que também não é só sonhar.

Essa metáfora que ele cria é muito interessante na medida em que fornece sentido para uma "trajetória". A perambulação aparentemente sem rumo por ruas da cidade e caminhos da vida encontra sua razão de ser a partir do horizonte fornecido pelo Verdejar, que, ao mesmo tempo em que é um ponto de chegada para o viajante, é também um ponto de partida para novas viagens.

**Diogo**

> A primeira casa que eu morei foi ali no bairro da Penha, depois eu me mudei pra vários lugares ali... sempre morei em torno daquela região mesmo: Penha, Vicente Carvalho, Inhaúma... aquelas áreas ali sempre no entorno da Serra. (...) eu estudei da 1ª à 8ª série na Escola Municipal Maestro Pixinguinha, que fica em Vicente de Carvalho, (...). Meu primeiro contato com a Serra da Misericórdia foi através da escola ali, não através de uma atividade da escola, mas porque a gente saía da escola e ia pegar manga, e tudo mais, num espaço da CEDAE, que fica lá dentro da Serra mesmo, no sopé da Pedra Bicuda. E aí ia aquela molecada pra lá, subia no pé de manga e coisa e tal... Às vezes a gente subia o morro, ia lá pra cima, ia pra Pedra Bicuda, matava aula pra fazer isso.

> [*Já conhecia ali como Serra da Misericórdia?*]
> Não, nessa época eu não conhecia aquilo ali como Serra da Misericórdia. Sabia que o nome da pedra era Bicuda porque parece que já é coisa muito antiga ali, mas não sabia que existia esse nome. E também não sabia que do outro lado daquele morro era o bairro de Inhaúma e tudo mais. A gente subia pra ver a pedra, e da pedra a gente conseguia ver a Igreja da Penha, conseguia ver um pedaço das pedreiras ali, conseguia ver a Baía da Guanabara e tal, mas era aquela coisa mais de lazer mesmo. Subia pelo meio do mato, aquela aventura. (...) Quando foi de 11 pra 12 anos eu mudei. Me mudei pra rua Bororó, que fica ali no pé das pedreiras ali já em Inhaúma. Mas aí eu continuava estudando lá na Maestro Pixinguinha, continuei lá até os 14 anos na 8ª série. Depois disso que, já na Bororó, aí já tinha uma relação mais intensa com a Serra ali, porque a molecada daquelas ruas brincava muito no espaço das pedreiras. Por não ter muita opção de lazer na região e tudo mais, eu lembro que a gente ia brincar de pique nas pedreiras, aí tinha aqueles montes de pó de pedra enormes, pegava papelão e vinha descendo lá de cima. Quando chovia, porque era muito esburacado, ficava vários laguinhos assim. O pessoal ficava brincando, tomando banho nesses lagos. Aí tinha essa relação bastante intensa com a Serra. Aí também a gente subia, tinha um açude lá nas pedreiras, ficava lá pra trás da onde é o 360. A gente subia pra tomar banho nesse açude, que ele era bastante fundo, grande também... Nessa época inclusive subia família, subia bastante gente pra esse lazer lá em cima.

Da mesma forma que as três trajetórias analisadas anteriormente, a do Diogo também passa por um convívio com o espaço da Serra bem anterior ao Verdejar. Essa fala demonstra um pouco da relação não só dele, mas de outras crianças e moradores em geral com o lugar. Abrangendo dois lados da Serra. Na Rua Bororó, ele já passa a ter contato com a área de atuação mais direta do Verdejar. Essa rua fica em Inhaúma, bem próxima da Rua Sérgio Silva. Fica próxima também da entrada para as pedreiras, o que facilitava a utilização desse espaço para as brincadeiras de criança.

O contato com o Verdejar foi acontecer mais tarde, também através do Alex, em conversas iniciais. Porém, o primeiro contato com a parte da Sérgio Silva, conhecida como "a Campos", se deu quando já morava em outro local, no Mangueiral, também próximo, juntamente com amigos desse lugar.

> E aí no Mangueiral eu tive contato com a rapaziada de lá também e eles freqüentavam a Campos Floridos, que hoje é o espaço ali onde a gente tem as nossas atividades, que nêgo chama: "vou lá no Verdejar e o caramba", antigamente se chamava de Campos Floridos, por causa da rua ali debaixo. Aí o pessoal freqüentava muito a Campos Floridos pra soltar pipa. Principalmente pra soltar pipa e... pra transitar, e fazer aquelas coisas que a gente sabe. (...) Aí ficava uma rapaziada ali da Canitar, de dentro do Complexo do Alemão, que ia pra lá também. Se encontrava o pessoal do Engenho, ficava bastante

> gente lá, era bem animado. Era um lugar tranqüilo, onde a gente tava no lazer ali, no meio do mato e ninguém perturbava a gente.

Essa fala demonstra mais uma vez o uso diversificado que era feito do espaço por moradores das redondezas. Já o próximo trecho traz um relato curioso sobre o primeiro contato do Diogo com uma "atividade" do Verdejar, mesmo sem saber:

> Eu lembro que teve uma vez que eu cismei de ir pra lá sozinho, eu subi ali como quem sobe pelo campo hoje: "pô vou lá naquela pedra lá em cima". Aí subi por ali e fui parar lá onde é a Praça do Meio. Chegou lá eu tive... parece o primeiro contato com o Verdejar mas eu não sabia que que acontecia ali. Eu vi o espaço todo capinado, e montado assim as madeiras em forma de fogueira, num canto. E eu: "pô, que que tem aqui? Deve ser caçador de passarinho, alguma coisa que vem pra cá, vou me embora logo daqui. To no meio do mato, não sei o que que é isso aí". Saí meio que bolado mesmo, achando até que era alguma coisa do próprio tráfico, talvez um lugar ali no meio do mato que eles faziam endolação[23] e o caramba. Aí saí.

Depois ele contou o que havia acontecido para o Alex, que explicou para ele que aquilo era uma preparação para um lual. A partir daí o Diogo conta que realmente se interessou e teve o seu primeiro contato consciente:

> ...eu tava um dia de noite na esquina da Bororó, na porta da minha casa, aí passou Alex e falou: "Pô vamo ali comigo cara. To indo lá em cima na serra. Tem uma galera lá acampada, a gente tá torrando umas batata-doce. Vamo lá pô!" "Tá, vamo bora". Aí entramo no meio do mato ali de noite, Alex andando rápido, eu como não andava muito no meio do mato nessa época, andando devagar. Quando eu cheguei lá aonde é o espaço da horta hoje, tinha duas barracas de camping armadas e o pessoal tava fazendo uma cerca de arame em volta. Aí como eu já trabalhava na oficina e já tinha uma experiência de fazer "n" coisas da oficina, vi que eles tavam meio enrolados pra fazer aquela cerca de arame e ajudei. Aí foi aonde eu conheci o Luiz Poeta...., uma série de pessoas que vão lá em cima. Mas era mais o Luiz Poeta, o Alex mesmo e o..., que era um maluco que morava lá na Sérgio Silva, que foi um dos primeiros a tá no Verdejar e coisa e tal. E fazendo a cerca. Já tinha um outro rapaz que tava fazendo uma placa em talha, com madeira e formão, escrevendo Verdejar. Escreveu e colocou na frente da barraca assim. O pessoal acendeu a fogueira, galera com violão... Aquilo de certa forma me animou bastante, porque era o pessoal que tava ali, fazendo a ocupação, tocando música, pessoal muito extrovertido. Tive esse primeiro contato. Que que era essa atividade? Era o acampamento que estava sendo feito na frente da comunidade ali na tentativa de paralisar a comunidade.

[23] Dividir e embalar as drogas em pacotes pequenos para a venda.

O Diogo vai chegar justamente num dos momentos emblemáticos para a formação do grupo e que vai ser analisado no capítulo 4. Além disso, ele apresenta um ambiente acolhedor e agradável, com "pessoas legais", ou seja, um local onde ele se sentia bem, reforçando a fala dos outros membros de que o interesse inicial não foi exatamente aquele considerado, por eles mesmos, como ambientalista. A fala aponta muito mais para uma forma de lazer e socialização. Conforme ele reforça a seguir:

> A gente ia mais porque tinha uma galera que era legal, que a gente se identificava, e porque a gente também não ficava ali na Serra só de bobeira, a gente fazia alguma coisa. Furava um buraco pra plantar uma muda, capinava um espaço ali, aí teve uma época que a gente botou uma barra pra fazer exercício. E a gente ficava indo aos domingos pra isso.

Isso não quer dizer que não houvesse qualquer relação com os propósitos do Verdejar. O próprio fato de preferir estar numa "área verde", no mato, já indica uma proximidade com essas idéias que giram em torno do conceito de meio ambiente:

> Eu já tinha ouvido falar muito na Eco 92, que teve isso como um marco na cidade do Rio de Janeiro. Já tinha ouvido falar. Desde criança, eu já tinha morado numa área rural aqui do nosso estado, que tinha muita área verde ainda, tinha muito passarinho. Eu já tinha essa coisa de valorizar o verde, de gostar de estar na área verde. Quando eu morava lá em Vicente de Carvalho, que eu estudava na Maestro Pixinguinha. E a gente freqüentava muito a Serra, fazia muita caminhada lá, teve uma vez até que a gente foi andando por dentro da Pedreira, fomos até lá no... perto da Igreja da Penha, não tinha metade das favelas que tem ali no Complexo da Penha. Aí a gente tinha um grupo de amigos ali da escola que a gente combinava de fazer essas atividades. E a gente fazia porque a gente gostava. Tinha gente que matava aula pra jogar futebol na quadra ali de baixo, a gente matava aula pra subir o morro! Já tinha essa coisa da afinidade desde criança já. Isso com certeza foi um fator muito importante pra tá...

Essa atração, esse interesse pelo verde, é apontado pelo Diogo como um dos fatores motivadores para estar no Verdejar. O outro seria o "fator regional", a relação com o local que vem desde a infância:

> Ah, e também o fator regional, porque eu comecei a ver, que a minha vida toda, quando eu conheci o Verdejar, que me inteirei do que que era Serra da Misericórdia, (...), eu comecei a reparar que a minha vida toda eu tinha morado sempre à beira da Serra da Misericórdia. Então isso era também um fator muito motivador de tá ali participando

> daqueles trabalhos. O ideal se formou mais por isso mesmo. Que era uma área que eu já conhecia, morei a vida toda em torno. E porra, tendo em vista a importância das áreas verdes, aí já toda aquela questão do aquecimento global e o caramba, era um trabalho que era muito nobre de se fazer né. Aquela coisa muito do orgulho, do valor do querer fazer, de se orgulhar daquilo... No primeiro momento né, depois a gente começa a ver que os buracos são bem mais embaixo e já começa a ter outras percepções né. Mas era muito dessa questão mesmo, da aptidão pelo lugar e pela natureza mesmo.

Vale ressaltar que aparece ainda como um fator inicial, o orgulho inerente do fato de lutar por uma causa "nobre". Este é um ponto para se pensar em como essa idéia de "meio ambiente" e de "ambientalismo", vem impregnada de valores que parecem ter como pano de fundo a luta do "bem contra o mal".

O Diogo já não mora mais nas proximidades da Serra da Misericórdia, mas também está sempre presente na Sérgio Silva. Ele concluiu o ensino médio e demonstra ter interesse em fazer a graduação em Ciências Sociais. Estou destacando a relação de cada um com o estudo no sentido de demonstrar a relação com o saber acadêmico e a opção majoritária pelas "ciências humanas", o que é curioso, já que o grupo possui um forte discurso associado às "ciências naturais".

Assim como o Luiz Cícero, o Diogo constrói sua narrativa, falando do seu contato com idéias e práticas ambientalistas e com o próprio Verdejar, sem apresentar grandes rupturas. Apesar de dizer que aprendeu muito dentro do Verdejar, não existe um conflito com o "antes", mas uma continuidade mais definida. Não que as falas do Edson e do Poeta não apresentem continuidades, mas apontam, principalmente a do Edson, para um ponto de ruptura. Percebe-se claramente um antes e um depois. No caso do Diogo e do Luiz Cícero, até representado na metáfora que este utiliza, parece que eles simplesmente "fluíram", num processo contínuo e até "natural". Certamente é uma questão das formas como as narrativas são construídas, mas essas formas também oferecem informações importantes de como essas pessoas entendem o processo do Verdejar e se vêem dentro dele.

**Zolmir**

Entre os cinco entrevistados, o Zolmir é o que está há menos tempo no Verdejar. Tem uma loja que de máquinas de lavar na Estrada Velha da Pavuna que serve como "base" e ponto de encontro para o grupo. Como demonstra o trecho abaixo, conheceu o Verdejar em 2004:

> Eu comecei no Verdejar... eu, praticamente, sou novo no Verdejar, comecei em 2004. (...) Aí, foi através de uma caminhada. Eu comecei... Mas eu já era preocupado assim com meio ambiente, coisa e tal. A partir daí eu continuei lá assim freqüentando, olhando, ficava observando o funcionamento. Aí me interessei... depois comecei a trabalhar lá, fazendo trabalho junto com eles. Eu desenvolvi essa parte assim de capina, de cuidar do capim para evitar o fogo. Meu trabalho principal foi esse. Depois eu me envolvi com... o Verdejar começou a tomar uma estruturazinha melhor. Na época que eu entrei tava... bem, muita gente afastada né? Eu só conhecia praticamente o Luiz ali. Depois eu conheci o Diogo... Diogo eu já conhecia, mas comecei a me relacionar mesmo com o tempo.

Apesar de estar no Verdejar há relativamente pouco tempo, o Zolmir rapidamente se integrou ao grupo, desempenhando funções importantes. Em 2005, quando comecei realmente o trabalho de campo, ele já participava de forma efetiva das atividades e assumiu o "cargo" de tesoureiro da entidade na assembléia realizada em janeiro de 2006. Outro ponto interessante dessa fala é aquele em que ele destaca que o contato inicial com o Verdejar se deu através da "caminhada", atividade entendida pelo grupo como um dos momentos principais para aproximação de novos colaboradores e simpatizantes.

Tendo sempre morado no subúrbio, ele acha curioso o fato de ter demorado tanto tempo para conhecer o Verdejar, mesmo trabalhando na Estrada Velha há quatro anos. Diz-se surpreso com o "milagre" do Verdejar em conseguir que aquela área não tivesse virado um "favelão":

> Eu não moro aqui né. Moro em Marechal Hermes. Eu vim trabalhar aqui, mas foi bem depois... cinco anos depois que eu vim trabalhar aqui que eu ouvi falar no Verdejar. Quatro anos depois.
> [*E você sabia alguma coisa de Serra da Misericórdia?*]
> Já tinha ouvido falar, da Serra da Misericórdia. Sabia que era Serra da Misericórdia, mas que tinha esse trabalho, essa preocupação com a Serra, isso eu não sabia, realmente eu não sabia. Foi até uma surpresa. Eu acho até um milagre, aquela área ali não tá favelizada. Milagre em termos, existe um trabalho assim... Que aquela é uma área assim bem propícia, é uma área que não é alta. Isso aí graças a eles que começaram: o Luiz, Diogo, Pezão, esse pessoal que começou aí. Tem que botar as mãos pro céu e agradecer a eles, porque se não aquilo ali seria um favelão.

Mais uma vez aparece a preocupação com o crescimento das favelas e a importância do Verdejar para a contenção desse processo na região. Interessante também é o fato de que ele "tinha ouvido falar" em Serra da Misericórdia, mas não

conhecia a Serra da Misericórdia do Verdejar, ou seja, aquela construída através da atuação do grupo. Ele segue dizendo que apesar de sempre ter tido uma "preocupação pessoal com meio ambiente", nunca havia participado de um grupo ambientalista organizado:

> Sempre gostei de plantar árvore, já tinha plantado várias árvores, mas assim, participar não, nunca tinha participado. É um trabalho que eu gosto de fazer. Poderia até... tenho essa dificuldade, de poder me dedicar mais, devido ao trabalho. Aí você tem essa dificuldade, então não dá pra você se dedicar mais devido ao trabalho. Eu gostaria até de me dedicar mais ao Verdejar. Eu tô tentando ver se eu consigo mudar o negócio aqui um pouquinho pra eu poder me soltar mais.

Na avaliação de outros membros, o Zolmir ajudou a dar uma nova "cara" para o Verdejar, por se tratar de uma pessoa já mais velha do que a maioria e que não participou dos primeiros anos em que o grupo ficou muito marcado com as festas e luais que eram feitos na Serra. Ele também reforçou a tendência de "organização da entidade", em termos de oferecer uma estrutura melhor e se empenha bastante na tarefa de arrecadar contribuições para o grupo.

Além de tornar mais familiares alguns do sujeitos dos processos analisados, esses relatos trazem elementos importantes para as discussões que serão realizadas ao longo desta dissertação.

## 3. VERDEJAR – PROTEÇÃO AMBIENTAL E HUMANISMO

> *Quando foi por volta de 1997, um morador que já produzia umas mudas em casa, e plantava na região, resolveu tomar uma atitude pra começar realmente um movimento. Pegou um carrinho de mão e partiu pra Serra; um outro morador viu isso, falou: "vou contigo, vamos começar". A partir dali, a gente considera que surgiu o Verdejar, por volta de setembro de 1997. E as pessoas passaram a se reunir todo domingo à tarde na Serra, no intuito de... começar mesmo um movimento, não apenas ficar plantando, mas era começar mesmo uma entidade, um movimento que salvaria aquele pedaço ali, e toda a Serra da Misericórdia.*[24]

Esse "mito de origem" é recontado em inúmeras ocasiões, às vezes como forma de legitimar a atuação do grupo alegando a sua relação visceral com o local. Aqui estou reproduzindo a forma como foi contado no II Seminário da Serra da Misericórdia, organizado pelo grupo em maio de 2006.

O "morador com o carrinho", era o próprio narrador da história, o Poeta, que nesse seminário ficou responsável por contar a história do movimento ambientalista na Serra da Misericórdia. O interessante é que, tratada como um "mito", essa história reforça simbolicamente os laços do grupo com o local, que seriam anteriores a um "interesse ambientalista", e a imagem de que tudo começou através da iniciativa particular de um grupo de moradores, que não tinham o conhecimento técnico-científico, apenas a vontade de fazer alguma coisa.

A área onde está localizada a atual "sede" do Verdejar, que fica no Engenho da Rainha, no final da "Comunidade Sérgio Silva", era freqüentada por alguns moradores dessa comunidade e dos arredores, que iam em busca de "lazer e tranqüilidade". Com o tempo, eles passaram a "cuidar" do local, recolhendo o lixo, plantando árvores e alertando as pessoas para a importância do lugar.

Ao mesmo tempo, o Poeta fazia sua "peregrinação" *pela* Serra nos dois sentidos: o de estar caminhando na Serra e o de estar sempre falando com as pessoas sobre a necessidade de proteger o local. Até que em determinado momento ele encontrou com as pessoas que já faziam essa utilização desse espaço. Pelas entrevistas e observações feitas no campo, o Verdejar surgiu do encontro desses dois movimentos.

> E continuei na minha peregrinação, sempre que vinha conversava com as pessoas, até que conheci a Ana Paula e o (Alex) Baô aqui na subidinha. (...) Quando eu conheci eles, eu já vinha plantar algumas árvores, já vinha às vezes na hora de almoço, vinha catar lixo aqui. Já

[24] Esta transcrição está com uma formatação diferente para dar destaque especial a essa fala.

> tinha botado até um saquinho numa grutinha ali, nessa preocupação de tá vindo cuidar já. Na esperança de que um dia se tornasse um movimento. Aí quando conheci a Ana Paula ela até falou que já tinha ido no Partido Verde e que eles não tinham feito nada por aqui, e o Baô que deu mais atenção até. Isso foi mais ou menos em março de 97, não demorou muito até surgir o momento mesmo de tomar a atitude de vim plantar, e o Baô vir junto e depois a gente se reunir e considerar que daí que começou mesmo o movimento do Verdejar. (Poeta)

Da forma como eles colocam, ninguém tinha um histórico de "militante" na área ambiental e nem mesmo possuíam conhecimento sobre técnicas e práticas a serem realizadas para a recuperação do local.

Com o tempo, principalmente a partir de 99, as pessoas envolvidas no processo foram se capacitando e se instrumentalizando através do contato contínuo com outros grupos que compõem a cena do movimento ambiental no Rio de Janeiro e no Brasil e com instituições de ensino e pesquisa. Dessa forma, passaram a dominar um conjunto de saberes e técnicas específicas em suas diferentes formas de atuação.

Estou descrevendo um pouco essa história para demonstrar que o interesse pelo local e a utilização do espaço são anteriores ao processo de construção de um discurso com tom "ambientalista" no sentido comumente empregado. Como demonstra essa fala do Edson:

> Mas teve esse movimento nosso, antes do Luiz até aparecer, de idéia nenhuma do Verdejar... a gente já tinha essa coisa com a Serra de fazer música, pinturas e o caralho, altas histórias. Aí depois o Luiz por volta de 97 começou a aparecer lá na Serra, dar essas idéias de preservação, fazer caminhadas, porque o Luiz treinava mesmo, pra maratona e tal. Aí foi nessa época que ele começou a conversar com a Ana, a Ana falou que já tinha feito um contato com o Ibama, mas não tinha conseguido nada. E eles começaram a confabular e tal...

A organização e realização das atividades no início dependiam muito mais do entusiasmo e dedicação das pessoas do que dos conhecimentos e condições que reuniam para a realização dessas tarefas. Esse ponto é reforçado por essa fala do Poeta:

> A gente até, muito engraçado, que a gente sonhou em fazer o evento com música, com palco e não aconteceu nada disso né. Só veio acontecer quase um ano depois. Foi até tudo bem rápido, se você for ver bem, as pessoas leigas totalmente. Nem entendia de meio ambiente mesmo e nem entendiam de produção de evento. A gente tentou isso em setembro, em junho do outro ano a gente já conseguiu fazer um evento com música, com caminhada, com peça de teatro.

> Foi tudo mais ou menos rápido assim. Era muita vontade, muita dedicação, naquele início.

Uma história interessante dentro "da história" do Verdejar, é o surgimento do nome, Verdejar, que se deu justamente no final do ano de 97, nas palavras do Poeta:

> E eu me inspirei, o Baô trabalhando no quarto, eu trabalhando no banheiro, fiquei cantando, botando arranjo em música antiga, tentando mudar um pouco as músicas antigas e de repente me veio esse poema:
>
> "*Morar em Piabas quando será?*
> *A Serra é quem clama:Misericórdia*
> *Por entre fumaças  Zona Norte Rio,*
> *a Serra se lança no maior desafio.*
> *Verdejar já."*
>
> E o poema às vezes obriga a gente a falar uma palavra que a gente nunca imaginou... "*O maior desafio Verdejar já*!" Veio no poema assim. Ele nasceu naquele momento assim, depois eu incluí uma outra parte:
>
> "*Te amo Serra da Misericórdia, te amo.*
> *Teu Verde precisa Verdejar essa redondeza tão pálida e poluída*".
>
> Que meu sonho era morar em Piabas. Acabou sendo pra mim uma declaração de entrega total à Serra. Porque eu me sentia bastante incomodado, principalmente quando eu subia na Serra e olhava pra essa cidade, eu imaginava que... que não é natural a gente sabe, mas que poderia ser menos pior a cidade. Eu ficava imaginando e tinha muita vontade de sair daqui, mas ao mesmo tempo, muito preso à cultura da cidade, essa coisa do teatro, do cinema, eu imaginava morar num local perto da cidade, dentro da própria cidade, mas um local natural, que era Piabas né.

Retomando a fala do Poeta no capítulo 2, a respeito de que a sua "consciência ecológica" veio junto com a poesia, nada mais emblemático do que um nome que surge através de uma necessidade poética.  Traz também uma relação implícita com a Serra da Misericórdia, pois é ela que precisa "Verdejar já", e não Piabas. Então, reforça essa imagem de um local que precisa ser recuperado no sentido de atingir um futuro utópico inspirado por um passado idealizado onde a figura de uma "natureza exuberante" é marcante. Ao mesmo tempo, por ser um verbo, indica movimento, um Verdejar que precisa acontecer e que já está acontecendo, o que também aparece nas referências das coisas relativas ao Verdejar, como "Verdejantes". Seja na referência aos membros "verdejantes", às atividades "verdejantes", ao discurso "verdejante", ou ainda a um ambientalismo "verdejante". Podemos estender esse pensamento ainda a uma Serra da

Misericórdia “verdejante”, a uma cidade “verdejante” e a um planeta “verdejante”. O “modo de ser” Verdejar seria, portanto, “verdejante”. As implicações dessa linha de raciocínio são aprofundadas nos últimos capítulos desta dissertação.

Com relação ao espaço ocupado pelo Verdejar na Serra, ofereço aqui uma breve descrição para situar os conflitos analisados a seguir. A “sede” do Verdejar fica já na elevação da Serra, por trás da Sérgio Silva, exatamente onde termina o beco. É formada basicamente por uma horta e pelo horto Chico Mendes. Dentro do horto existe um trailer velho que guarda alguns materiais, muitas mudas, uma mesa, um fogão a lenha improvisado e um reservatório de água. As trilhas que partem dali para outros espaços são mantidas pelo Verdejar estando inseridas dentro do “território” do grupo. A estrutura no local é bastante precária, o que faz com que o Verdejar muitas vezes utilize outros espaços para suas reuniões. No capítulo 5, faço uma descrição mais detalhada do espaço e discuto ainda algumas questões relativas à estrutura do grupo.

## 4. USOS E ABUSOS – CONFLITOS

Entendendo que o Verdejar construiu a sua história se consolidando enquanto movimento ambientalista a partir dos conflitos entre os diferentes usos sobre o espaço da Serra, a análise desses conflitos faz-se necessária para se compreender essa atuação "verdejante".

Os discursos e a atuação do Verdejar possuem diferentes focos e através deles podemos identificar os principais conflitos com relação à utilização do espaço da Serra. Conflitos esses que também se desenvolvem no plano simbólico com relação aos diferentes interesses que existem sobre a Serra, cada qual com as suas imagens do local. Pode ser um espaço de moradia, exploração econômica, lazer ou preservação, entre outras possibilidades. Lembrando que as pessoas não ocupam posições fixas nesse cenário, geralmente reunindo mais de um uso do local e variando conforme o contexto.
Com relação aos conflitos ambientais, utilizo a definição de Acserald (2004) que diz que:

> Os conflitos ambientais são (...) aqueles envolvendo grupos sociais com modos diferenciados de apropriação, uso e significação do território, tendo origem quando pelo menos um dos grupos tem a continuidade das formas sociais do meio que desenvolvem ameaçada por impactos indesejáveis (...) decorrentes do exercício das práticas de outros grupos" (2004, 26)

Este autor traz contribuições importantes, principalmente, por sua perspectiva "sensível ao papel da diversidade sociocultural e ao conflito entre distintos projetos de apropriação do mundo material" (2004, 14). Essa perspectiva se contrapõe à idéia de que existe uma "consciência ambiental" única e definida e que os conflitos são causados por uma escassez de recursos. Na verdade, ele demonstra a necessidade de se pensar os conflitos entre diferentes lógicas culturais, pois, como diz: "as lutas por recursos ambientais são, assim, simultaneamente, a disputa por sentidos culturais".

Creio que esta perspectiva possibilita um olhar bem mais amplo sobre a questão, inclusive oferece boas bases para se pensar os processos vividos pelo Verdejar, já que o que está em choque ali são as visões sobre o que "é" a Serra da Misericórdia.

Defino os conflitos a partir dos atores diretamente envolvidos, estando ciente de que esta delimitação é uma abstração, pois na verdade os atores estão todos interligados,

com sua atuação transpassando diversas situações de conflito, mesmo aquelas nas quais, a princípio, não estariam diretamente envolvidos.

### 4.1 Invasores e "grileiros"

O fortalecimento do grupo se deu, inicialmente, pela necessidade de conter o "avanço das casas" em direção à área verde, e esta continua sendo uma ameaça constante. Apesar de os limites para a comunidade Sérgio Silva estarem sendo respeitados graças à permanência do Verdejar no local, a pressão por novas áreas para construção é grande. Eles estão sempre lidando com moradores que querem construir novas casas, pessoas que foram removidas de outras áreas e também "grileiros", que são caracterizados como pessoas de fora da comunidade e que possuem um interesse estritamente econômico de demarcar lotes para venda. Na visão do grupo esta é uma questão difícil de ser trabalhada, pois envolve, muitas vezes, uma necessidade real e imediata das pessoas. O caminho tem sido sempre o diálogo e a busca por soluções alternativas. Como afirma o Poeta:

> Toda vez que foi tentativa de favela, deu certo. A gente nem precisou acionar Ministério Público, nem polícia nem nada. Foi conversando mesmo com as pessoas né, deu bastante certo.

Quando a questão é um interesse puramente econômico, a situação é eticamente mais simples, por se tratar de grupos que, na visão dos integrantes do Verdejar, estão visando simplesmente um ganho econômico, como é o caso de "grileiros". O Diogo colocou essa situação nos seguintes termos:

> Qualquer favela... depois eu parei pra perceber que as favelas surgem assim: na verdade não existe esse imaginário que a gente tem que as pessoas ocuparam porque tão numa situação de pobreza, é pura ilusão. O que acontece é que quando tem um espaço, um terreno baldio assim, que vai se montar uma favela, chegam uma meia dúzia de espertos, demarcam um grande território e depois vendem os lotes. (...) Chega um esperto, aí marca com barbante mesmo, o cara não tem nem o trabalho de botar uma cerca. Marca com barbante um grande lote, aí chega outro esperto, marca outro grande lote com barbante, depois eles vendem.

Basicamente, "invasão", no discurso do Verdejar, é o termo genérico utilizado para identificar processos de ocupação vistos como indevidos ou irregulares. Quando

eles dizem: “os grileiros”, ou ainda “o caso dos grileiros”, se referem a uma “invasão” específica, que marcou a trajetória do Verdejar e da Comunidade Sérgio Silva, merecendo um destaque especial neste capítulo. Antes disso, porém, exponho outros eventos que foram relatados. Como este caso que o Edson apresenta que é anterior ao Verdejar e que traz uma resposta coletiva da comunidade num momento de tensão:

> Já vi muita gente tentar invadir pra ocupar aquela área lá. Gente de fora, de outras comunidades, vindo assim com... kombi, caminhão, cheio de gente. E à noite chegar assim pra invadir o lugar. Teve uma vez que um morador (...). Ele trouxe caminhão, cara, trouxe gente pra caramba, mais de cem pessoas, de ônibus, de caminhão, uma parada absurda! Cheio de carro, tudo com material, madeira, arame farpado, tipo 7 e pouca da noite. (...) eu tinha o quê? 16... 15, 16 anos, por aí. (...). Aí esse coroa armou essa invasão do pessoal da Vila do João. Caralho, mas deu uma merda! (...) Que era de noite, maior breu, o pessoal com lampião, com tocha, cercando, cara! Foi uma parada assim, um formigueiro, um negócio histórico. Começaram a cercar, rolo de arame farpado novo, começaram a cercar a parada. Aí os moradores na mesma hora se reuniram lá, pegaram as armas e falaram: “vamo encarar, vamo expulsar esse pessoal daí, senão...” (...). Começaram a dar tiro pro alto, brigar, e o caralho. Maluco, foi até engraçado, a gente moleque né, a gente ficava embaixo. Nego vinha correndo pra ir embora, nego dava cambalhota, se jogava no capim. Um monte de gente correndo, por cima do outro, passando, entrando no carro voado, indo embora... foram embora, assim uma parada absurda. Nesse dia foi até engraçado...

Ele segue dizendo que houve outras situações parecidas, mas que depois, com o crescimento do tráfico fortemente armado, os moradores pararam de tomar essa atitude, pois temiam que pudesse haver alguma reação. Nesse caso, como em outros, o Edson coloca que a preocupação dos moradores era que uma invasão como essas poderia ser o início de uma favela.

Um caso “histórico” ligado ao surgimento do Verdejar, foi a expansão por parte dos próprios moradores da Sérgio Silva, que estariam ocupando espaços para vender. Foi o que motivou o “acampamento” que depois veio dar origem à horta. O Diogo conta esse episódio fazendo referência à fala citada anteriormente sobre a “meia dúzia de espertos”:

> Era o que tava acontecendo ali na Sérgio Silva. E o Verdejar só conseguiu barrar esse crescimento ali da comunidade por isso. Porque não era uma coisa que a comunidade estava mobilizada em peso. Que: “eu tô marcando o meu terreninho, tu tá...” Era uma meia dúzia de espertos que tavam marcando os grandes lotes e vendendo, a preço pequeno aí. Eu lembro que tinha lotes que custavam 50 reais e o

> caramba. Esses meia dúzia de espertos tinham uma certa... eram meio que lideranças na comunidade: conheciam o pessoal do tráfico, conheciam o fulano de tal que faz a segurança da rua tal, tem conchavo com ciclano. Eram lideranças né. (...). Teve os momentos de impasse brabo, mas parece que por ser uma atividade tão criminosa, os caras não insistiram em botar banca e recuaram. Muitos deles recuaram. Até porque poderia ser um problema onde o tráfico poderia se meter e isso não seria bom pra ninguém.

Este caso foi marcante também para que o grupo começasse a fazer contatos com agentes externos e a se articular na esfera ambientalista. Como demonstra o Luiz Poeta no trecho abaixo:

> Várias pessoas chamaram até família da roça, pra poder construir, e aí a gente conseguiu fazer essa horta aí e fazer esse controle. (...). Depois nos reunimos com a prefeitura, mandamos carta pra ALERJ, fomos na ALERJ, conhecemos o Sérgio Ricardo. O Sérgio Ricardo nos apresentou à Bicuda Ecológica. Já formamos um movimento que foi a Bicuda Ecológica, Verdejar e Os Verdes, fomos na prefeitura numa reunião e conseguimos que viessem fazer um reflorestamento de emergência.

O Diogo relata como foi a primeira ação prática com os novos parceiros: o embate que se deu com "a turma do barbante" justamente no dia em que haviam marcado um encontro na Serra com o Sérgio Ricardo e o pessoal da Bicuda, pessoas que já tinham um "histórico ambientalista":

> No dia que a gente marcou pra fazer a visita ali na Sérgio Silva, a gente já tinha controlado um pouco ali a questão da invasão. A gente se reuniu lá na sede da Bicuda na Vila da Penha, e viemos atravessando o morro, quando a gente chegou na Sérgio Silva tava tudo cercado, cheio de barbante e o caramba. Aí o Sérgio Ricardo, o pessoal da Bicuda, já com essa questão da militância ambientalista, já saíram metendo a mão no barbante, quebrando cerca, o outro tirando foto do morador, o Sérgio já falando: "Ó, eu vou chamar o Ministério Público, tá todo mundo em cana!" Aí teve gente que correu, teve gente que já ficou pra discutir, foi aquele quebra-pau danado. Eu me lembro bastante desse dia também. A gente tirou os barbantes dali, tirou a ocupação, tudo. Aí o Sérgio mesmo falou nesse dia: "Ó, vocês agora tem que se afastar daqui. Vocês não podem ficar vindo aqui todo dia não. Fica de molho agora. Some daqui, não fica por aqui não." Aí logo depois que eles foram embora: "Ih, que nada, vamo sair nada, vamo ficar aqui mesmo, é nós!" Aquela bronca. Ficamo por ali e coisa e tal.

Por causa das constantes ameaças de invasão naquela parte da Serra, é que foi montado o "acampamento" que deu origem à horta, ao horto, e que serve de base para o

Verdejar até hoje. No combate à invasão, o Verdejar ocupou o seu espaço. Ainda que as invasões naquela área estejam sob controle, graças à presença do Verdejar, legitimada pela prefeitura através de um reflorestamento de emergência e da implantação de eco-limites, a pressão sobre o local é constante. Como aponta o Zolmir:

> A invasão, que eu sinto mais... naquela parte nossa ali da Sérgio Silva, eu acho que ali é uma parte que tá sempre ali na ameaça de ser invadida, aquela parte da frente. Se o Verdejar sai dali... Mesmo com o Verdejar ali, aquela parte da frente tá bem ameaçada. A gente tem que tentar trabalhar aquela parte da frente ali pra diminuir esse problema. A prefeitura tá com uma promessa de vir aumentar o eco-limite ali embaixo.

O eco-limite citado é representado na prática por uma trave de ferro pintada de laranja, que marca os limites para o crescimento das comunidades em direção às áreas protegidas. É definido pela prefeitura, e existe em diferentes partes da cidade, quase sempre ao redor de favelas. A fiscalização do respeito aos eco-limites seria uma função da prefeitura, mas na prática é exercida por associações, entidades locais ou moradores que fazem denúncias à prefeitura em caso de desrespeito. No caso da Sérgio Silva e proximidades, quem acaba fazendo esse controle é o Verdejar:

> [*O eco-limite, só quem fiscaliza é o Verdejar mesmo né?*]
> Só, mas aí já é uma coisa oficial né? Como não tem nenhuma marca ali, da prefeitura, aí não respeita muito. O eco-limite o pessoal já respeita mais. Tanto é que lá na Maracá, aquela favela que tem lá atrás, os caras não avançaram o eco-limite. Tão avançando mais aonde não tem eco-limite. Até porque a gente também fica olhando e tal. Porque também se botar o eco-limite e não houver uma fiscalização aí o pessoal avança. Isso aí já tem acontecido em vários lugares. Até mesmo na Zona Sul tem acontecido, o pessoal bota o eco-limite, mas não fiscaliza, quando o cara vai ver já tem uma... (Zolmir)

Essa pressão constante é explicada pelo grupo como sendo provocada pela ausência de uma política habitacional eficaz. Como o poder público não estabelece programas habitacionais que possam atender à demanda por moradia de forma satisfatória, um terreno como esse da Sérgio Silva, plano, de fácil acesso, próximo ao metrô, torna-se um alvo cobiçado. Tanto pessoas que necessitam de moradia adequada como, principalmente, pessoas que se aproveitam dessa necessidade para lucrar economicamente vêem ali uma possibilidade de concretizar seus objetivos.

A caracterização da "invasão" como um mal a ser evitado, tem um aspecto curioso que é o fato de que determinados movimentos sociais fazem a ocupação de

espaços como forma de luta, como é o caso do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – e do MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. É ainda mais curioso pelo fato de que o Verdejar, em geral, apóia a luta desses segmentos, possuindo inclusive ligações institucionais com o MST, que luta para que a sua prática seja tratada como uma "ocupação" legítima e não como uma "invasão" ilegal. A princípio, parece uma incoerência política do grupo, mas que na verdade aponta para uma questão mais profunda que é a de que nesse conflito o agente gerador não é visto como sendo o grupo ou pessoa que está agindo ali, mas sim o poder público, pela sua omissão, e em última instância, o próprio "modelo de desenvolvimento". Essa pressão por habitação é um reflexo da concentração populacional nos centros urbanos, aliada à desigualdade social que faz com que grande parte dessa população não tenha condições dignas de moradia.

Então, quando o Verdejar se coloca contra a construção de novas casas, ele não está se colocando contra o direito à moradia. Pelo contrário, expressa na sua ação o entendimento de que a região não oferece condições adequadas de moradia para as pessoas que já vivem lá, quanto mais para novos moradores, e que a preservação das áreas verdes pode melhorar um pouco a qualidade de vida no local. Denuncia, portanto, o descaso com o qual são tratadas as pessoas que moram na região e, principalmente, aquelas que estão ainda procurando se instalar.

Além dos casos exemplificados acima, ocorreram ainda outros envolvendo tanto moradores da Sérgio Silva como pessoas de fora. O Zolmir conta como foi um desses casos que é bastante significativo:

> Outra vez, foi um movimento que tinha aqui atrás, (...), tinha um pessoal que fizeram um monte de casa no meio da rua ali. Na Favela da Galinha. Aí eles tavam querendo invadir lá. Inclusive um dos cabeças desse movimento era o..., um coroa, ele vive disso, de invadir... um aproveitador. (...). Aí a gente começou a articular, eu soube que ele tava envolvido com isso, eu chamei ele aqui e falei com ele que ele não podia invadir lá, que aquilo ali era uma área pública, se ele invadisse não ia dar certo, eles iam ter que sair de lá. A prefeitura ia expulsar eles de lá. O pessoal já tinha se articulado lá também, o Pezão já tinha articulado, (...). E no final acabou dando certo o negócio. Desistiram.

Esse caso, ocorrido em 2005, ilustra bem algumas questões. Aparecem aqui tanto a figura do "esperto", nas palavras do Diogo, como a necessidade real de moradia por parte de pessoas que estavam sendo removidas. Algumas pessoas tentaram se aproveitar dessa necessidade, para obter um ganho econômico através da venda de lotes.

Como o Zolmir coloca, o caso foi resolvido através do convencimento de que ali também seria uma ocupação irregular e que a prefeitura iria interditar. De certa forma, essa fala aponta também para o fato de que, apesar da pressão, constante, aquela região alcançou um status de área "não ocupável", graças à ação do Verdejar com a presença física no local e com a interlocução com a prefeitura e outros agentes externos. Essa importância do Verdejar é ressaltada no trecho abaixo:

> Porque se não tivesse o Verdejar ali isso aí já tinha sido um favelão. Com certeza, já teria sido... já seria, atualmente, uma favela. Teve o lance daquele loteamento também (dos grileiros), ia juntar aquele pessoal de lá de trás, ia juntar com essa comunidade daqui, que ia crescer, certamente. Aí, não ia sobrar nada. E depois vai embora, né. O pessoal de cá também... tem a rua Frechal, que fica atrás do Guanabara, tem uma parte lá em cima, embora possa tá bem direitinho, mas é uma área invadida também. Então, o trabalho do Verdejar nesse ponto aí tá sendo... assim... acho que a grande... o grande feito do Verdejar tá sendo esse, na prática, conseguir segurar a área. (Zolmir)

**"Os grileiros"**

> Um belo dia você chega tem uma placa, máquina, peão trabalhando, os caras rasgando rua, faz isso, faz aquilo, e vai conversar, os caras na maior arrogância falando que vai fazer e acontecer. E fez rasgou lá, e máquina e tal... e pum! Criou uma revolta dentro do Verdejar. (Luiz Cícero).

Este relato reflete o impacto causado quando uma imobiliária começou um loteamento na "área verde" atrás da Sérgio Silva. Essa "invasão" era bem diferente das tentativas anteriores: eram pessoas de fora, com um certo capital de investimento e que se diziam donas legítimas do terreno. Também impressionavam a magnitude do empreendimento, cercando rapidamente uma grande área, e a truculência dos "proprietários". Se nesse caso o posicionamento do Verdejar era mais simples, por não se tratar de pessoas que estavam ocupando para morar, por necessidade, o enfrentamento era mais difícil devido ao poder econômico dos atores envolvidos.

O Luiz Poeta conta que os grileiros entraram justamente quando a prefeitura começou o reflorestamento de emergência para conter o crescimento da comunidade. Os supostos donos teriam sido avisados e ficado com medo de perder o terreno a partir dessa ação. A fala dele demonstra também a importância que tiveram as articulações feitas anteriormente para enfrentar essa nova situação:

> Já foi uma ação muito concreta a prefeitura vir plantar... Aí, é um casal de irmãos, filhos do Sr... que foi o patriarca. O que que eles pediam: uma reintegração de posse; mas eles não tinham direito porque o pai vendeu a terra pr'uma companhia de São Paulo que fali; então a terra ficou ao Deus dará mesmo... Isso aí a gente descobriu tudo mais tarde, que eles contrataram os grileiros para virem fazer o loteamento, a gente teve a maior sorte, foi agosto de 99, após a gente conseguir acalmar a comunidade. (...). Um belo dia os caras chegam com trator e tudo. Já abrindo rua, o cara de terno, celular na mão, falando com tal deputado, foi um alvoroço. Como a gente já tava inserido no movimento, foi mais fácil pra gente. (...).

A reação do Verdejar, como o Luiz destaca, foi em parte facilitada pela experiência anterior com os esforços para conter o avanço da comunidade, quando foram feitos os contatos com o "movimento". O que significa dizer que já estavam se articulando com entidades ambientalistas e órgãos do governo, conhecendo caminhos de atuação e circulando por espaços para além do seu "território" local. Ainda assim, as situações vividas anteriormente não se comparavam a essa, considerando a capacidade de mobilização de recursos econômicos e políticos desses novos agentes. Portanto, novas estratégias precisaram ser acionadas e novos caminhos precisaram ser encontrados. Nos dois trechos abaixo o Poeta destaca algumas das ações de enfrentamento realizadas pelo Verdejar:

> A gente ligou pra todo lado né. Foi uma correria danada assim. A noite a gente ia lá, tentava sabotar o trator, plantava as mudas aonde o trator tinha que passar, eles passavam na frente. (...) Aí a delegacia de meio ambiente começou a vir, teve uma primeira prisão deles (...). Eles começaram a fazer cerca, e a gente arrancava cerca. (...). Quando foi em setembro, no dia da árvore, com um mês que eles tavam aí, a gente fez um evento, a caminhada e eles com um aparato de segurança danado. Olhando pra gente... Nesse mês de setembro eles fizeram cerca. Começaram a fazer cerca, a gente arrancou cerca. Tivemos um embate aí com os seguranças, eles tomaram máquina da gente, a gente conseguiu de volta desenrolando na conversa.
>
> Nesse mesmo momento a gente já tava abrindo a ação civil pública no Ministério Público. (...) Conhecemos a promotora Rosane Cunha Gomes, o pessoal da Bicuda que indicou pra gente, que abriu a ação civil pública e começou a pedir várias fiscalizações, inclusive o pessoal da prefeitura, do ETR, Escritório Técnico Regional, trouxe embargo, várias vezes, colou embargo, mas os caras não ligavam.

Ao mesmo tempo em que executa ações diretas contra a invasão, como "arrancar cerca" e "sabotar trator", o grupo adota também, como forma de resistência, a continuidade do seu planejamento e da realização das suas atividades, como a

caminhada citada, que já estava prevista para acontecer em setembro, mesmo antes "dos grileiros". Através do contato com a Bicuda, o grupo chegou ao Ministério Público, que teve um papel fundamental nesse caso. No entanto, vale ressaltar que os depoimentos referentes ao caso indicam que se não houvesse a pressão do grupo e a resistência no local, a ação isolada do Ministério Público não teria sido suficiente. Outro ponto que merece destaque nessa fala, é que a estratégia do diálogo não foi abandonada, pois o contato cotidiano com as pessoas responsáveis pelo empreendimento, bem como operários e seguranças, apesar da tensão, demandava uma argumentação constante.

Em alguns momentos, a tensão provocada pelo conflito, chegou a extremos de quase agressão, o que poderia ter tido resultados gravíssimos. Segundo os relatos, algumas ameaças foram feitas:

> Houve até promessas, ameaças de morte, que iam matar o Luiz... Iam matar os Verdejar tudinho, melhor dizendo. Iam matar os Verdejar tudinho, aqueles grileiros todos lá. (Luiz Cícero)

O Edson conta que viveu uma situação de ameaça explícita:

> Uma vez eu bati de frente com um negão lá que era segurança. O cara me enquadrou com arma, falou que ia me dá tiro. Passei do ladinho dele na trilha, em frente o horto, era aquela trilha. (...). Aí ficou apontando a arma pra mim, eu falei: "você vai atirar mesmo?" Porra eu tava com o maior medo, mas eu falei: "se eu der as costas pra esse cara ele vai me matar aqui". E tava eu mais um camarada meu. (...). Aí ele ficou assim naquela né, e eu tava andando na direção dele, continuei. Eu e esse camarada, a gente passou assim do lado dele (...), ele com a arma assim, cara. Eu passei do lado dele, ficamos olhando pra cara dele, a gente foi passando. (...). A gente foi andando de costas, eu e esse maluco, a gente andando de costas: "Pô não vai atirar na gente que tu vai arrumar uma merda! A gente é morador daqui, antigo". Quando virou a estradinha, vupt! Cara, corri muito. (...). Aí fomos até a Praça do Meio, subimos no pedrão e ficamo vigiando ele de longe, do pedrão. Era a maior tática de guerra nessa época....

A idéia de que estava sendo travada uma "guerra" contra os grileiros, aparece em diversos depoimentos. Estar numa "guerra" implica a noção clara de que existe um inimigo a ser derrotado que também tem a consciência de estar num campo de batalha. Isso implica que as "táticas" adotadas devem levar em consideração o que está sendo planejado do "outro lado". A "guerra" não pode ser vencida somente com diplomacia, o confronto direto é inevitável e as melhores "armas" devem ser utilizadas. No caso do Verdejar essas "armas" foram as estratégias citadas acima. Já pelo lado dos grileiros, parece que a alegação de propriedade do terreno, a ação rápida e efetiva de entrar, lotear

e vender, além da "intimidação pela força" e da cooptação de algumas pessoas da comunidade, foram as armas principais.

A alegação do Poeta de que mesmo com os embargos e ações judiciais, as atividades não paravam, encontra sentido no fato de que é muito mais difícil reverter a situação depois que o terrenos estão efetivamente ocupados, com a infra-estrutura construída e, principalmente, com os terrenos vendidos para terceiros, com as casas construídas e pessoas morando. Por esse motivo é que o grupo entende que havia uma certa pressa em cumprir todas essas etapas, colocando demarcações mais difíceis de serem retiradas:

> Depois construíram o muro na nossa cara (...). E com isso eles subiram. Vários peões trabalhando, eles trabalhando muito correndo. Tanto que o muro vinha aqui, pouco abaixo da horta e virava pra lá. Se eu não tivesse aqui na horta nesse momento... eles queriam subir o muro até aqui em cima, vinha subindo. (...). Nesse dia eu desci fui lá dentro, ele tava na mesa, botei o dedo na cara dele e tudo. Aí ele disse pros caras não subir, que era o..., que foi o que foi processado que era o dono da imobiliária. Ele que foi contratado pelo casal pra fazer esse loteamento. (Poeta)

O muro a que eles se refere está lá até hoje, margeando a rua Sérgio Silva e é chamado justamente de "muro dos grileiros". Esse muro atualmente foi "cooptado" pelo Verdejar como uma barreira contra novas invasões. Inclusive, foram feitas algumas iniciativas de bloquear as aberturas que existem no muro.

Outra conseqüência desse processo foi a de que o grupo foi obrigado a "se capacitar" em determinados conhecimentos e procedimentos técnicos que se revelaram essenciais para o momento, e que são considerados como instrumentos importantes para o Verdejar de uma maneira geral. O Poeta, por exemplo, conta que teve que levantar documentos e analisar o processo, funcionando como uma espécie de assistente da promotora:

> E eu comecei a estudar esses documentos. Descobri ali que o... (antigo dono, pai dos supostos donos atuais) tinha vendido. Algumas vezes na audiência, tive que mostrar à promotora o processo aonde tava escrito isso. Que a promotora mesmo às vezes chegava assim, dava um lapso nela que ela dizia: "Não, mas acho que eles são donos sim...". Aí eu tinha que mostrar pra ela, mas olha aqui: "Foi vendido em 1981 pra companhia de São Paulo, essa companhia é massa falida..." Aí ela começou a expedir mandato aí.

Com um ano do início do "empreendimento" houve uma vitória significativa por parte do Verdejar e seus aliados que foi consolidada por uma operação policial no local, coordenada pelo Ministério Público no sentido de interromper as atividades:

> Exatamente nessa época do muro, foi que a gente conseguiu que eles paralisassem. Que aí eles paralisaram o muro aqui em cima. E aí a promotora... Foi em agosto de 2000 que ela mandou uma quantidade de polícia assim... Foi muita polícia que veio pra cá mesmo. Aí a gente botou as bandeiras, fez manifestação. A gente já tinha feito umas duas reportagens com o RJTV, que o Sérgio Ricardo, era assessor do Minc né, ele articulava essas coisas bastante pra gente. Isso foi em meados de 2000. (Poeta)

É importante lembrar que nesse mesmo mês de agosto, foi realizado o Seminário da Serra da Misericórdia, no qual a prefeitura apresentou a proposta de criação da APARU, que foi decretada em novembro do mesmo ano. Esse é mais um indício de que o Verdejar estava fortalecido nas suas alianças e possuía canais de comunicação com a prefeitura. No entanto, essa vitória não significou a paralisação total das atividades da imobiliária. A "vitória definitiva" só veio a acontecer em 2001:

> Entrou o César Maia aí e colocou o Eduardo Paes na SMAC, e o Eduardo Paes entrou com aquela voracidade, com aquele furor todo, derrubando algumas coisas por aí. Foi quando derrubou as casas que tavam construídas. Tinha casa pronta já, tinham pessoas morando. (...). E quando a prefeitura fez essa de derrubar, por questões eleitoreiras, o Eduardo Paes logo depois viria a se candidatar a deputado federal. A gente se beneficiou bastante disso. Que aí eles não voltaram mais. (Poeta)

O fato de já ter casas construídas com pessoas morando – "já tinha até chevete na garagem" – complexificou o conflito, envolvendo as pessoas que haviam comprado terrenos e construído, ou começado a construir, suas casas. A reversão dessa situação e a retirada definitiva de grileiros e novos moradores foi facilitada por uma nova conjuntura na política municipal da qual o grupo soube se aproveitar.

Após a paralisação, o processo continuou em cima dos responsáveis pelo loteamento. Algumas pessoas que haviam comprado o terreno ainda conseguiram receber de volta o que haviam pago. No total, todo o processo, do início do loteamento até a retirada, durou aproximadamente um ano e meio e deixou profundas marcas que são percebidas na relação com o tempo e o espaço. Com o espaço porque a área onde o Verdejar surgiu e desenvolve suas atividades foi significativamente alterada pelo trabalho de operários e máquinas. Ruas foram abertas, grandes quantidades de terra

foram removidas no processo de preparação dos terrenos, a vegetação foi retirada e o muro, mencionado acima, ficou como a referência mais clara da intervenção realizada. Deixou também uma marca temporal na história do Verdejar. Em muitas ocasiões ouvi comentários do tipo: "isso foi pós-grileiros" ou "os grileiros ainda não tinham entrado". Isso se dá pela própria modificação do espaço, "antes não tinha o muro" ou "tinha um morrinho aqui", e pelo o que estou chamando de um "fortalecimento" do grupo provocado por essa situação de crise e que consiste, basicamente, nas parcerias estabelecidas, nos conhecimentos adquiridos e na própria experiência acumulada.

Esse conflito envolveu ainda outros atores que são citados nesta dissertação. Os moradores da Sérgio Silva não tiveram uma reação homogênea; uns eram a favor, outros eram contra, e esses posicionamentos foram mudando no transcorrer do processo. Em algumas falas pude notar a percepção de que, no início, alguns moradores pensavam que seria feito um condomínio que poderia valorizar a comunidade, e que no final, teriam percebido que a situação estava completamente irregular e que iria acabar "virando um favelão". O poder público, representado nas falas, principalmente enquanto prefeitura e Ministério Público, exerce também um papel fundamental. Primeiro, por uma omissão que permite a instalação inicial dos grileiros e, depois, por uma reação aos protestos do Verdejar e aliados. O tráfico, ainda que, aparentemente, não tenha interferido de forma direta nesse caso, é sempre uma força presente e que é levada em consideração. Alguns depoimentos indicaram uma possível relação de pessoas ligadas aos grileiros com o tráfico e, ao mesmo tempo, outros indicaram a vontade de pessoas próximas ao Verdejar de recorrer ao tráfico como forma de proteção ou retaliação contra uma possível violência por parte dos grileiros. A própria fala do Edson citada acima, na situação com o segurança, se colocando como "morador antigo" pode ser entendida como uma referência ao fato de que os traficantes poderiam fazer alguma retaliação se moradores fossem vitimados.

A atuação do grupo, tanto no local como pelos caminhos judiciais, foi determinante para que o empreendimento fosse embargado. O Poeta dizia que eles, membros do grupo, sempre se perguntavam: "quando será que o Verdejar vai estourar na nossa cara?" Segundo ele, se isso já aconteceu, foi dessa vez. A urgência e a gravidade da questão fizeram com que o Verdejar realmente "estourasse" como uma força local.

## 4.2 O tráfico

Quando cito "o tráfico" como um ator social, não estou querendo dizer que existe um grupo homogêneo, politicamente definido, organizado e consciente do seu papel; ainda que muitas vezes assim pareça ser na fala de moradores, na mídia, e nos discursos de órgãos de segurança pública, entre outros. São comuns as falas do tipo: "fulano entrou pro tráfico"; "o tráfico fez isso"; "o tráfico é assim". A referência não é somente ao comércio ilegal de drogas, mas às pessoas que fazem esse comércio nas favelas. A presença desse ator no campo se dá não somente através de ações diretas, mas, principalmente, na percepção dos demais atores. A "sombra" do tráfico paira sobre todas as atividades. Por exemplo, quando moradores colocam a preocupação a respeito de o lugar "virar favela", o grande medo na verdade é de "ter boca de fumo". Por esse discurso, um dos aspectos mais importantes para definir o que é uma "favela" é a presença ostensiva "do tráfico".

Este é um ponto bastante delicado para ser trabalhado numa dissertação, e não é o objetivo aqui detalhar as atividades desse ator. No entanto, uma descrição dos conflitos ambientais em que o Verdejar está envolvido que não levasse em consideração este fator estaria bastante incompleta. Assim é que procuro trabalhar aqui traçando as linhas gerais que podem indicar as implicações que a presença do tráfico traz para o caso.

Para começar a tratar da questão, é preciso primeiro questionar a representação generalizada "do traficante", a imagem que é passada através da mídia, como um ser unidimensional e coerentemente mau. Nesse sentido, destaco uma fala do Edson que me parece emblemática:

> Então essa coisa hipócrita que se fala na sociedade: "Ah, é associação ao tráfico". Não é isso, não existe "associação ao tráfico". A gente é criado com as pessoas desde pequeno, você quer o quê, o cara vira bandido não falo mais com eles? Porra, não existe isso!

Essa declaração nos leva a considerar as relações ali estabelecidas da mesma forma como são reconhecidas aquelas que ocorrem em outros contextos, isto é, vendo "os traficantes" como tendo um pertencimento social, com amigos, família, hábitos, gostos e opiniões. Entendo que reconhecer dessa perspectiva a interação existente entre esse e outros segmentos que convivem no lugar é uma premissa para tratar do caso em questão, como faço a seguir.

Apesar da Sérgio Silva não ser um ponto de concentração do tráfico, sendo considerada "um lugar tranqüilo", ela se encontra "na área de influência" do Complexo do Alemão o que faz com que esteja sujeita a interferências ocasionais por parte de traficantes dessa área. De todo modo, é um ator que não pode ser desconsiderado na região. Qualquer ação de maior amplitude – seja do Verdejar, seja Pedreira ou da prefeitura – vai ter que considerar de alguma forma a presença do tráfico na região.

A forma como se dá a relação do Verdejar com "o tráfico", é bastante complexa, cercada de ambigüidades. Um ponto claro é que a existência do tráfico de drogas, de forma geral, e de todas as questões ligadas a essa existência, são entendidas pelo grupo como sendo uma coisa negativa, um "problema social". Porém, isso não significa que o Verdejar assuma como uma bandeira explícita, a "luta contra o tráfico". Mas, muitas vezes as ações práticas têm como um dos objetivos, ou como idéia legitimadora, afastar a presença do tráfico do local ou evitar alguns dos seus efeitos, como o "envolvimento" dos jovens. Assim como já se tornou praxe em entidades que realizam algum tipo de trabalho em áreas onde o tráfico se faz presente, uma das "conquistas" dos projetos do Verdejar é ter "salvado" jovens de entrar para o tráfico. Não só de forma genérica dentro do pensamento de que o jovem ocioso está sujeito a ser aliciado pelo tráfico, mas em cima de casos específicos de jovens que "já estavam entrando" e tomaram "um novo rumo na vida".

A própria trajetória do Edson, apresentada no capítulo 2, reflete essa idéia de que, se não fosse o Verdejar na sua vida, entre outros fatores, ele poderia ter seguido por "caminhos errados".

No entanto, as principais referências ao tráfico, em termos de conflito, estão relacionadas com a maneira como interfere nas atividades do Verdejar e na vida da comunidade, bem como as estratégias do Verdejar para lidar com esse conflito. Em geral, essa questão perpassa outros pontos de conflito, como as invasões e a relação com a comunidade. Cito abaixo algumas passagens das entrevistas que exemplificam situações de conflito e as estratégias adotadas.

> Na Sérgio Silva. botaram uma boca uma vez ali, botaram uma boca na horta, no horto. A gente tinha que conviver... a gente trabalhando na horta e os caras dentro da horta vendendo droga. (...). Escondiam as coisas dentro do nosso trailer. A gente começou a falar: "pô maluco olha só, vocês tão escondendo isso aí, se a polícia vir aqui e achar, vai dizer que essa porra é nossa. Então tira isso daí, cara, que a

> gente não tem nada com isso, a gente tá fazendo o nosso trabalho, vocês tão fazendo a parada de vocês, ó: uma coisa não tem nada a ver com a outra. Divide isso aí. Vocês tão escondendo coisa no lugar que a gente trabalha. Se a gente mexer e a achar essa porra aí, a gente vai zunir essa porra!" Porque alguns a gente conhecia, então alguns a gente podia falar assim. Outros, não, claro, a gente não é idiota. (Edson)

> Teve uma vez que os caras tavam com boca de fumo, armado e tudo, lá em cima, entre a horta e o horto, (...). Os caras ali armados e a gente mais embaixo dentro da horta tocando violão. Dez da noite, maior galera. A gente: "não, resistência. A gente tem que botar resistência aqui, porque senão a energia que existe boa vai sair e vai vir essa energia e vai tomar conta". A gente tinha muito essa coisa de energia. Da energia que já existia no lugar, da galera, não perder pra essa energia negativa. E a gente tem vencido né. (Edson)

Os dois casos citados acima são bem interessantes para se pensar a relação do Verdejar com traficantes. Em ambos, a presença deles ali é vista como um problema grave e que se não puder ser totalmente resolvido, deve pelo menos ter seus efeitos mais negativos neutralizados. Para isso, vale a conversa, e até mesmo a "bronca", respeitando os diferentes níveis de relação. Nesse caso, o pertencimento enquanto morador e as relações construídas ao longo do tempo, conferem uma certa autoridade para algumas pessoas do Verdejar nessas "negociações". No segundo caso, aparece, assim como no caso dos grileiros, a necessidade de manter a presença do Verdejar, realizando as suas atividades, para não deixar "tomar conta".

Existe um certo consenso na fala dos entrevistados e de outras pessoas com quem conversei, no sentido de que os traficantes conhecem e "respeitam" o trabalho do Verdejar e que alguns "até entendem" a importância das ações que são executadas ali, como demonstram as falas abaixo:

> Porque todo mundo conhece... Cara tu vai na Canitar nego sabe do Verdejar, conhece ali, conhece o Luiz. Tu vai na Fazendinha: "o Poeta! O maluco, o Poeta!" Então tem uma identificação assim. Não é que a bandidagem respeita a gente. Não sei se é isso. Mas respeita esse tipo de trabalho, eu acho. Eles têm um entendimento, antigamente tinha mais, hoje tá mais complicado. Mas tem esse entendimento. (Edson)

> Os próprios bandidos que vinham lá do Complexo pra ficar ali, na época já tinha esse entendimento: "Não, a Campos Floridos não pode virar favela mesmo não porque lá é o nosso espaço de lazer". A gente chegou a ver os caras que formavam na boca de fumo mesmo, bandido mesmo, falar isso: "Não, lá é o nosso espaço de lazer. A gente vai pra lá curtir nosso lazer. Não pode ter favela lá não." Aí já

> tinha o tráfico local ali convencido de que era bom ter aquela área ali como área de lazer. (Diogo)

> Mas... essa relação de conflito com a gente. Porque sabe que o interesse do tráfico é ter favela. E sabe que a gente, o interesse conflitante é justamente esse... E a gente cara, muito engraçado, a gente conversando com os traficantes e dizendo: "cara, aqui é uma área totalmente adensada". Explicando essas paradas. E tem uns que entendem, a maioria! "É mesmo né, cara...". "Pô então, cara, essa parada de tráfico é totalmente ligada a isso. Tu acha que os caras tão mandando vocês botarem boca aqui pra quê? Daqui a pouco eles vão mandar fazer uma favela aí, e vocês vão ter que fazer também." Alguns falaram: "ah é isso mesmo", outros não. Você vê que tem alguns que têm consciência. (Edson)

Essa última fala, apresenta um "interesse" que vai justamente contra a luta do Verdejar: a expansão das favelas dentro da área da Serra. Apresenta também a "conscientização" feita com traficantes, e o fato de que "tem uns que entendem". De certa forma, é recorrente a fala, não só no Verdejar, mas em outros espaços, de que o tráfico respeita ações sociais e iniciativas "para o bem da comunidade". O Diogo já apresenta uma outra vertente, a de que os traficantes também utilizam a área para lazer e que portanto ela deve permanecer como está. Ele colocou isso a propósito das invasões que, em geral, para acontecer, precisam do "aval" do "dono" do morro, ou seja, o traficante que controla determinada área.

No entanto, houve momentos de grande tensão nessas relações. O Edson conta que houve um período em que estavam falando que "o pessoal do Verdejar tava pra cair". O que é uma ameaça de morte. A estratégia adotada para o caso foi a de procurar "os caras que mandam" para tentar resolver a situação:

> Nessa que eu fui eu encontrei um camarada meu, (...). E ele tinha o maior contexto com esses caras maiores. Aí eu falei com ele a situação, expliquei: "pô cara, tá acontecendo isso, os caras botaram a parada lá..." Ele: "é tô sabendo, o Morrinho né". "Morrinho não, Sérgio Silva lá". Que eles chamavam de Morrinho. "Pô os caras tão falando que vão matar a gente, cara. Que que tá havendo, a gente é criado lá, tem um trabalho de preservação ambiental, os caras tão falando que vão matar a gente! Eles é que tão errados". Ele: "que isso cara, eles não podem entrar no caminho de vocês, pode deixar que eu vou falar com..." Aí dessa aí conseguiu parar a parada. Os caras tiraram a boca dessa vez. (...) Porque não dava lucro. Nunca deu lucro boca ali. Graças a Deus, nunca deu, nem vai dar.

Quero destacar dois pontos dessa fala. O primeiro é o fato de que a estratégia utilizada foi entendida como sendo a única saída. No caso, estava havendo problemas

com um determinado grupo e então foram acionadas as "instâncias superiores", que ordenaram a retirada da boca. É bem diferente da situação dos grileiros. Nesse caso dos traficantes, recorrer a atores externos, como a polícia e órgãos responsáveis pela segurança pública, está completamente fora de questão e não é, em nenhum momento, uma possibilidade para solucionar o conflito. Pelo contrário, o entendimento geral é de que isso só agravaria a situação. Portanto, as estratégias são a "resistência" no local, como foi citada no diálogo com aqueles que estão na ponta e, em casos extremos, com os que mandam. Nesse momento, o que conta não são as articulações "para fora", mas "para dentro". O outro aspecto é que, ainda que o relato indique que a "boca" foi retirada de lá em respeito ao Verdejar, no final ele coloca a questão de que aquele ponto nunca foi muito lucrativo. O que permite pelo menos relativizar essa questão do respeito. Será que se realmente gerasse lucro o Verdejar conseguiria evitar a instalação definitiva de um ponto de venda?

Outro problema gerado pelo tráfico são as situações de conflito entre facções rivais ou com a polícia, que colocam o local na linha de tiro. Embora isso não seja uma ocorrência freqüente nos arredores da Sérgio Silva, acontece muito em outras partes da Serra da Misericórdia, como os conflitos ocorridos nos meses de abril e maio de 2007, na Vila Cruzeiro e no Complexo do Alemão, que foram noticiados pela grande mídia. Na Sérgio Silva, a principal ocorrência desse tipo foi no ano de 2000 quando estava havendo uma disputa entre facções pelo controle do tráfico na Maracá:

> ...nessa época tava passando por um processo sério também porque os caras do Complexo do Alemão tinham tomado o Morro da Maracá que era da galera do Juramento. Ficou tudo meio assim... bem caótico, porque a gente tava passando por essa questão com os grileiros. E a questão da guerra entre as facções, logo ali em cima. (...) me lembro como se fosse hoje, tava ali na passarela do metrô conversando com não sei quem, tô vendo os caras trocando tiro com a polícia, lá em cima da Serra, e os caras correndo no meio do mato, tomando tiro. Os policiais dando tiro em cima da bandidagem. (Luiz Cícero)

Essa é uma questão que foge da alçada do Verdejar que o máximo que pode fazer é tentar evitar danos maiores. Esse período é retratado como tendo sido um período de tensão para os moradores da Sérgio Silva que "nunca tinha visto nada assim". Pois a comunidade se tornou local de passagem para traficantes armados e os tiros disparados na Maracá eram ouvidos muito de perto. Aquela é uma zona de tensão constante para esse tipo de problema, pois existem muitas favelas com presença maciça

do tráfico, sendo que a linha do metrô separa a "área do Complexo do Alemão", na qual a Sérgio Silva está incluída, da "área do Juramento", que são controladas por facções diferentes. "Área" nesse caso se refere à "geografia do tráfico", entendendo que a Sérgio Silva está numa região que é controlada por traficantes do Complexo do Alemão.

Um ponto que merece ser analisado com mais detalhe é o papel de agente do "processo ambientalizador" (Corrêa, 2006) que o Verdejar exerce até mesmo para traficantes, vistos como o contrário da "lei e da ordem" vigentes, mas que não estão livres dessa "onda ambientalizante". Numa determinada situação, que não estava relacionada ao trabalho de campo, ouvi um relato de que numa favela havia sido colado um cartaz com os seguintes dizeres: "O tráfico informa: é proibido jogar lixo no valão. Lixo no chão, tiro na mão".

### 4.3 As pedreiras e a "Pedreira"

"Pedreira" é o nome que se dá ali para os sítios de mineração que têm como produto principal diferentes tipos de pedra utilizados na construção civil. Existem diversas pequenas "pedreiras" dentro dos limites da APARU, umas paradas e outras ativas, umas com licença, outras não. Existem ainda três grandes pedreiras localizadas no bairro de Inhaúma, que pertencem às empresas Anhangüera S/A, SNEC – Sociedade Nacional de Engenharia e Construções Ltda e Lafarge Brasil S/A. Esta última ocupa a maior área e é o principal foco de atenções do Verdejar, sendo normalmente referida como "a Pedreira", ainda que este termo possa ser usado também para designar a área total ocupada pelas três empresas. Essa área pode ser visualizada na figura 3 em anexo.

Apesar de aparecer freqüentemente no discurso do Verdejar como um dos "grandes problemas" da Serra, o grupo não possui muitas informações sobre as atividades dessas empresas. Também tive bastante dificuldade em encontrar dados mais corretos, até mesmo sobre o nome das empresas. Muitas vezes elas são confundidas e o fato é que não sabia exatamente quais eram as empresas e que áreas ocupavam. Sabia que a Lafarge era uma delas, a mais citada e que, muitas vezes, "representa" as pedreiras em geral.

As principais informações apresentadas aqui, foram extraídas da visita feita à Lafarge em Inhaúma, das falas dos entrevistados e de documentos do Verdejar. Essa visita rendeu também o acesso a um "Laudo Ambiental" (FAPUR, 2004), já citado

anteriormente, produzido por encomenda das três empresas que atuam no local, que se revelou numa fonte valiosa de informações.

As pedreiras, que exploram brita e areia "artificial"[25], são uma marco na geografia e na história local. O início da mineração teria ocorrido na década de 40 (FAPUR 2004), sendo que, na área ocupada pela Lafarge, começou em 1964. A Pedreira ou as pedreiras, aparecem em alguns trechos das entrevistas como um espaço utilizado para os mais diversos fins: dos festivais de balão, já mencionados anteriormente, às brincadeiras de criança e ao lazer das famílias.

As três pedreiras citadas ocupariam uma área equivalente a 2,36% da APARU. Desse total, a Lafarge ocupa uma área muito maior do que as outras duas empresas, cortando a Serra da Misericórdia, do bairro de Inhaúma à Penha e Olaria. A Anhangüera e a SNEC ocupam uma área voltada para o bairro de Inhaúma, sendo separadas da Lafarge por um paredão de pedra que "já foi uma montanha" e que consiste na atual, e última, "frente de exploração". Pelo que me foi passado pelo responsável pela unidade da Lafarge, a empresa tem a concessão para trabalhar nessa frente até reduzi-la à "cota 50"[26], a mesma do bairro de Inhaúma.

O primeiro contato que tive com as pedreiras se deu exatamente naquela primeira caminhada que fiz pela Serra. Depois desse dia, em diversas ocasiões, participei de caminhadas que levavam praticamente até dentro das pedreiras, e uma coisa que sempre me chamou a atenção foi o fato de nunca ter visto qualquer restrição de acesso à área de exploração. Nem sequer uma placa avisando sobre a atividade que ocorre no local. Essa fala do Diogo indica que sempre foi dessa forma:

> Com relação a isso, teve até uma vez que eu tava brincando lá na Rocinha, que fica lá em cima das pedreiras, aí teve uma explosão, eu escutei as pedras fazendo assim (imitou o som) no ar, comecei a escutar as pedras caindo no chão assim. Pedras pequenas. Aí fiquei olhando pro alto, eu e mais dois amigos que tavam, a gente olhando pro alto assim desesperado, com medo de uma pedra daquela cair em cima da gente. Explodindo mais a gente: "pô, o que que a gente faz, a gente corre, a gente para". Aí restou só essa atitude de olhar pro alto pra ver... pelo menos se proteger. Eu lembro que caiu uma pedra grande a uns dez metros assim da gente.

[25] Que é produzida a partir da rocha, ao invés de extraída de um "areal".
[26] 50m de altitude com relação ao nível do mar.

**“A Pedreira” - Lafarge**

A unidade produtiva de Inhaúma pertence à Lafarge Agregados, uma divisão da Lafarge Brasil S/A, que por sua vez pertence ao Grupo Lafarge, que é de origem francesa e atua em diversos países, líder mundial no mercado de materiais de construção. No Brasil, a empresa é dona, por exemplo, do Cimento Mauá, marca líder no mercado nacional. Na Serra da Misericórdia está presente desde 1993, quando adquiriu a área de outra empresa que já operava no local.

Para se chegar ao escritório da unidade, que fica ao lado da linha de produção, onde as “pedras grandes” são transformadas em “pedras pequenas” de diferentes tamanhos, existem duas entradas: uma por Inhaúma, que consta como endereço oficial, e a outra por Olaria, passando praticamente por dentro da Vila Cruzeiro, que é por onde passa a produção. O processo produtivo, de forma simplificada, consiste no que foi expresso anteriormente: transformar enormes rochas em partículas menores até o grão de areia.

O responsável pela unidade, reconhece que essa atividade gera impactos, e que por isso é feito o controle mais rigoroso possível. Segundo ele, existem dois problemas principais: as detonações, que são realizadas uma ou duas vezes por semana, e a poeira resultante de todo o processo. No caso das detonações, os problemas são: o risco causado por partes da rocha que são lançadas no ar e, principalmente, o abalo provocado nas estruturas de casas e edificações em geral. Ainda segundo ele, existe uma empresa de sismologia contratada exatamente para fazer o controle dessas detonações. Com relação à poeira, ele diz que a qualidade do ar é sempre monitorada e que o principal elemento utilizado para conter a dispersão de partículas é a água, utilizada em alguns maquinários e em caminhões pipas que “regam” as vias de acesso. No entanto, ele mesmo afirma que é impossível atingir 100% de eficácia nesse processo.

Ainda de acordo com a fala deste gestor, a unidade de Inhaúma possui 50 funcionários, muitos deles residentes nas comunidades vizinhas, e produz uma média de 10.000 toneladas por mês de “material”, que é vendido tanto para pequenos compradores – “o cara que quer fazer uma reforma na casa dele” – como para grandes empreendimentos de obras de infra-estrutura na cidade ao “Engenhão”[27] e outras “obras do PAN”.

Reconhecendo que a atividade da Lafarge é de natureza impactante, ele diz que é preciso fazer o máximo para minimizar os danos. Nesse sentido, uma das ações seria o

[27] Estádio Olímpico João Havelange, no Engenho de Dentro

reflorestamento, seguindo o mesmo modelo daquele realizado pela prefeitura, que foi feito numa área de 8 hectares até o momento, sendo que o objetivo é reflorestar 23 hectares. Outra ação que ele aponta para minimizar a presença da Lafarge no local é uma "política de boa vizinhança" que envolve manter relações com as comunidades, através das associações de moradores, realizando eventos, doando material, cestas básicas, entre outras atividades que estariam voltadas, principalmente, para as comunidades da Penha, que estão mais próximas da pedreira. No sentido de que: "Já que estamos aqui, buscamos conviver da melhor maneira".

Esse discurso, que se aproxima das idéias de responsabilidade social e ambiental, está em consonância com a imagem que é apresentada na página da Lafarge mundial na internet[28]. Discurso que reconhece os impactos causados pela atividade e indica a necessidade de se neutralizar esse impacto. Essa imagem de sócio-ambientalmente correta está o tempo todo sendo acionada. Esse trecho extraído da página referida retrata bem o discurso:

> Nossos materiais são essenciais para a vida e têm um papel chave no desenvolvimento econômico. Mas nossas indústrias também causam um impacto no meio ambiente. Totalmente alertas das nossas responsabilidades, nós buscamos soluções que irão reconciliar o desenvolvimento econômico pelo respeito ao meio ambiente[29].

Basicamente, é o discurso do "desenvolvimento sustentável" que está bem sintetizado nessa frase. A idéia de que a atividade da empresa é "essencial", não só para a economia, mas para "a vida", também está refletida na fala do gestor no sentido de que existe uma necessidade real pelo "material" extraído da Serra que precisa vir de algum lugar. Seria como "um mal necessário" que deve ter os seus efeitos mais nocivos se não neutralizados, ao menos atenuados ou compensados por outras medidas.

Em termos de fiscalização ambiental, o órgão responsável pelo licenciamento é a FEEMA – Federação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente, sendo que a licença tem validade de quatro anos, devendo ser renovada. Atualmente, a licença se encontra em processo de renovação desde 2003, estando paralisada por conta de uma ação no Ministério Público, de iniciativa do Verdejar, apesar de a FEEMA já ter indicado que

[28] http://www.lafarge.com consultado em 26/05/07.
[29] "*Our materials are essential for life and they play a key role in economic development. But our industries also make an impact on the environment. Fully aware of our responsibilities, we devise solutions that will reconcile economic development with respect for the environment*".

vai renovar. Segundo o gestor, isso não quer dizer que a empresa esteja irregular, já que cumpriu todas as exigências feitas pelos órgãos públicos. O "Laudo Ambiental" da FAPUR foi produzido como um embasamento para a defesa perante esse processo que corre no Ministério Público. Nesse sentido, o laudo trabalha em cima dos impactos considerando os "fragmentos florestais" e as "nascentes", defendendo a idéia de que, quando a exploração mineral começou, a cobertura vegetal original já tinha sido retirada e, principalmente, em cima da idéia de que a atual frente de exploração não compromete esses "fragmentos" e "nascentes".

Grande parte da conversa com o gestor da unidade foi sobre o processo de retirada da empresa do local, após o término da exploração, que, de acordo com ele, deve demorar entre 10 e 15 anos para ocorrer. Ele reconhece a responsabilidade da empresa em "organizar a parte ambiental", o que traria uma valorização para a área, e ressalta a necessidade de que essa retirada seja feita de forma planejada para que haja uma ocupação ordenada da área, pois, senão, haveria uma ocupação "desordenada", leia-se: "favela". A Lafarge teria contratado, então, uma empresa que elaborou oito "propostas de uso futuro" da área e que foram apresentadas à SMAC, em reunião com a secretária Rosa Fernandes. De acordo com o gestor, esse processo deveria ser conduzido pela SMAC e contar com a participação de representantes das três esferas de governo, das empresas e das comunidades.

Antes disso, em 1999, o Verdejar participou de uma reunião com a empresa onde foi apresentado um plano de desativação que tinha como pontos principais a continuidade da exploração até a cota 50, a abertura de uma via de acesso entre os bairros da Penha e de Inhaúma, e a construção de 20 conjuntos residenciais. A proposta foi rejeitada pelo grupo por achar que prejudicaria ainda mais o meio ambiente e a qualidade de vida na região. Não cheguei a ter acesso a essas oito propostas mais recentes, mas pela conversa com o gestor, entendi que a exploração até a cota 50 e a abertura da via são pontos comuns a todos eles.

Nessa reunião com a secretária, em 2006, teria sido designado um funcionário para dar andamento ao processo, mas até o momento da nossa conversa, nada havia sido feito nesse sentido. O que houve foi uma proposta unilateral por parte da prefeitura que "pegou a todos de surpresa", que foi o decreto do Parque Municipal da Serra da

Misericórdia[30], no final de 2006. Seria uma "proposta de uso futuro", que ele acha que deveria ter sido feita com a participação dos demais atores envolvidos.

No discurso do Verdejar, a atividade mineradora seria um dos maiores problemas ambientais da Serra da Misericórdia, responsável por fatores como: a transformação da paisagem, retirada da cobertura vegetal e do solo superficial, o que deixa as rochas expostas formando "ilhas de calor" aumentando a temperatura da região, assoreamento de rios e destruição de nascentes, poluição do ar, poluição sonora e danos na estrutura das casas.

Não tenho competência para analisar até que ponto as pedreiras agridem o ambiente e prejudicam a vida da população e não é esse o meu objetivo. O que me proponho a fazer é analisar, principalmente, as percepções e os discursos do Verdejar sobre esse "impacto" da Pedreira, em comparação com os argumentos apresentados pela empresa, abordando o plano simbólico dos conflitos. Nesse sentido, entendo esse caso como sendo bem representativo da forma como o Verdejar estrutura o seu ambientalismo.

Os possíveis efeitos negativos citados acima são muitas vezes referidos como ameaças à "qualidade de vida", à "natureza", ou outros termos genéricos, sempre seguidos de explicações técnico-científicas, mas muitas vezes traduzidos em termos da sociabilidade local e da experiência local: ora se referindo a um passado quando "havia nascentes, córregos, grutas e picos" que eram apreciados pela população e utilizados para lazer; ora se referindo aos transtornos como a poeira que "suja a casa toda".

As estratégias do Verdejar com relação a esse conflito têm girado em torno de ações ainda tímidas junto às "autoridades competentes", como o Ministério Público, a SMAC e a FEEMA, e de denúncias constantes através dos materiais informativos do Verdejar, reportagens, palestras e contatos com outros parceiros. O diálogo, justamente um dos instrumentos principais em outros conflitos, não tem estado presente nesse caso. A única vez em que o grupo se reuniu para conversar com a empresa foi justamente na reunião citada acima.

Entre as percepções presentes na fala dos entrevistados com relação à Pedreira está a de que estão enfrentando nesse caso uma teia de interesses múltiplos que envolvem atores poderosos demais para o Verdejar enfrentar sozinho. Esse caso se

[30] Decreto nº 27496 de 20/12/2006

refere não só aos interesses da empresa, mas, principalmente, à ligação com interesses políticos e econômicos dos quais muitas vezes eles nem sabem. Suspeitas são levantadas, por exemplo, sobre as relações entre a empresa e o Poder Público, principalmente com a prefeitura e a FEEMA. Esta, por ser o órgão responsável pelo licenciamento, e aquela por ser a gestora da APARU. Uma colocação do Edson ilustra como esses "interesses" são percebidos pelo grupo:

> Mas a Lafarge a gente sabe... a gente apagando incêndio segunda-feira, sentamo num pedrão lá cansadão e ficamo olhando pra pedreira. A máquina de cimento deles não para. É o tempo todo caminhão entrando e saindo, entrando e saindo... obras do PAN principalmente. Aquela Pedreira tá abastecendo o PAN. Você soube da história que a gente viu na internet né? O fato de ter uma mineradora no meio da cidade, barateia o custo das obras em 10%. As obras do PAN, é mole cara? São interesses mil que a gente tem aí que a gente tem que divulgar, que o Verdejar sozinho não vai conseguir alavancar a história.

De fato, o próprio funcionário da empresa confirmou que um dos "clientes" era o PAN, geralmente através das empreiteiras contratadas para obras. Este fato não é nenhum indicativo de que haja qualquer ligação irregular ou escusa nas relações entre a empresa e a prefeitura, mas demonstra a importância da atividade que está sendo exercida ali para a cidade. Se considerarmos que a Lafarge Brasil é responsável por diferentes produtos e marcas que estão entre as principais no mercado brasileiro, podemos ver que quase todas as obras de grande vulto realizadas na cidade são "clientes" da Lafarge. A página da empresa cita como exemplos o Maracanã e o Museu de Arte Contemporânea[31]. O que não quer dizer que tenha sido utilizado material extraído da Serra da Misericórdia.

O que fica evidente no discurso do Verdejar é a imagem de que se trata uma entidade sem estrutura, de base comunitária, formada por "favelados" sem títulos acadêmicos, voltada para defender um lugar no subúrbio, enfrentando uma empresa multinacional, associada a outras empresas e com influência direta em governos e órgãos de administração pública. É a história de "Davi e Golias" na Serra da Misericórdia.

Com esse entendimento, a estratégia do Verdejar deve ser bem planejada, buscando alianças que possam criar um movimento, como no caso do FASM, e pressionando tanto a empresa como os órgãos responsáveis pela fiscalização através de

[31] www.lafarge.com.br consultado em 26/05/07

processos judiciais. Para este ano têm sido pensadas também atividades "simbólicas" como passeatas e manifestações contra as pedreiras. Quanto à possibilidade de diálogo, embora não tenha sido diretamente descartada, as estratégias parecem estar mais no sentido de intensificar o confronto do que de contorná-lo. O Edson demonstra algumas das atitudes que acha que devem ser tomadas:

> Tem que radicalizar, Eduardo. A gente tá chegando a essa conclusão. Tô te falando, se fizer os seminários e umas ações, radical mesmo, dá uma de greenpeace, dá uma "greenpeaceada". Essa porra meio que funciona às vezes. Junto com o Ministério Público, claro. Não pode fazer uma ação isolada, tem que ser várias ações... isso que é a tal da campanha. São muitos interesses meu velho. Empresa multinacional, primeira do mundo em agregados de concreto. Dona do Cimento Mauá, maluco, a gente tá falando aí de uma empresa super poderosa. Mas a sociedade civil organizada... pode né.

Algumas das possibilidade do que significa "dar uma greenpeaceada" seriam ações como paralisar as atividades da Pedreira, colocar uma "faixa gigante" na Serra da Misericórdia, fechar a Estrada Velha ou a Automóvel Clube, ou seja, ações que teriam uma repercussão para fora do âmbito da Serra. Por outro lado, percebe-se nessa fala que existe sempre a esperança de que, como na Bíblia, Davi vença Golias.

Com relação à Lafarge, o grupo entende que as medidas compensatórias, como o "reflorestamento", são irrisórias perante os problemas que a mineração trouxe para o local; que o controle atual das atividades não é suficiente para reduzir os danos de forma significativa e que as propostas de desativação são insatisfatórias. Embora não haja um consenso definido sobre o que deve acontecer com as pedreiras, alguns pontos centrais podem ser encontrados nessa visão expressa pelo Diogo:

> A questão das mineradoras: desde já adequar a essa questão do plano de manejo (a ser feito). As mineradoras têm uma questão ali que hoje não é só fechar a Pedreira e "fechou a Pedreira e vamo embora". Não, tem que ter um plano de recuperação da área degradada, que é o PRAD. Tem que ter um plano de controle ambiental, pra que não haja tanta poluição, pra que não haja um impacto ambiental tão violento. E tem que ter, principalmente, um plano de desativação dessas pedreiras que seja permeado por esses dois outros planos.

Um ponto comum na fala do Verdejar e da empresa parece ser o de que a área não pode ser simplesmente esvaziada de uma hora para outra sem que seja implementada uma proposta para ocupação do local. No caso do Verdejar, essa

preocupação passa pela idéia de que com a área vazia seria inevitável a ocupação por favelas, mas passa também pelo temor de que a empresa simplesmente abandone a área sem investir em qualquer projeto de recuperação. Que saia deixando para trás suas "dívidas" ambientais e sociais que, de acordo com o grupo, seriam muitas. Os discursos caminham juntos no sentido de que é preciso haver um planejamento e que esse deve ser elaborado com a participação de diferentes atores sob a liderança da prefeitura:

> Uma saída simples da Pedreira, você poderia ter uma ocupação assim que depois é irreversível. Então você tem que ter muito trato pra lidar com essa situação. Muito cuidado, pra lidar com essa situação. Isso aí tem que ser um troço bem estudado. De preferência até com a participação deles, da Pedreira. Entendeu? Acho que tem que ser um troço cominado com a prefeitura, com a Pedreira... pra eles... de repente o passivo ambiental né? E haver uma ocupação. Ocupação do poder público, da prefeitura. Se eles saírem e deixarem aquilo ali do jeito que tá, praticamente vão invadir aquilo. (Zolmir)

Com relação ao que poderia ser feito na área, desde antes de compor o Verdejar, o Poeta já imaginava possibilidades para o local, que estaria inserido dentro de um "parque ecológico". Essa área, como não poderia mais ser "natural", poderia receber equipamentos sociais, de lazer e científicas, como um anfiteatro, vila olímpica, lona cultural, hospitais e universidades. Esses "sonhos" mudaram um pouco, com a contribuição de outras pessoas e com a mudança na conjuntura. No entanto, a idéia central de que toda a área das pedreiras fosse transformada em espaços voltados para o "benefício" da população, integrados com as áreas florestadas e que funcionassem de forma "ecologicamente correta", foi mantida. Idéias como a produção de energia eólica, construção com materiais alternativos, meios de transporte não-poluentes, são algumas das possibilidades que, além de proporcionar o acesso a determinados equipamentos, estariam, ao mesmo tempo servindo de modelo para outras iniciativas e também gerando trabalho e renda para a população.

A análise dos discursos do Verdejar e da Lafarge, da forma como foram apresentados, reforça o pensamento colocado por Ascerald (2004), citado anteriormente no sentido de que, na verdade estão sendo travadas disputas entre "sentidos culturais", e não por "recursos naturais". A questão não é simplesmente sobre qual é o uso que será feito de um dado espaço físico ou de um certo "recurso natural", mas sobre *o quê é* esse espaço e *o quê é* esse tal recurso. Um "monte de pedras" é diferente de uma montanha, e "pedra" é diferente de "material", assim como "árvores" e "água" são diferentes de "cobertura vegetal" e "recursos hídricos". Lugares e coisas também são "construídos"

pelo olhar que está sempre "indexado"[32] a determinados processos culturais. Quando uma pessoa olha para uma rocha e pensa: "aqui tem muito material, vou dinamitar tudo e vender" ela está operando com uma lógica de mercado. Quando ela olha e pensa "aqui dava uma boa via de escalada" já está acionando outra lógica. O que é conflitante aqui não se restringe ao uso que vai ser feito dessa rocha, mas antes disso, o conflito se dá sobre *o quê ela é*. Esses dois pensamentos poderiam partir da mesma pessoa, pois nós estamos sempre nos valendo de diferentes ângulos. No caso de entidades como o Verdejar e, principalmente, a Lafarge, alguns desses ângulos e seus sentidos, já estão mais arraigados no seu discurso do que outros. O discurso do "desenvolvimento sustentável", por exemplo, constrói uma imagem da Serra da Misericórdia como "fonte de recursos" indispensáveis e que devem ser explorados de "forma sustentável". Essas questões aparecem com bastante força no caso das pedreiras, mas, também, nos outros conflitos, constituindo uma das linhas centrais desta dissertação.

## 4.4 O "morador" e a "comunidade"

> Olha, eu particularmente quando eu falo morador eu tô pensando na Sérgio Silva. Por causa dessa identidade minha. Se eu falar morador, eu tô pensando ali. Geralmente quando eu falo morador de baixo eu especifico: "ah o morador ali de baixo". Do Guanabara, do Engenho... Quando eu falo só morador, eu penso muito ali. (Edson)

A categoria "morador" possui diferentes usos. Em geral, no discursos do Verdejar, ela se refere, como o Edson coloca, ao morador da Sérgio Silva, mas pode ser estendido também para outras áreas. Essa questão da identificação como "morador" será apresentada no capítulo 7. Por enquanto, estou utilizando os dois termos, "morador" e "comunidade", em dois sentidos: com referência específica à Sérgio Silva; e como conceitos difusos, referidos a determinados tipos de usos do espaço da Serra.

### A Sérgio Silva

Essa comunidade aparece como um dos pontos-chave no discurso do Verdejar, sendo considerada um dos focos diretos de atuação. Não só pelo fato do Verdejar "estar" ali, mas também pela forma como se deu esse processo de ocupação do espaço pelo grupo. No entanto, essa é uma relação um tanto complexa, permeada por conflitos pontuais e adesões momentâneas. Embora muitas vezes sejam feitos comentários do

[32] Ingold 2005

tipo “a comunidade apóia” ou “a comunidade não participa”, “a comunidade” está longe de ser um grupo homogêneo e coerente. A todo momento existem idas e vindas, pessoas que se aproximam do Verdejar, outras que se afastam e outras que mal sabem da existência do grupo. Ao longo do histórico da relação, algumas pessoas que apoiavam o grupo em determinado momento, em outro aparecem entrando em conflito. Da mesma forma, ocorre também o inverso, pessoas que se envolveram em disputas com o grupo e que com o tempo passaram a se integrar e apoiar. Ainda assim, os entrevistados identificam algumas posturas mais freqüentes e suas nuances.

A relação com o Verdejar sempre foi marcada pela relação com o espaço ou, como o grupo coloca, com “o verde”. O espaço associado ao Verdejar, que antes era freqüentado por moradores em momentos de lazer, como demonstram depoimentos já referidos, passou a ser visto com um certo receio, principalmente por questões relacionadas à violência e ao uso de drogas. Alguns acontecimentos específicos ajudaram bastante na formação dessa imagem, como o caso de uma menina que foi assassinada no local e de um cativeiro que foi estourado pela polícia exatamente no dia da primeira caminhada promovida pelo Verdejar.

Além desses casos mais marcantes havia outros supostos “usos” que eram estigmatizados: “quem subia praquela região, subia pra usar droga, subia porque era homossexual, subia porque ia fazer despacho” (Diogo). O “mato”, era visto então como um local onde eram feitas coisas “proibidas” ou mal vistas pela comunidade. Como o Diogo colocou, o Verdejar não começou com um movimento de pessoas da Sérgio Silva, mas muito mais por moradores de outras localidades próximas que freqüentavam a área, como o próprio Poeta. Então, sempre houve um trabalho no sentido de tentar aproximar esses moradores que foi dificultado por essa imagem negativa, reforçada em parte pelos luais e festas promovidas pelo grupo. Estas, ao mesmo tempo em que atraíram muitas pessoas, em geral jovens da região, teriam afastado alguns moradores da Sérgio Silva.

Houve algumas situações mais claras de conflito envolvendo moradores, em geral ligadas à questão da “invasão”, como o movimento que originou o “acampamento” do Verdejar para conter o crescimento da comunidade e alguns casos isolados. Outro exemplo do envolvimento de moradores num conflito foi no caso dos grileiros, citado acima, no qual haveria o interesse inicial por parte de alguns moradores de que a área fosse ocupada, mas que depois já haviam mudado de idéia. A “vitória” do Verdejar nesse caso dos grileiros é citada como motivo de reconhecimento da

comunidade com relação à importância do trabalho do Verdejar. Esse reconhecimento viria, no entanto, não por uma "consciência ecológica", mas pelo medo de "virar favela":

> Muito morador fala isso comigo: "se não fosse o trabalho de vocês isso aqui já era uma grande favela com certeza. Graças a Deus vocês tão aí". As mães: "graças a Deus que vocês tão aí, meus filhos aqui na rua, não sei como é que ia ser com boca de fumo..." (Edson).

Apesar de, na avaliação do grupo, o antigo preconceito já ter se dissipado e a comunidade já ver com bons olhos a presença do Verdejar, ainda estaria faltando uma participação mais ativa nas atividades, o que é considerado como sendo essencial. Os momentos em que houve uma mobilização maior da comunidade foram aqueles em que havia alguma sensação de risco, como o caso ocorrido "pré-Verdejar", citado pelo Edson, em que os moradores se uniram para evitar uma invasão. Um caso mais recente foi em 2005 na, também já citada, tentativa de invasão por parte de moradores da Favela da Galinha. Depois que conseguiram evitar a invasão houve uma reunião:

> ...a gente conseguiu reunir ali no larguinho da Sérgio Silva 130 moradores, muito naquele susto de que a Serra fosse ocupada e virasse uma favela. (Diogo)

É um tipo de mobilização reativa a uma ameaça concreta que pairava sobre a comunidade. Um perigo muito mais palpável do que o "aquecimento global" ou o "desmatamento". Partindo um pouco por esse entendimento, o Verdejar vem trazendo como forma de aproximar mais a comunidade, a proposta de conhecer melhor os problemas e necessidades existentes ali, para a partir daí construir uma agenda de atuação em conjunto com os moradores. É a idéia de tentar uma aproximação mais sutil, partindo da experiência cotidiana das pessoas, ao invés do discurso tipicamente "ambientalista", ou "eco-chato". Nesse sentido, estaria também a estratégia de trabalhar uma identidade com a Serra. Essa fala do Diogo apresenta bem essa idéia:

> Porque uma coisa é você falar: "É preciso defender a área verde da Serra da Misericórdia". O morador ali da Estrada Velha da Pavuna vai pensar: "pô, que maluquice! Pra que isso?" Outra coisa é você falar: "você conhece a Serra da Misericórdia, que tem esse histórico aqui?" Aí o cara: "Pô, é mesmo. Meu avô já tinha falado disso..."

Como um fruto dessa linha de pensamento, surgiu a proposta de se fazer um diagnóstico sobre a comunidade. Foi batizado de Diagnóstico Participativo Local e estava começando a ser discutido no momento de produção desta dissertação. Mas pude participar da construção inicial e de conversas com alguns moradores. Teria dois objetivos principais: conhecer melhor a comunidade e mobilizar os moradores para discutirem seus problemas.

Outro ponto importante nessa relação com a Sérgio Silva está no fato de não existir uma Associação de Moradores, o que faz com que o Verdejar acabe assumindo funções que seriam dessa entidade. A associação existiu durante um curto espaço de tempo e não chegou a ter uma atuação efetiva. Por isso, o Verdejar acaba, inclusive, sendo visto por moradores como uma possibilidade de resolver os problemas da comunidade. Um exemplo disso foi uma conversa da qual participei quando estávamos convidando moradores para uma reunião do diagnóstico. O Edson estava explicando a importância da participação da comunidade, porque o Verdejar sozinho não tinha como resolver os problemas, que as pessoas ali é que conheciam a realidade e poderiam falar sobre os seus próprios problemas. O morador ia concordando com tudo o que ele dizia e citando o exemplo do problema da falta d'água. Até que ele perguntou: "Então, quem você acha que pode resolver essas coisas?" Enquanto nós esperávamos uma resposta do tipo "nós" ou "os moradores", ele respondeu sem um segundo de dúvida: "vocês". É, portanto, a instância de poder e mediação com o Poder Público que está mais acessível aos moradores. O Verdejar possui articulações externas, canais de comunicação com a prefeitura e se apropria da linguagem utilizada por esses atores. Além disso, acaba assumindo as tarefas de fiscalizar os eco-limites, de fazer solicitações à Comlurb para retirada do lixo e de apagar incêndios, por exemplo.

Acompanhando esse movimento que deu origem ao diagnóstico, vem a estratégia de conseguir desenvolver projetos na comunidade. De preferência que gerem renda para os moradores, pois a falta de oportunidades de emprego e geração de renda é apontada como um dos principais problemas. A idéia é que, com um projeto funcionando ali, as pessoas poderiam ter uma renda a partir de um trabalho que fortalecesse o Verdejar e ajudasse na recuperação ambiental da área. Um exemplo citado foi o projeto da horta, para o qual houve um pequeno financiamento que permitiu o pagamento de bolsas para alguns jovens, mas que já não está mais acontecendo. Também com esse sentido de envolver a comunidade, algumas voluntárias do Verdejar

têm feito um trabalho com crianças da comunidade que tem surtido um efeito interessante, pois são elas as que mais participam dos eventos promovidos.

**Outros "moradores"**

Aqui "morador" aparece como um conceito genérico relacionado a determinados usos da Serra que são apontados pelo Verdejar como "causadores de impacto" e que precisam ser regulados. Não aponta para pessoas da Sérgio Silva ou para qualquer comunidade específica, mas para toda a área que o Verdejar considera como sendo "Serra".

Dentre os impactos causados o pior deles é o fogo, que o Verdejar enfrenta praticamente todo ano, nos períodos de seca, e que pode ter as causas mais variadas. No mês de fevereiro de 2007, houve um incêndio de grandes proporções, que chegou bem próximo às casas da Sérgio Silva e ao espaço do Verdejar. Milhares de mudas que haviam sido plantadas no ano anterior foram perdidas. Entre as causas citadas pelo grupo para este e outros incêndios, além das condições climáticas, estão: a queda de balões, abertura de pastos, oferendas e rituais religiosos, brasas de cigarro e até mesmo o fogo "espontâneo" provocado pelo calor do sol refletido em vidros e metais. Além desses motivos, existe ainda a suspeita de incêndios criminosos, com o objetivo específico de enfraquecer o Verdejar:

> Olha, teve um fogo que teve lá em 2005 que eu acho que foi intencional. Foi intencional. Na época pegou um fogo grande igual a esse aí. Foi justamente nessa época, que o pessoal daqui tava querendo invadir lá. Aí eles... existe alguém que joga contra né, justamente pra tentar... (Zolmir)

O fogo pode ser o resultado de alguns dos usos relacionados à Serra. Porém, existem ainda outros usos que causam outros tipos de impacto e que deveriam, no entendimento do grupo, ser regulados pelo plano de manejo da APARU. Entre os usos citados como tendo um potencial agressivo, além dos que já foram analisados, estão a criação de gado bovino, o motocross e ainda o uso por grupos de evangélicos que utilizam principalmente a área conhecida pelo Verdejar como "360", mas que também recebe o nome de "morro dos crentes". O potencial de danos desse último grupo estaria associado à queima de papéis em determinados rituais. Esses usos, ao contrário do uso feito pelas pedreiras ou pelo tráfico, por exemplo, poderiam ser regulados para que os impactos fossem neutralizados e os conflitos solucionados.

> São interesses que são bem diversos. Que pode ter um ponto de consenso, ou outro, mas são interesses muito diversos e eu acho que, o ponto que a gente vai chamar eles pr'um certo consenso, justamente na questão da gerência e do manejo da Serra. (Diogo)

A "questão da gerência e do manejo da Serra" está associada a uma outra esfera de atores sociais cuja atuação (ou omissão) perpassa todos os conflitos abordados até aqui e que será analisada a seguir.

### 4.5 "Poder público"

Esta categoria está relacionada a um conjunto de atores vistos como sendo do âmbito do Estado, principalmente, das três esferas do poder executivo, mas, também, os órgãos ambientais associados a estes, como o IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – e a FEEMA, esferas do judiciário e do legislativo e os "braços" do Estado, como as polícias e o corpo de bombeiros. Na prática, esse termo é utilizado muito mais com relação a atribuições que seriam da prefeitura, por ser esta a responsável pela APARU, através da SMAC, e pela execução dos projetos de ordenação urbana da cidade. É freqüente também o uso do termo num sentido genérico, criando uma personagem "poder público" que não está referida a nenhum órgão ou esfera específica.

Seja como for, essa categoria está associada, de diferentes formas, a todos os conflitos relacionados aqui. As invasões nas "áreas verdes" são vistas como resultado de uma política habitacional deficiente associada à falta de fiscalização efetiva e à não ocupação da área com reflorestamento e outras atividades que possam criar um "uso" legitimado. A "questão do tráfico" envolve uma série de noções que vão da falta de oportunidades de emprego e geração de renda, de educação, de cultura e lazer, à política "anti-drogas", à corrupção, à desigualdade social e à ineficácia das políticas de segurança pública. Todas essas "causas" estão de alguma forma relacionadas com esse "poder público". No caso das pedreiras, os órgãos que são mencionados são a prefeitura e a FEEMA por um lado, e o Ministério Público por outro. Os primeiros são vistos com bastante desconfiança, sendo acusados de inoperância e até conivência com relação às empresas. Já o Ministério Público é visto como uma possibilidade de ação e até um "parceiro", embora às vezes haja menções a uma falta de interesse e morosidade em algumas questões. Com relação aos conflitos mencionados no item 4.4, dos "moradores" ou da "comunidade", novamente o Poder Público está presente (ou

ausente). Primeiro pela não regulamentação da APARU com a criação do plano de manejo e demais instrumentos previstos, mas também pela falta de fiscalização e punição das irregularidades, pela inoperância ou deficiência em atividades como coleta de lixo e combate a incêndios.

Outro fator que é combatido pelo Verdejar e que está diretamente associado ao poder público é a "poluição", entendida sob diferentes formas, mas relacionada, principalmente, com a poluição dos rios ("canais"), córregos ("valas") e nascentes, e com a poluição atmosférica. O primeiro tipo teria como causas principais a precariedade no sistema de coleta e tratamento de esgoto doméstico, o acúmulo de lixo e o lançamento de resíduos químicos e industriais. O segundo, além da já citada poeira proveniente das pedreiras, inclui ainda a fumaça de fábricas e automóveis por vias de tráfego intenso que existem nas proximidades. Nesse caso, a relação com o poder público inclui o planejamento que define onde serão implantadas indústrias e atividades poluentes, onde serão construídas vias expressas, bem como o controle, fiscalização e punição dos poluidores e projetos de despoluição dos corpos hídricos e recuperação de áreas degradadas.

Se por um lado as variadas faces do poder público respondem às pressões exercidas pelo Verdejar e outros grupos, por outro, o Verdejar muitas vezes acaba pautando sua atuação a partir de propostas e ações do poder público, como o "PAC" e o "Parque".

O PAC – Programa de Aceleração do Crescimento engloba um conjunto de projetos e ações que o governo federal vem desenvolvendo em parceria com estados e prefeituras. No caso, o impacto na região veio pela promessa de destinar mais de 400 milhões de reais para o Complexo do Alemão. Essa verba por enquanto ainda não foi aplicada e não existe uma clareza sobre o que será feito, sobre quais programas serão implementados. Portanto, o efeito que essa notícia gerou foi o da expectativa de saber que será feita uma grande intervenção na região, o que levou algumas entidades da região do complexo, entre elas o Verdejar, a começarem uma movimentação para a formação de um conselho comunitário para participar nas tomadas de decisão relativas ao PAC.

A decretação do "Parque", ou Parque Municipal da Serra da Misericórdia[33], por parte da prefeitura tem sido pauta de discussão freqüente nas reuniões e encontros do

[33] Decreto nº 27469 de 20/12/07.

Verdejar. Esse é um dos elementos da conflituosa relação com a prefeitura, que será abordada a seguir.

**Prefeitura**

> Acho que a grande... a vitória vai ser essa. O poder público assumir de fato a Serra da Misericórdia. O Verdejar sozinho não tem como né. Isso é impossível. Ou o estado, a prefeitura, governo federal, não sei, alguém tem que assumir de fato. Porque até agora, só pequenas intervenções. (...). A prefeitura não assumiu a Serra da Misericórdia. (Zolmir)

O "poder público assumir" significa que diversas funções não estão sendo cumpridas, deixando um vazio que acaba muitas vezes sendo preenchido pelo Verdejar. Apesar de o Zolmir dizer primeiro que não sabe qual esfera deveria assumir, no final da sua fala ele afirma que essa responsabilidade seria da prefeitura. Esta percepção é fortalecida pelo fato de a APARU ser uma UC municipal, devendo, portanto, ser gerida pela SMAC. Assim, o fato de a Prefeitura aparecer com mais freqüência nas reivindicações e protestos do grupo, é provocado também porque está mais próxima do que o "estado" ou o "governo federal", por exemplo. Se o Verdejar é o canal de comunicação com o poder público mais acessível para a comunidade, a prefeitura é a representação desse poder mais acessível ao Verdejar. Essa proximidade gera, certamente, uma quantidade muito maior de embates do que com o Governo do Estado, por exemplo, com o qual existe pouco contato. Por outro lado, quem mais desenvolve trabalhos na região é a prefeitura. O governo do estado aparece como um ator distante, quando são discutidas questões de uma política ambiental "macro", para o Estado do Rio de Janeiro, como o PDBG – Plano de Despoluição da Baía de Guanabara e a implantação da monocultura do eucalipto. O governo federal então só aparece de forma tangencial em "grandes diretrizes" como o próprio PAC, cujos projetos são executados localmente por governos estaduais e municipais, e a política nacional de meio ambiente. Nos casos pontuais, cotidianos, da Serra, quem está presente, fisicamente ou nos discursos, é a prefeitura. Para isso tem como representante principal a SMAC, mas isso não impede a intervenção de outros órgãos.

O governo do estado ainda aparece através da FEEMA, responsável por fiscalizar atividades potencialmente degradantes, e as polícias, militar e civil, como forma de repressão ao tráfico. No entanto, esses dois órgãos geralmente não são associados com o governo do estado, mas são vistos como entidades independentes.

Desde o seu surgimento, o grupo vem mantendo contatos com a prefeitura. A possibilidade de diálogo tem variado de acordo com a conjuntura política, tanto no sentido de quais são os interesses predominantes no município, como no sentido de quais pessoas estão ocupando cargos-chave para questões de meio ambiente. Tem variado também de acordo com o momento vivido pelo grupo e por entidades parceiras: se estão conseguindo mobilizar pessoas, se a estrutura está adequada, etc. Esse diálogo com a prefeitura, portanto, é cheio de idas e vindas, altos e baixos.

É importante lembrar que, mesmo se tratando "da" prefeitura e "do" Verdejar, as relações se dão entre pessoas que não são um simples reflexo da burocracia na qual estão inseridas ou mesmo mero executores de "vontades superiores". O improviso está sempre presente. O quadro da SMAC, assim como de toda a prefeitura, é formado por funcionários públicos e "cargos de confiança" ocupados pela equipe da pessoa que está à frente da secretaria (que também é um cargo de confiança) e por indicações políticas. Portanto, uma boa parte das pessoas com quem o Verdejar se relaciona em determinado momento, pode não estar mais lá após uma mudança no comando da secretaria ou do governo. Os funcionários que permanecem, embora possam influenciar em ações práticas, em geral não têm poder de decisão, o que nas últimas administrações tem sido visto pelo grupo como cada vez mais centralizado nas mãos do prefeito. Isso dificulta o trabalho, pois o grupo tem sempre que estar se adequando às mudanças no direcionamento da entidade.

Os entrevistados vêem o Verdejar muitas vezes ocupando espaços deixados pela prefeitura, não na intenção de substituir a mesma, mas de apontar as suas falhas e cobrar atitudes. No entanto, preencher esses espaços implica o envolvimento em situações que muitas vezes ultrapassam os limites das possibilidades do grupo. Como demonstra o comentário do Edson feito a partir do relato do caso de uma pessoa que começou a construção de uma casa que desrespeitava os eco-limites e que teria ligações com traficantes:

> Bom, enfim, a casa dele tá saindo, a Prefeitura mais uma vez tá se omitindo, não tá assumindo o conflito. Aí foi o que eu falei com a galera: "gente, a gente não pode assumir esse conflito não". A gente vai ficar assumindo conflito aqui até quando? Até a hora que nego vim aqui e dá um tiro num da gente? Não dá, cara! A gente tem família. A gente tem que ir até um limite...

Não foram poucos os casos citados nas entrevistas em que houve ameaças diretas feitas a integrantes do grupo por estarem se colocando em situações que, no entendimento deles, seriam de responsabilidade do poder público. No entanto, eles também entendem que se não tivessem agido e tivessem esperado a ação da prefeitura, suas causas estariam perdidas. Essa idéia de, através da sua prática, cobrar da prefeitura as suas responsabilidades, fica bem clara nesse relato do Diogo:

> A gente recebeu a gerente de unidades de conservação, mostramos a Serra, mostramos a placa e tudo mais. Aí ela veio dizer: "Ah, mas vocês tão querendo fazer uma coisa aqui, que tem que ter uma adequação da Prefeitura". E aí a minha fala justamente pra ela foi essa: (...) "Olha, você tá vendo aí que a gente tá fazendo horta, junto aos eco-limites, fazendo placa, fazendo trilha, fazendo horto, mas não são trabalhos que venham completar o buraco que é deixado pela Prefeitura. São trabalhos no sentido de provocar que um técnico da Prefeitura como você venha aqui e fale isso".

Nessa linha política, o grupo considera como a principal vitória alcançada junto à Prefeitura, o já citado decreto da APARU. Em contrapartida a principal crítica têm sido com relação ao fato de a APARU não ter sido regulamentada, não tendo sido criados o Plano de Manejo, o Conselho Gestor e demais instrumentos necessários para a sua efetiva implementação. De acordo com um relatório produzido por técnicos da SMAC (2006), foi criado um GT - Grupo de Trabalho, em agosto de 2001, para regulamentação da APARU, com o prazo de 180 dias. Ao todo foram feitas 12 reuniões do GT, das quais três "foram abertas à participação dos membros da Sociedade Civil" (2006, 5), das quais o Verdejar, juntamente com seus aliados na "luta da APARU", participou. O prazo determinado foi considerado insuficiente o que motivou um pedido, por parte dos técnicos da secretaria, de prorrogação, que "não foi porém encaminhado pelo Gabinete da SMAC para sanção do Exmo. Sr. Prefeito" (Idem, ibidem). As atividades do GT foram então interrompidas, em fevereiro de 2002, sem que alcançasse os objetivos para os quais fora criado. De lá para cá houve pouquíssimos esforços por parte da prefeitura no sentido de regulamentar a APARU e as ações práticas se limitaram ao reflorestamento inicial de algumas áreas, implantação de eco-limites e fiscalizações e punições eventuais sobre agressões ao meio ambiente. Talvez a atuação mais direta tenha sido a derrubada das casas no caso dos grileiros. Ao mesmo tempo, o "movimento ambientalista da Serra" passou por um período de desmobilização, depois de ter conseguido reunir forças que levaram ao decreto da APARU.

Entre as justificativas apresentadas pela prefeitura para a não regulamentação dessa APARU estão a complexidade de lidar com uma UC que abrange uma área tão extensa e que inclui grandes áreas urbanizadas e o fato de a APARU não figurar no SNUC. Para o Verdejar, o verdadeiro motivo para essa paralisia está na falta de interesse político por parte de governantes e gestores, e um indicador disso seria o fato, já citado, de que nenhuma UC de responsabilidade da Prefeitura possui Plano de Manejo.

É importante lembrar que esse momento de criação e quase imediato esquecimento da APARU foi um momento de transição no comando da Prefeitura. O então prefeito Luiz Paulo Conde perdeu a eleição para seu antigo aliado, César Maia. Esse fato, como toda transição desse tipo, provocou mudanças no quadro de pessoal da SMAC, incluindo a entrada do novo secretário, Eduardo Paes, e em todas as diretrizes dessa secretaria; considerando-se que é fato comum na administração pública brasileira a paralisação dos projetos implantados por governos anteriores de coligações diferentes. Não posso afirmar que o motivo pelo qual a regulamentação dessa UC não foi levada à frente foi a entrada de César Maia, mas o fato é que a APARU não entrou na agenda política do governo. Volto a levantar a hipótese de que a relativa desmobilização dos grupos envolvidos contribuiu também para que isso acontecesse, justamente pelo histórico de que determinadas decisões só são tomadas quanto existe uma pressão exercida por setores da sociedade.

O momento atual está sendo visto como de maior abertura e possibilidade de diálogo com a SMAC, em parte devido ao fato de que a atual secretária, Rosa Fernandes, é "daqui de Irajá" e tem o seu "reduto eleitoral" nessa região do subúrbio, e está interessada em impulsionar a sua carreira política, incorporando a "questão do meio ambiente" ao seu discurso. Na prática, o grupo já conseguiu se reunir com a secretária e tem tido acesso fácil a seus assessores, e um projeto de reflorestamento está para ser colocado em prática em algumas áreas, inclusive a Sérgio Silva. Esse projeto, além de recuperar a cobertura vegetal proporcionaria uma forma de geração de renda para moradores que serão contratados. Mesmo assim, é considerado apenas um pequeno paliativo frente aos problemas existentes. Novamente, esse momento de melhor relação com a secretaria, é também um momento em que o Verdejar está fortalecido, agregando novos integrantes, estabelecendo novas parcerias e reforçando antigas alianças, conquistando espaço na mídia impressa e eletrônica e colocando alguns projetos em prática. É interessante observar como essa relação se constrói através de processos de

ação e reação entre os atores. O fato de a secretaria estar passando por um momento de maior abertura para essas questões, talvez não adiantasse muito se o Verdejar não estivesse mobilizado ou até mesmo não haveria abertura se não houvesse essa mobilização.

No entanto, estar nesse momento de "maior diálogo", não significa a ausência de conflitos. Pelo contrário. Os conflitos continuam acontecendo, sempre girando em torno da necessidade de a prefeitura "assumir" as suas obrigações. O caso do Parque é um exemplo interessante da relação complexa entre o Verdejar e a Prefeitura a propósito de um evento que, de certa forma, "tomou conta" das discussões internas do Verdejar nos últimos meses. O fato é que o referido decreto, apresenta muitas confusões e informações trocadas, não há uma definição clara com relação à área desse parque e nem como ele será implementado.

Este decreto foi publicado no Diário Oficial juntamente com o decreto que cria o PDUCMA – Plano de Desenvolvimento Urbanístico do Complexo do Morro do Alemão[34] e estaria diretamente associado a esse plano, tanto é que o artigo 46 desse último decreto coloca que a parcela da APARU que está dentro da área do PDUCMA, seria transformada em Parque Municipal. Esta área englobaria as maiores comunidades do Complexo do Alemão, as pedreiras e a Sérgio Silva. O decreto do parque traz ainda entre as suas propostas diversas idéias que já vinham sendo colocadas pelo Verdejar desde as primeiras reuniões do grupo, como a produção de energia eólica[35]. Traz, também, outras que parecem absurdas para o grupo, como a criação do "museu da mineração"[36]. Mas a principal preocupação tem sido com relação ao fato de que a APARU nem foi regulamentada e já estavam criando uma outra UC, sobreposta. O que indica que a primeira estaria realmente sendo colocada de lado ou que esse parque seria também "de papel", ficaria só no decreto.

Quando o grupo procurou a SMAC para tentar entender esse decreto, foi informado pelos técnicos e, depois, pela própria secretária, que eles também foram pegos de surpresa, que esse decreto teria sido elaborado pela SMH – Secretaria Municipal do Habitat e que trazia uma série de erros que eles estariam corrigindo para reenviá-lo ao prefeito. Essa versão não convenceu muito os membros do grupo, mas de qualquer forma, confundiu ainda mais a cabeça de todos.

[34] Decreto nº 27471 de 20/12/06.
[35] Artigo 2º, inciso VII.
[36] Artigo 3º, inciso X.

Algumas preocupações principais foram levantadas, como por exemplo o fato de que, pelo SNUC, a figura do parque é a de uma UC de proteção integral que só pode existir em terras públicas, ou seja, que as propriedades particulares existentes no seu interior devem ser desapropriadas. Isso se torna uma preocupação em dois sentidos: primeiro enquanto uma ameaça de remoção de famílias de determinadas áreas, e segundo, com relação à área das pedreiras. É aí que o grupo enxerga possibilidades de arranjos promovidos entre poderosos interesses que pairam sobre a região. As pedreiras (sempre a que é citada é a Lafarge) continuariam a exploração até o limite já definido, o que está previsto no decreto do parque, sendo totalmente incompatível com as regras estabelecidas no SNUC, e depois teriam suas terras "compradas" pela Prefeitura, ficariam isentas de responsabilidade, e ainda seriam premiadas com o "museu da mineração"! Essa teoria traria ainda outros fatores, envolvendo inclusive a venda de material para as obras do PAN e até mesmo para as obras de infra-estrutura do próprio parque. Algumas dessas suspeitas foram levantadas por funcionários da própria SMAC que chegaram a sugerir que era um caso para Ministério Público. Não tive condições de apurar essas denúncias. De acordo com o gestor da unidade de Inhaúma, a Lafarge também foi pega de surpresa pelo decreto. Ninguém sabia de nada. Ele ainda chegou a colocar a reflexão, de forma pessoal, sem falar em nome da empresa, de que a área era de propriedade da empresa e que, se ela tornasse a área apropriada para um uso futuro, esta ficaria ainda mais valorizada e que a empresa precisaria ser recompensada por isso. Então, no caso do parque se poderia pensar em algum tipo de permuta ou coisa do tipo. Quero deixar bem claro que ele colocou essas questões como reflexões pessoais, enfatizando que não se tratava do discurso ou decisões oficiais da empresa.

Só o fato de pensar na possibilidade de existir um esquema como esse, que envolveria várias transações escusas e que poderia acabar isentando as empresas das suas responsabilidades, gerou uma grande revolta no Verdejar bem demonstrada pelas palavras do Edson:

> Fora a questão de Parque Ecológico que o prefeito criou, essa loucura que ele fez. (...). O negócio é trabalhar com a APARU. Pra que criar uma unidade de conservação aonde já existe? Pra quê? Justamente pra utilizar as leis ambientais a favor dos interesses deles. Aí eles querem desapropriar a Pedreira. Aí a Lafarge vai embora, não recupera porra nenhuma e ainda cria o Museu da Mineração! Agora tu vê, cara! Como foi boa a história da mineração pro bairro! (...) Porra, que benefício que trouxe pro bairro pra ter um museu? Por que que não faz um museu lá do lado da casa dele lá na Zona Sul? Vai lá

> porra! Do lado de um prédio, do lado do apartamento dele. Pô, brincadeira!

A questão do museu foi sentida quase que como uma provocação direta ao movimento ambientalista e também como uma prova de que os interesses da Pedreira estavam sendo assegurados por esse parque e que, portanto, teria havido uma articulação prévia. Nesse sentido, o inciso II do artigo 3º, é bastante curioso e traz o seguinte texto: "Criação de via pública, conectando os bairros de Ramos e Inhaúma, com faixas de transição de uso". Este é justamente um elemento chave nas propostas da Pedreira para uso futuro da área e, por outro lado, um elemento muito curioso para um parque, que pode ter vias de acesso interno, mas uma ligação entre duas áreas tão populosas representa uma dimensão muito maior em termos de impacto ambiental. É claro que, como já coloquei, algumas propostas que sempre foram colocadas pelo Verdejar, também foram incorporadas por esse decreto, mas achei relevante o fato de justamente essa proposta, que a princípio não tem nada a ver com interesses conservacionistas, aparecer nesse decreto.

Realmente, o decreto do parque apresenta várias irregularidades e indefinições, contrariando as determinações do SNUC sobre os "usos" possíveis dentro de um parque, não traz qualquer indicativo sobre a elaboração de Plano de Manejo ou sobre a forma como o parque deve ser implantado e gerido.

Esse episódio do parque gerou realmente uma turbulência dentro do grupo, que levou um certo tempo para definir uma postura. Enquanto alguns achavam que talvez fosse possível tirar algum proveito positivo dessa situação e que talvez fosse melhor tentar dialogar em cima do parque, outros já achavam que a história toda era absurda, de que o "ninguém sabia" era "história pra boi dormir", que a Prefeitura estava negligenciando a APARU e que o parque serviria somente para atender interesses econômicos ou até para desviar o foco dos movimentos sociais. Um "factóide". Finalmente, acabou sendo adotada a postura, em conjunto com outras entidades, através do FASM, de que esse parque deveria ser "barrado" e que um dos principais caminhos para isso seria acionar o Ministério Público, criando a situação aparentemente contraditória de um movimento ambientalista lutando contra um parque. Essa contradição serviria inclusive para mostrar à população quais seriam os verdadeiros interesses por trás desse decreto.

Por causa de eventos como esse, a relação com a Prefeitura é sempre vista com muita desconfiança. Há um entendimento quase utilitário de que se deve aproveitar o que está sendo oferecido, mas sempre com um pé atrás, sempre procurando entender o que está por trás. Por isso, a Prefeitura não pode ser considerada como um "parceiro". É um ator, presente em todos os conflitos e com quem é possível fazer alianças pontuais. É também muito ampla, possuindo muitas frentes de ações, o que faz com que, ao mesmo tempo em que o grupo esteja desenvolvendo um projeto com a SMAC, esteja denunciando a SMH no Ministério Público. Ainda que em algum momento, uma ação irá interferir na outra.

É importante lembrar que nessa relação com a Prefeitura, a parceria histórica com grupos como a Bicuda Ecológica ou Os Verdes e a adesão de pessoas como o Sérgio Ricardo – que já tinham uma história "ambientalista", ou seja, já conheciam os caminhos a serem percorridos, os meios e a linguagem utilizadas pelo poder público – foram de fundamental importância para as conquistas obtidas. Assim como a própria experiência que o Verdejar adquiriu com processos anteriores, essas parcerias e adesões fortalecem o grupo neste momento. Isso mostra que, apesar de o grupo ter sido formado por pessoas sem esse "passado ambiental", sem experiência com movimentos sociais, sem formação acadêmica e outros "sem", desde o princípio a articulação à participação de atores "com", foi essencial. Entendendo que "sem" e "com" se referem a um tipo ideal de "ambientalista". Essa relação também poderia ser explicada da forma como pessoas "da Serra", se articularam com pessoas "de fora", sendo que essas definições também são baseadas em modelos, pois ninguém é totalmente de dentro ou totalmente de fora.

Para fechar essa análise das relações entre o Verdejar e a prefeitura, volto à fala do Zolmir para a seguinte reflexão: analisando o discurso e as práticas do Verdejar, percebo que a prefeitura "assumir" a Serra da Misericórdia, significa, antes de mais nada, reconhecer a existência da APARU e implantá-la de fato com todos os instrumentos que são necessários para o seu funcionamento.

### 4.6 O "sistema"

Os diversos conflitos abordados aqui trazem à tona diferentes tendências com relação à apropriação do "mundo material"; diferentes lógicas de operação, que aparecem no discurso do Verdejar divididas em dois grandes grupos, dois paradigmas opostos. Um deles é referente a uma lógica capitalista que transforma tudo em

mercadoria. Tanto o modelo de desenvolvimento baseado na exploração "irresponsável" dos recursos naturais, como o chamado "desenvolvimento sustentável", que seria uma forma de sustentar o capitalismo, estariam operando dentro dessa lógica. Por outro lado, é referida uma lógica oposta que valoriza a "natureza", o "ser humano", e outras categorias correlatas, como contendo um valor em si, que nada tem a ver com valor de mercado.

Vistos como parte da primeira lógica estariam elementos locais como a exploração mineral, o tráfico de drogas e a grilagem, e outros "globais", como o "imperialismo", a guerra no Iraque e o mercado. Tudo isso estaria ligado a valores como "riqueza", "poder", "concorrência", "dominação", "desenvolvimento econômico", e representado por atores como empresas multinacionais, políticos, o prefeito, o "Bush" e o "G8". É esse conjunto um tanto vago de elementos que eu estou classificando como "sistema", a partir das observações de campo, por ser entendido como um paradigma dominante. De certa forma, na perspectiva dos membros do Verdejar, pode ser considerado como "o mal a ser combatido". Ao longo da sua construção histórica seria, em última instância, o responsável por males como a pobreza, a violência, a degradação ambiental, entre outros.

Como parte da segunda lógica, aparecem imagens e conceitos como "bioconstrução", "humanismo", "paz", "agroecologia", "justiça ambiental", "comunidade", que seriam representados por atores "marginais" ou "vozes dissonantes", como determinados movimentos sociais e correntes políticas. De certa forma esse conjunto de valores seria identificado com possibilidades de "salvação" para a humanidade e para o planeta. O grupo se vê dentro dessa linha, que se pode ver como mais associada, talvez, a uma visão de "nova era" do que a uma visão de revolução socialista já que esta mantém o foco na produção econômica.

Ao mostrar esta oposição, não estou simplesmente incluindo o Verdejar em um dos lados, o "do bem", e esquecendo que as pessoas, assim como os movimentos que elas formam, são múltiplas e complexas não podendo ser definidas por uma única característica. Apenas estou apontando tendências que aparecem em todas as situações de conflito com as quais tive contato ao longo da pesquisa, e com uma das quais o grupo pretende identificar-se – entendendo que o "interesse econômico", como a busca por lucro, está presente em todos os casos citados e transforma árvores, pedras, lugares, parques, APARUs e pessoas, em mercadoria.

## 5. ATUANDO

O grupo possui um calendário de atividades celebrando datas marcantes como a semana do meio ambiente e o dia da árvore. Nessas datas, a principal atividade realizada é o evento chamado de "Domingo Ecológico". É uma "marca" do Verdejar e o momento em que o grupo tem maior visibilidade perante a comunidade local. Estive presente em quatro desses eventos sendo os dois últimos já na fase do trabalho de campo da pesquisa. O "Domingo Ecológico" já possui um roteiro definido e, para demonstrar um pouco como funciona, apresento aqui uma descrição do último realizado no dia 15 de outubro de 2006 em comemoração ao Dia da Árvore (21 de setembro). Essa descrição serve também para apresentar a configuração espacial da Serra da Misericórdia na atuação do Verdejar.

Como todos os outros, este dia teve uma programação intensa com caminhada, atividades culturais, confraternização e palestras informativas. Foram produzidos *banners* com informações sobre a Serra da Misericórdia e sobre meio ambiente em geral, além de cartazes com frases pedindo a proteção da natureza e o fim das pedreiras.

A caminhada talvez seja a parte mais importante do evento e é feita por um circuito que inclui as áreas onde o Verdejar vem atuando com reflorestamento e contenção de incêndios, além de algumas "atrações" específicas que são alguns espaços "criados" pelo grupo. Esses espaços marcam os momentos principais da caminhada, quando os membros do grupo realizam os "rituais" de descrição da Serra e das atividades do próprio Verdejar para os visitantes. A estrutura da caminhada é bem parecida com uma excursão turística no estilo "*sightseeing"*: um grupo com suas máquinas fotográficas e demais apetrechos, guias especializados sempre prontos para dar informações, atrações principais e momentos de descanso e descontração.

Começou com uma "concentração" às 8:30 na Av. Adhemar Bebiano (Estrada Velha da Pavuna) na entrada da Rua Sérgio Silva. Quando cheguei lá, havia cerca de trinta pessoas das quais eu conhecia algumas, entre elas, alguns convidados meus. O Poeta chegou logo depois e em seguida o Diogo. Eles foram os nossos "guias" e embora houvesse outras pessoas que já acompanham o Verdejar há algum tempo, eles dois é que estavam realmente responsáveis por orientar o grupo, não só indicando o caminho, mas também apresentando a região e dando as explicações necessárias.

A primeira parada foi no terreno localizado na Rua Sérgio Silva aonde aconteceu o conflito com grileiros citado anteriormente como um dos marcos na história do Verdejar. Ali paramos e foi feita uma "introdução" à caminhada contando a história

desse conflito, informando o roteiro e os cuidados a serem tomados, além de serem respondidas perguntas.

De lá seguimos por uma trilha que passa por trás da Comunidade Sérgio Silva até a "sede" do Verdejar, onde foram apresentadas a horta comunitária, o horto para produção de mudas e o reservatório construído para armazenar água da chuva. Nesse momento foram passadas informações sobre as técnicas de cultivo, as espécies utilizadas no reflorestamento e outras ações.

Continuamos subindo em direção ao cume do morro passando por uma área na qual o Verdejar vem trabalhando para conter o capim colonião e as queimadas para possibilitar o crescimento das mudas. Passamos também pela "Praça do Meio", local que era utilizado para a realização de "luais" e para apresentações culturais em dias de evento. Atualmente, o pequeno palco de madeira que havia ali está destruído e a vegetação tomou conta da praça. Por sinal os arredores da Praça do Meio apresentam os melhores resultados em termos de recuperação da vegetação com árvores de médio porte gerando bastante sombra e uma umidade bem maior do que em outros locais. Nesta área estão localizados também os diques que o Verdejar construiu para ajudar na infiltração da água no solo.

Um pouco mais acima chegamos na "Chapadinha do Meio" que substituiu a Praça como espaço para confraternizações. Dali se tem uma vista ampla desta vertente da Serra voltada para os bairros de Inhaúma e Engenho da Rainha. Na "Chapadinha" houve uma nova parada para que os nossos guias pudessem passar algumas informações e responder a perguntas. Terminando mais esta rodada, fomos até o "360".

O 360 é o ponto mais alto desta parte da Serra e foi batizado dessa forma justamente porque de lá é possível ter uma visão de 360º sobre boa parte do Rio de Janeiro e dos municípios vizinhos tendo como limites os Maciços da Pedra Branca e da Tijuca, a Baía de Guanabara e a Serra dos Órgãos. Esse local também possui uma vista privilegiada sobre os bairros próximos, sendo possível observar a quantidade de favelas, conjuntos residenciais, ruas e avenidas, fábricas e casas que existem na região. Neste momento muitos participantes da caminhada estavam reconhecendo seus próprios locais de moradia. No entanto, todas essas visões ficaram um pouco ofuscadas pelo impacto causado pela visão que se têm da "Pedreira". O 360 fica bem em cima do principal ponto de exploração e as rochas expostas, os morros cortados e todo o impacto causado pela mineração ficam bem marcantes. As manifestações e os comentários feitos indicavam que duas coisas chamaram a atenção de algumas pessoas: uma é que não

havia qualquer placa ou proteção com relação à atividade exercida ali. Qualquer pessoa poderia entrar livremente no espaço da Pedreira. A outra é que, mesmo num domingo, quando as atividades estavam paralisadas, era possível avistar uma nuvem formada pelo pó resultante do processo de exploração das rochas.

Este foi o grande momento da caminhada, depois de passarmos pelas áreas que estão sendo recuperadas; ouvindo o tempo todo explicações sobre a "importância do meio ambiente" e sobre as atividades do Verdejar, nos deparamos com uma imagem que representa exatamente o oposto de tudo o que se "deseja" para o local. Para caracterizar ainda mais o momento, o Poeta pediu que todos dessem as mãos para "dar um abraço" na Serra, com cada um fazendo, em silêncio, os seus pedidos pelo futuro da Misericórdia. Neste "abraço", havia 111 pessoas.

Começamos, então, a descer em direção à "Pedra Bicuda", último ponto da caminhada. A "Pedra Bicuda" está localizada sobre a Vila Kosmos e é um local conhecido e freqüentado por moradores da região tendo servido como inspiração para o nome da "Bicuda Ecológica". Após nova sessão de fotos, água, descanso e explicações, descemos passando pelo mesmo caminho que havíamos feito na subida.

Enquanto fazíamos a caminhada, as outras atividades programadas estavam sendo preparadas no pequeno largo na entrada da comunidade. Ali existe um espaço que é utilizado como palco para apresentações culturais e discursos. A oficina mecânica que funciona ali, embaixo de uma lona, sendo utilizada para venda de bebidas, comidas, camisas do Verdejar e artesanato com material reciclado. Foram colocadas também mesas e cadeiras na rua para as pessoas. Chegamos lá por volta de 12:00 e todas as atividades previstas para a parte da tarde foram realizadas ali.

O público desse evento foi bastante flutuante, algumas pessoas foram embora depois da caminhada e outras só chegaram à tarde, mas com certeza, mais de 150 pessoas estiveram presentes, número bem maior do que vi em todos os outros eventos de que participei.

Esse "roteiro" de caminhada permite pensar um pouco sobre o processo de construção simbólica dos espaços da Serra da Misericórdia, e até da própria geografia da cidade, que está profundamente ligado com a história do Verdejar e com a lógica operacional do grupo. Os espaços estão relacionados com determinados tipos de uso, que muitas vezes já aconteciam antes mesmo da existência do grupo, como a Praça do Meio. Mas durante a caminhada os membros do grupo acionam explicações que consistem basicamente em informações técnico-científicas que vêm sendo formuladas

ao longo do seu processo de capacitação e da articulação com instituições externas. Nesse sentido, as "etapas sucessivas de regeneração da cobertura vegetal por espécies nativas da Mata Atlântica" e a definição de que toda a região era denominada de "Tapera de Inhaúma" marcam a organização do espaço.

Retomando o histórico do grupo, queria destacar alguns "eventos" marcantes para o quadro atual e para os objetivos desta dissertação. Muitos deles estão associados a conflitos que já foram descritos no capítulo 4.

O primeiro ponto que destaco foi a importância dos "luais" para o surgimento do grupo e para a aglutinação de um número maior de pessoas. Os luais eram festas realizadas geralmente na Praça do Meio apelidados de "Lual Vinholão" o que já indica dois componentes presentes na festa. Nesses eventos os membros do grupo procuravam inserir a temática ambiental e da Serra da Misericórdia. Isso fez com que o grupo – e a Serra – despontasse como uma opção de lazer para jovens da região.

> Outro dia eu tava conversando com o Edson, a gente chegou à conclusão que, no inicio, a gente não surgiu tanto como um grupo ambientalista. Era mais um grupo cultural mesmo. No sentido de trazer opção de lazer pra nós mesmos que éramos moradores. Mais nesse sentido mesmo de trazer lazer, trazer arte, essas coisas. (Diogo)

O que mobilizava as pessoas a participarem seria então "a festa" em si, e não uma preocupação com a preservação da Serra da Misericórdia. Ainda assim, algumas pessoas que vinham atraídas por esse lado do lual, voltavam em outros dias dispostas a ajudar na capina, no plantio, e a participar das atividades do Verdejar. Esses luais, entretanto, tinham também o seus efeitos negativos. Como o estrago que acabava causando na vegetação pelo grande número de pessoas que passavam a noite no lugar e, principalmente, por afastar pessoas que não se identificavam com a "festa". Como já foi citado no caso da relação com a comunidade, essas festas acabaram reforçando uma imagem negativa do Verdejar e do espaço utilizado pelo grupo.

> Aí no domingo de manhã descia aquele monte de gente, aquelas garotas com aquele saião de hippie, todo mundo sujo de lama e o caramba, chegava na Estrada Velha, os mais velhos dali ficavam se perguntando: "da onde esse pessoal tá vindo? Que loucura!" Aí muita gente falava "Ah, é do lual". Aí, o grupo ficou bem conhecido naquela área do Engenho da Rainha, Conjunto dos Músicos, tudo mais, devido a essa questão dos luais. Mas, bem conhecido e bem pichado também. Bem mal conhecido.

Por causa desses conflitos, os luais acabaram perdendo força e deixando de ser realizados. Mas o grupo reconhece a importância que eles tiveram nesse momento inicial, agregando principalmente os jovens que passaram a participar das reuniões que eram feitas na quadra da escola de samba Boêmios de Inhaúma. Esse período inicial é visto como um certo "amadorismo" do grupo no sentido de como proceder enquanto movimento social, fazer contatos com outros atores, escrever projetos, entre outros pontos que exigiam o conhecimento de caminhos e técnicas não disponíveis naquele momento. Para conseguir financiamento para um projeto, por exemplo, é necessário dominar uma linguagem especializada, conhecer os canais de financiamento, dispor de computadores e outros instrumentos, enfim, não basta ter uma boa idéia. Aliás, muitas vezes, nem importa muito qual é a idéia, mas sim como ela é apresentada[37].

Nesse sentido, um ponto sempre citado como essencial para uma "profissionalização" do grupo, foi a participação na primeira turma do CENAFOCO, programa do governo federal executado no Rio de Janeiro por uma ONG. Tinha, entre os seus focos principais, justamente capacitar as "lideranças" na elaboração de projetos. Com exceção do Zolmir, que ainda não fazia parte do grupo, todos os outros entrevistados fizeram o curso. A partir desse curso foram escritos três projetos, um na área de reciclagem, outro de cultura e o projeto da horta. No entanto, esse curso contribuiu não apenas em relação às articulações "para fora", mas também para o relacionamento com a própria comunidade. Como demonstra o Diogo:

> A gente começou a ter mais um senso do que que era ser um agente social e lidar com a comunidade. Porque até então a gente chegava e falava pro morador: "A gente quer fazer um Parque Ecológico." Aí o morador: "não, mas eu acho que tem que ter uma igreja". E a gente ficava: "não, mas tem que ter um Parque ecológico." E aí a partir desse curso a gente começou a ver: "Peraí, ce não pode bater de frente com o cara da comunidade, ce tem que ouvir mais ele né. Ver o que que ele tá falando ali se tá dentro dos nossos planos, que forma a gente pode trazer pro nosso trabalho e coisa e tal." Aí a gente começou a ter mais uma percepção do que que era esse trabalho social mesmo.

[37] Com relação a isso, posso falar com base na experiência de ter participado como avaliador de projetos no processo seletivo do Programa Petrobras Fome Zero em 2004, 2005 e 2006. Muitos projetos eram eliminados porque as pessoas que escreveram não entenderam o edital, não sabiam o que era "indicador de impacto", "planilha orçamentária" e outras nomenclaturas típicas. Os que apresentavam mais problemas eram justamente aqueles enviados por entidades com pior estrutura, geralmente associações e grupos comunitários.

Outro ponto marcante, ainda nesse processo de "profissionalização", foi, em 2002, a fundação legal da "entidade": Verdejar – Proteção Ambiental e Humanismo. A "conquista" do CNPJ, necessário para que o grupo possa realizar as operações de uma "instituição": abrir contas em bancos, receber financiamentos e contratar pessoas, por exemplo. É o nascimento do grupo dentro da ordem burocrática.

Porém, a formalização enquanto uma "associação sem fins lucrativos", a capacitação dos membros e a chegada de novos parceiros, ainda não foi o suficiente para criar uma estrutura que seja adequada às propostas de ação. De fato, o entendimento é que não houve muitos avanços nesse sentido.

### 5.1 Estrutura

Uma das principais dificuldades mencionadas nas entrevistas, bem como em conversas com membros do grupo e simpatizantes, é a falta de estrutura ou a "estrutura precária", cuja causa principal é identificada como a ausência de recursos financeiros. Por outro lado, o fato de não possuir uma estrutura mínima, dificulta o próprio trabalho de captação de recursos, refletindo o que parece ser a realidade do universo de entidades que dependem da captação de recursos: quanto mais financiamento uma entidade recebe, melhor é sua estrutura e maiores são suas chances de conseguir novos recursos[38].

No trabalho de campo, pude observar também que as atividades são marcadas pelo improviso, começando quase sempre com atraso no horário e sempre surgindo algum problema para ser resolvido na hora. Isso parece se dar não só pela falta de dinheiro, o que faz com que tudo tenha que ser emprestado, cedido, doado, pelo número reduzido de pessoas, mas também pela própria "cultura organizacional" do grupo. Não seria uma "falta de organização", mas uma forma de organização típica do Verdejar, que contém muitos elementos associados a esse "amadorismo". Um exemplo disso foi o evento realizado no dia 25 de março de 2007, em comemoração ao "dia mundial da água" (22/03).

Foi planejada a exibição de um filme sobre a Baía da Guanabara e de imagens sobre a temática da água. A atividade era voltada para a comunidade, e estava marcada para as 16:00 no larguinho. Cheguei lá por volta de 16:30 e encontrei o Edson com um lençol branco tentando pendurar em algum lugar, pois ele havia conseguido um aparelho de *datashow* emprestado para fazer a projeção, mas não veio com a tela. Depois de algumas tentativas, definimos o local para a projeção e começamos a testar.

[38] Ver nota anterior.

Logo percebemos que no claro seria impossível enxergar a imagem. Tentamos escurecer o local com lonas e cartazes o que não adiantou muito. Quando escureceu, descobrimos que o arquivo com as fotos não havia sido salvo corretamente e que o computador não rodava DVD. O Edson então entrou na comunidade e voltou com um aparelho emprestado. Aí descobrimos que o som do *datashow* não era suficiente e o Poeta saiu com o Zolmir de carro para voltar com uma caixa de som. Finalmente, o filme começou às 18:30. Grande parte dos moradores que estavam aguardando já tinha dispersado (na mesma hora estava começando uma partida entre Flamengo e Vasco) e o público foi formado basicamente por crianças e os próprios integrantes do grupo. Ainda assim, a atividade teve um impacto muito interessante: muitas pessoas ao passar pela rua, se surpreenderam ao ver um "cinema" na porta da comunidade.

Essa saga para exibição do filme exemplifica bem essa organização improvisada, que eu não estou dizendo que seja exatamente um defeito do grupo, mas uma característica. É claro que, quando se olha a partir de uma lógica "empresarial", que vem cada vez mais tomando conta das ONGs, as práticas do Verdejar podem ser consideradas "pouco eficientes" ou "não-otimizadas". Mas quando se pensa numa lógica própria do grupo, num agir específico do Verdejar, e nas relações deste com o contexto social no qual está inserido, percebe-se que a forma como o Verdejar age é tão importante quanto os resultados dessas ações. Tentar transformar o Verdejar num modelo de administração racional e eficiente, de acordo com os padrões empresariais, com um foco no "produto", é um esforço que, além de ser de importância duvidosa, está fadado ao fracasso. Porque é no "processo"[39], no fazer, que o grupo se constrói, e esse fazer está diretamente associado com os objetivos que o grupo propõe. Mais do que uma defesa de um Verdejar "puro" esta é uma constatação de que esse fazer não pode ser alterado pela imposição de um modelo externo. Ao mesmo tempo em que o CNPJ representa a entrada numa esfera burocrática e um passo a mais no que eu tenho chamado de "profissionalização", isso não significa que o Verdejar vá perder as suas características de um grupo comunitário e se tornar uma "instituição". A maneira como essa profissionalização ou burocratização ocorre, é uma maneira típica do Verdejar. É uma "indigenização"[40] da burocracia e uma profissionalização "verdejante".

Essa profissionalização, ou ainda essa estruturação, é importante para que o grupo possa continuar realizando e fortalecendo suas ações. Nesse processo, dois pontos

[39] Ingold 2007.
[40] Sahlins 1997.

têm sido considerados como principais: a construção de uma sede com estrutura adequada de um "escritório"; e a possibilidade de manter uma equipe remunerada trabalhando, o que evitaria que eles tivessem que dividir o tempo do Verdejar com outros trabalhos onde o único objetivo é "garantir o sustento". Com relação à sede, o "ideal" seria a construção de uma, que fosse também um centro de visitantes da Serra, na entrada da trilha, na parte baixa, por onde entraram os grileiros. No entanto, aparece como solução temporária fechar as paredes do "palco", no larguinho, transformando-o numa sala. Essa seria uma solução mais barata e que poderia ser implementada quase imediatamente. Já a construção da sede "definitiva" poderia ser viabilizada através do financiamento de um projeto por empresas ou agências.

Oficialmente, a diretoria do Verdejar é formada por pessoas que acompanham o grupo há bastante tempo, mas que não têm uma participação direta nas atividades, com exceção do Zolmir, que ocupa o cargo de tesoureiro. Na prática, as funções de "diretoria" são exercidas pelos entrevistados, sendo que o Luiz é o único que recebe uma "ajuda de custo" para isso. Essas funções incluem por exemplo: a definição das linhas gerais e elaboração de projetos; a organização e coordenação dos eventos; a representação da entidade em reuniões, palestras e outros eventos; e os processos de tomada de decisão em geral. Isso não faz com que eles deixem de participar da execução direta das atividades, pelo contrário, estão sempre presentes, seja na atuação direta na Serra capinando ou cuidando da horta, seja na realização de tarefas em outros espaços. Para essas funções contam com o apoio constante de um grupo que gira em torno de dez pessoas que em geral estão auxiliando na execução das tarefas, mas que, eventualmente participam também das "funções de diretoria". Esses já possuem um vínculo maior com o grupo, acompanhando o trabalho e, eventualmente, participando de processos de tomada de decisão e até representando grupo. Além dessas pessoas, existem outras que participam de algumas atividades esporádicas quando são chamadas, mas que não acompanham muito de perto o trabalho. Existem ainda os jovens, moradores da Sérgio Silva, que participaram como bolsistas do projeto da horta e que continuam participando de atividades pontuais. O grupo conta também com a figura do "associado" que auxilia com contribuições financeiras mensais, podendo ser pessoa física ou jurídica, que até o momento se restringe ao comércio local. Entre as pessoas físicas que contribuem, algumas participam também da organização e execução de atividades.

A contribuição dos associados é, atualmente, a única fonte de recursos do Verdejar e, em abril desse ano, girava em torno de 250 reais mensais. A ampliação no número de associados e no total das contribuições é considerada essencial para manter e melhorar a estrutura do Verdejar. O Zolmir tem sido o principal articulador dessa demanda, sendo responsável por organizar as contribuições, contatar os associados, todo mês, para que lembrem de contribuir, e buscar novos associados. No trecho abaixo ele fala sobre a importância dessa atividade e sobre a estrutura "capenga" do grupo:

> A nossa estrutura ainda tá capenga. Embora tenha melhorado um pouquinho, mas ainda tá capenga. Acho que a prioridade esse ano é montar a sede. Montar a sede e cair de peso nessa parte da arrecadação... Isso aí, é o essencial pra gente poder sobreviver e... dá condição ao pessoal de trabalhar mais próximo do Verdejar. Porque senão a pessoa sai pra fazer outras coisas... a maioria sai. Dedicação total mesmo, só o Luiz. Mas mesmo assim fica difícil pra ele. A gente tem que fazer um esforço nesse sentido: arrecadação. Trabalhar nisso, acima de qualquer coisa.

### 5.2 Contatos, parcerias e articulações

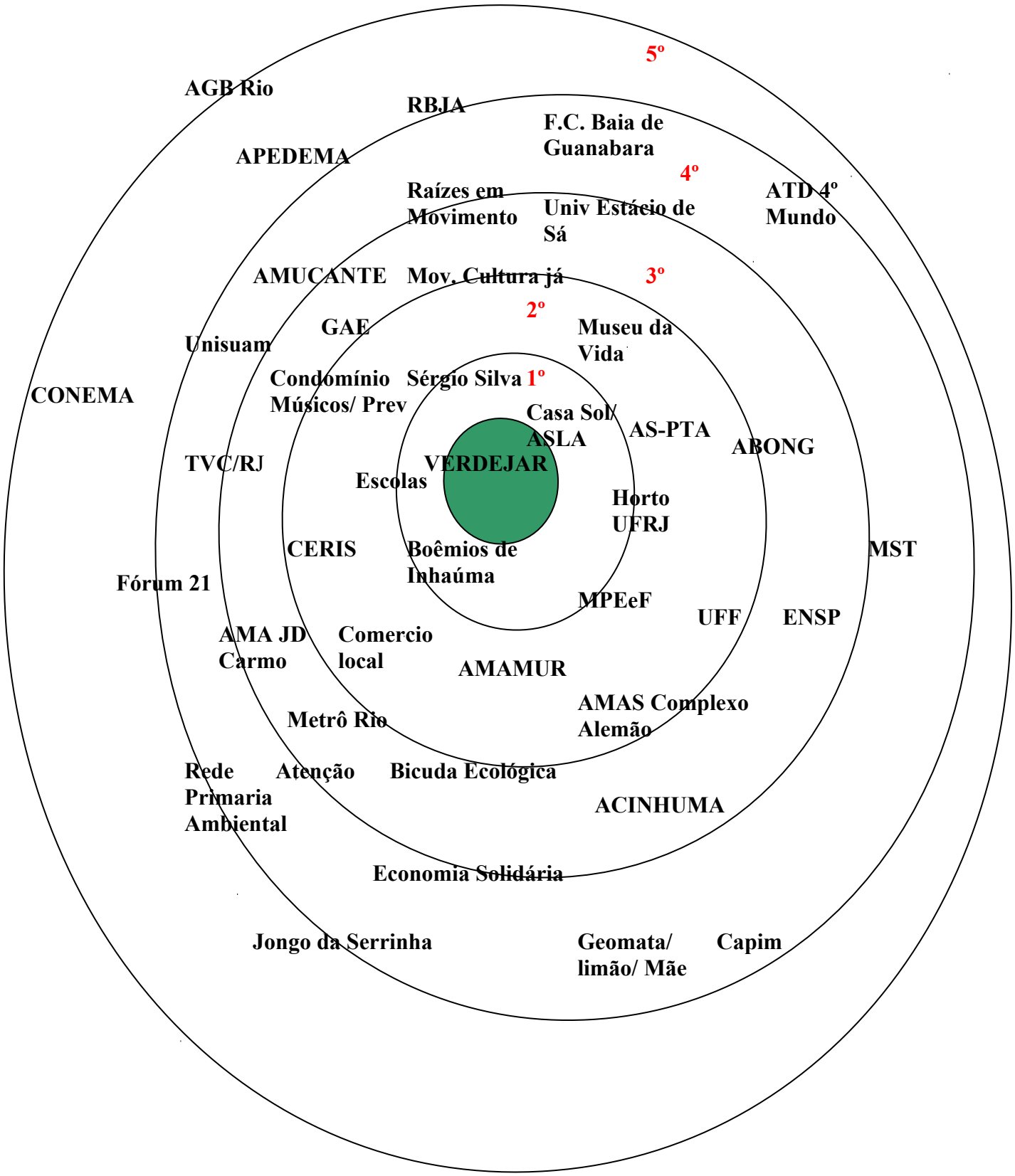
Em diversos momentos vividos pelo grupo, foi essencial a inserção em espaços já consolidados na luta ambiental, bem como a articulação com diferentes parceiros externos. Esses contatos ao mesmo tempo em que facilitaram o enfrentamento de conflitos que estavam emergindo, foram feitos muitas vezes pelas necessidades geradas pelos próprios conflitos.

Ao longo do tempo, novas parcerias foram sendo feitas, o grupo foi se articulando com outros movimentos enquanto alguns dos antigos parceiros se enfraqueceram ou se afastaram. Das entidades que assinam a Carta, apenas a Bicuda Ecológica continua ativa na "luta pela preservação da Serra da Misericórdia" sendo considerada a única organização além do Verdejar que tem esse objetivo específico. Nos últimos anos a relação entre as duas entidades não tem sido tão efetiva na prática devido a dificuldades na organização interna de cada uma. Mas neste ano de 2007, tem sido feito um esforço para fortalecer o FASM – Fórum Ambiental da Serra da Misericórdia, enquanto um espaço que pudesse unificar a agenda de movimentos sociais da Serra da Misericórdia. Com relação às demais entidades da Carta, vale destacar que o CEPEL foi extinto, mas teve suas atividades herdadas por uma nova entidade chamada CASASOL - Centro de Aliança de Saberes e Ação Solidária da Leopoldina, que

mantém a parceria com o Verdejar, inclusive porque a coordenadora do CASASOL ocupa atualmente o cargo de presidente do Verdejar.

O diagrama abaixo é resultado de um esforço coletivo realizado durantes as reuniões de planejamento para o ano de 2007. Ele apresenta as parcerias institucionais do Verdejar estabelecidas em níveis de proximidade em que se encontravam no momento dessas reuniões. As relações com essas instituições foram analisadas nesses encontros, com o intuito de pensar em quais realmente vale a pena investir, como aproximar aquelas que estão distantes e outros pontos. A versão apresentada aqui foi construída pelo Diogo a partir dos cartazes produzidas no encontro.

NIVEIS DE PARCERIA:




Ainda que posteriormente tenham sido feitos alguns questionamentos sobre o nível em que algumas entidades ficaram, como por exemplo, se a Boêmios de Inhaúma,

deveria estar no mesmo nível que a Sérgio Silva, esse quadro é bastante representativo das relações que o Verdejar possui atualmente. Podemos ver que é um universo bem diversificado de entidades, em todos os níveis de relação. Existem universidades, associações de moradores, comerciantes, uma empresa, redes, condomínios residenciais, uma escola de samba, órgãos públicos e escolas, além da Sérgio Silva, entendida aqui como sendo a comunidade.

Cada uma das entidades citadas possui uma relação de parceria específica no sentido do que o grupo entende que ela pode contribuir para as suas ações. As associações de moradores, por exemplo, são entendidas como importantes para fortalecer o FASM e outros espaços locais de luta conjunta. Já o Metrô Rio é visto como uma possibilidade de financiamento de projetos. Algumas entidades ajudam também a suprir as deficiências de estrutura, emprestando equipamentos, cedendo espaço, e possibilitando o acesso a telefone e internet, como é o caso do CASASOL e da AS-PTA, que inclusive ajudou a organizar o processo de planejamento.

As fronteiras entre esses níveis, no entanto, são muito finas, permitindo um fluxo contínuo. Para demonstrar melhor a dinâmica de parcerias, esse quadro teria que ser animado, com o movimento constante entre os níveis, com o surgimento de novas entidades e com a saída de algumas que aparecem no quadro. Essas relações estão o tempo todo em construção, o tempo todo acontecendo. Muitas entidades que participaram da história do Verdejar, já não aparecem nesse quadro. Algumas foram extintas, como o CONSA, e outras se afastaram, como Os Verdes.

Além das relações citadas acima, o grupo estabelece parcerias "pessoais", parceria com pessoas que não representam nenhuma instituição ou cujas características pessoais são mais importantes, para o grupo, do que a instituição que representa. Por exemplo, uma pessoa que cede um espaço ou equipamento, ou que contribui com saberes e práticas relacionados a plantas medicinais, práticas de agricultura orgânica, legislação, poluição aérea ou construção civil, entre outros temas variados. Não é exatamente um "voluntário" do grupo, pois realiza ações bem específicas, embora muitas vezes possa ser incluído, na fala dos entrevistados, como um "verdejante".

Importante mencionar também a articulação com outros atores que não são considerados exatamente como "parceiros", como a SMAC e outros setores do poder público, ou com órgãos de imprensa. Algumas reportagens relacionadas à atuação do grupo têm sido veiculadas em páginas da internet e jornais. O foco dessas reportagens

tem sido, em geral, denúncias sobre os problemas da região vistas como um instrumento de "alerta" para a população e de pressão sobre o poder público.

### 5.3 Atividades e propostas

Na avaliação do ano de 2006, foram levadas em consideração as atividades dispostas no quadro abaixo, divididas em três eixos, conforme constava no planejamento de 2006:

| ESTRUTURAR | RELAÇÕES INTRA E EXTRA INSTITUCIONAIS | POLÍTICAS PÚBLICAS |
|---|---|---|
| • Sede<br>• Mutirões<br>• Horta e Horto<br>• Permacultura<br>• Associados<br>• Comunicação<br>• Regimento interno<br>• Parcerias<br>• Formato de reuniões<br>• Avaliação | • Interpessoais<br>• Intra comunidade local<br>• Coleta seletiva<br>• Oficinas<br>• Eventos com a comunidade<br>• Cooperativa de horto<br>• Ala Verdejar | • Prefeitura<br>Regulamentação da APARU<br>• Seminários<br>• PDA<br>• Mutirões<br>• Centro de Pesquisa<br>• Pedreiras<br>• Parcerias – FASM<br>• Processos sobre a Serra<br>• Corredor Ecológico Misericórdia e Tijuca<br>• Manejo da Serra<br>• Tentativas de invasão |

Assim como o anterior, esse quadro também está o tempo todo sendo refeito. Por mais que se planeje, o "fazer" traz o improviso e a necessidade de se replanejar a todo momento. No caso, muitas atividades citadas não avançaram muito e entraram para o ano de 2007; nenhuma delas teria sido totalmente abandonada, todas continuam dentro "dos planos", mas algumas acabam ficando em segundo plano. Algumas trazem coisas a serem feitas, objetivos a serem alcançados: "sede", "centro de pesquisa", "PDA" – Programa Demonstrativo da Mata Atlântica. Este último se refere à elaboração de um projeto para ser inscrito no edital de financiamento desse programa. Esse foi um ponto bastante frisado no ano de 2006 e que continua sendo valorizado em 2007. Aconteceram algumas reuniões sobre o assunto, algumas com AS-PTA, mas não se chegou a avançar muito em termos práticos. A idéia seria de um projeto voltado para a visitação. Outras atividades já fazem parte da "rotina" anual do Verdejar, já acontecem. Como "Horta e

Horto", "eventos com a comunidade" e "Ala Verdejar", que é uma ala reservada para o Verdejar no desfile da Boêmios de Inhaúma. Entre os "eventos com a comunidade" estão o Domingo Ecológico, o Verdejar de Natal, caminhadas, a própria ala, e outras atividades.

Para 2007, houve cinco dias de reuniões de planejamento e avaliação que contaram com a presença dos integrantes citados aqui e de vários outros colaboradores. Nesse processo foram abordados diferentes aspectos sobre o que é o Verdejar e sobre as ações que realiza a partir da percepção das pessoas envolvidas. Em seguida foi feita uma avaliação detalhada das atividades do ano anterior e no final acabou não sobrando tempo para o último objetivo que seria o de elaborar o programa de 2007. Ainda assim, foram colocados quais seriam os objetivos do Verdejar para este ano e quais as atividades relacionadas. Nas reuniões das quais participei e nos relatórios que eu li, não se chegou a falar, por exemplo, na questão do "diagnóstico" da Sérgio Silva que apenas dois meses depois já estava começando a ser colocado em prática. Este é só um exemplo de como os "planejamentos" são sempre provisórios.

Entre as diferentes atividades, projetos e propostas, gostaria de destacar duas. A primeira é a atividade da "caminhada", já descrita acima, dentro do Domingo Ecológico. Essa atividade, que acontece também em outros momentos fora do Domingo Ecológico, pode ganhar diferentes sentidos, como o "dia da consciência negra", "pela paz" ou ainda pode ter o objetivo de levar um grupo específico: alunos de escolas, estudantes universitários, agricultores e outros. Todas elas, no entanto, possuem basicamente o mesmo roteiro e consistem na apresentação da Serra da Misericórdia e acabam se tornando uma "porta de entrada" para novos adeptos e simpatizantes, como foi o caso do Zolmir.

A segunda são os esforços que estão sendo feitos para estabelecer parcerias com outros grupos locais no sentido de criar agendas em comum. Um desses espaços seria o FASM, que teve uma reunião neste ano, realizada na Igreja Metodista de Inhaúma, e que contou com a presença de representantes da AMAMUR – Associação de Mulheres e Amigos do Morro do Urubu, da Bicuda Ecológica, do Grupo Sócio-Cultural Raízes em Movimento e de um grupo que começou a se organizar no bairro de Cavalcante, além do Verdejar. Nessa reunião foi definida a proposta de barrar o decreto do parque e uma agenda de quatro encontros de "formação" sobre meio ambiente e Serra da Misericórdia em cada uma das comunidades representadas ali.

O outro espaço seria um conselho formado por algumas entidades da área do Complexo do Alemão, entre elas o Verdejar e o Raízes em Movimento, para interferir na elaboração e execução de propostas associadas ao PAC. Essa movimentação foi puxada pelo Raízes em Movimento a partir de um contato com o SESC Ramos e a Caixa Econômica Federal, responsável por gerir os recursos desse programa.

O entendimento de que esses espaços são uma possibilidade de fortalecer os movimentos sociais, equilibrando as forças com outros atores, fica bem demonstrado nessa fala do Edson:

> Uma coisa que eu tava falando um tempo atrás, sobre o Fórum ambiental da Serra, se a gente conseguir reunir muitas entidades da Zona Norte, porque a maioria dos votos tá ali né, na bacia do Timbó e do rio Irajá. Se a gente conseguir mobilizar várias entidades daquelas, daqui a alguns anos a gente pode tá direcionando a eleição do município por exemplo. A gente pode, daqui a um tempo: "não, quem decide eleição são os fóruns populares, a gente é quem decide quem vai tá lá".

## 5.4 Tendências e movimentos "globais"

Com "global", estou me referindo a tendências de teoria e prática que são identificadas como tendo origem num ponto "fora" do Verdejar, e que estão relacionadas com o pensamento e a ação do grupo. De uma certa forma, essas tendências influenciam o grupo, mas o fato é que elas são incorporadas ao discurso por terem semelhanças com idéias e sentimentos já existentes antes dessa incorporação. Ou seja, o grupo acaba encontrando em determinadas correntes de pensamento e movimentos sociais idéias semelhantes às que o grupo já tinha. Podemos identificar inúmeras tendências nas falas, como anarquismo, socialismo, movimento hippie, pacifisimo e várias linhas ambientalistas.

Para analisar melhor como se dão essas relações, tomo como exmplo duas dessas tendências que vêm se tornando uma constância nos discursos: a Justiça Ambiental e, o que eu estou chamando de, "agriculturas".

### Justiça Ambiental

Idéias como "meio ambiente" e mesmo "natureza" ganharam significados específicos relacionados ao paradigma moderno/ocidental, seja nas diferentes versões desenvolvimentistas, seja nas ainda mais diferentes versões de crítica ao modelo de

desenvolvimento, dentre as quais se enquadra a "justiça ambiental", que é um movimento de luta contra a "injustiça ambiental". De acordo com o sítio eletrônico da Rede Brasileira de Justiça Ambiental:

> O conceito de injustiça ambiental define as situações onde a carga dos danos ambientais do desenvolvimento se concentra, de modo predominante, em locais onde vivem populações pobres. O conceito de injustiça ambiental denuncia, entre outras coisas, a lógica que define os locais onde serão instalados os grandes empreendimentos de mineração, as barragens das hidrelétricas, a passagem de linhas de transmissão de eletricidade, de oleodutos e outras obras, como depósito de lixo tóxico ou de resíduos químicos. Uma lógica que faz com que todos os efeitos nocivos do desenvolvimento recaiam sempre sobre as populações mais vulneráveis.[41]

Esta "injustiça", ou a não garantia de direitos básicos para determinados segmentos sociais, se faz presente, e talvez tenha a sua forma mais clara, no campo das representações. No âmbito do Rio de Janeiro, nas imagens construídas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa, "meio ambiente" e "natureza", só têm relação com favela quando o crescimento desta ameaça as "áreas verdes" e recursos naturais protegidos em bairros da Zona Sul ou na Barra da Tijuca.

Como em outros contextos, "meio ambiente" ainda está muito mais associado à questão do "verde", materializado em parques e outras unidades de conservação, do que a questões como qualidade de vida, saneamento básico, água encanada e outros elementos que compõem o ambiente urbano.

Para certos segmentos, essas preocupações com "ambientes naturais" são um luxo e não cabem a grupos que sofrem com problemas mais urgentes como o desemprego, a violência e a miséria. Uma das maiores dificuldades que o Verdejar e outros grupos, como a Bicuda, encontram é o de associar com as bandeiras "ambientais" que eles defendem uma área identificada tanto por moradores locais como por grupos externos como uma área violenta e com graves problemas sociais.

Nesse sentido, a idéia de "Justiça Ambiental" oferece um bom rendimento para o Verdejar, como fica claro nessa afirmação que o Edson fez quando conversávamos sobre o assunto:

> Essa história de Justiça Ambiental caiu como uma luva! Antes a gente ficava naquele negócio... era meio ambiente mas também era social. Essa idéia serviu como uma luva.

[41] Rede Brasileira de Justiça Ambiental.
http://www.justicaambiental.org.br/_justicaambiental/pagina.php?id=135 consultado em 15/08/06.

Nessa lógica da justiça ambiental, a existência contínua de atividades como a da Pedreira, só poderia acontecer como acontece em lugares socialmente desvalorizados, vistos como ambientalmente degradados, e cujos habitantes acumulem pouco poder de interferência e direcionamento nas políticas públicas. As falas no sentido de que determinadas regiões da cidade são privilegiadas por políticas ambientais, enquanto outras são esquecidas, são constantes. O lado mais cruel dessa injustiça seria o fato de que, além de esses grupos terem que arcar com "a carga dos danos" provocadas por esse "modelo de desenvolvimento", são os que possuem menor acesso aos bens produzidos por tal modelo. O Zolmir afirma o entendimento de que a Serra só se encontra nessa situação de abandono por causa da sua localização:

> Eu acho que o principal é a localização. Porque se fosse lá, talvez, na Barra da Tijuca ou na Zona Sul, talvez até na Tijuca, a própria iniciativa do poder público ia resolver o problema. Agora, é no subúrbio... Ninguém tá preocupado com meio ambiente, com lazer, com nada disso.

**"Agriculturas"**

> A Serra da Misericórdia dá uma identidade rural pra Zona Norte do município. Que às vezes a Tijuca não dá. É uma característica daquela região. Se for fazer um desenvolvimento sustentável aqui, um plano urbanístico, você tem que considerar isso. Você não pode remover morador pra plantar árvore, não é só isso. O cara mora lá, porra vamo incentivar então a produção agrícola, produção sustentável, agroecologia, o cara vai morar na roça no meio da cidade, entendeu? Então a Serra dá esse ar rural pro município.

Quanto introduzo a categoria "agriculturas", estou me referindo a um conjunto de práticas e saberes diferentes, que têm em comum a referência à produção agrícola de forma "ambientalmente correta" e "socialmente justa". Sob esse guarda-chuva ficam linhas como agroecologia, agricultura urbana, orgânica, e outras formas consideradas alternativas ao modelo convencional, baseado em grandes monoculturas e no uso de defensivos, adubos químicos e maquinário pesado.

Nessa linha agrícola, a principal voz dentro do Verdejar tem sido a do Poeta, justamente por estar mais ligado à horta mesmo. Como ele disse em citação anterior, acabou se "vendo como um agricultor". Ele é quem tem, geralmente, participado de

cursos, congressos e eventos ligados, principalmente, à agroecologia. Nessa fala ele apresenta um pouco da sua visão sobre a importância do pensamento agroecológico para o movimento ambientalista:

> Fiquei bastante apegado ao movimento da agroecologia. Ao ponto de achar que o movimento da agroecologia é uma tábua de salvação assim pro movimento ambientalista. Que é um movimento muito mais completo, ligado à agricultura e ligado à ecologia. E o movimento ambientalista, a gente vê aí, ele às vezes é até um tanto elitizado e muito ligado assim à questão partidária, e mais focado à parte ecológica, ambiental, e não ligado à parte humana. E a agroecologia trabalha com tudo isso. Com a questão humana, cultural mesmo. Valoriza a poesia, o cateretê que seja, o jongo, o que tiver no local ali, de cultura do povo, a agroecologia valoriza. Valoriza a questão da economia solidária...

Vemos nessa fala a associação do "movimento ambientalista" como uma coisa que vem de cima para baixo, de fora para dentro, enquanto o discurso da agroecologia é relacionado com um respeito a práticas "populares". De acordo com a ABA – Associação Brasileira de Agroecologia, a agroecologia é entendida como:

> Enfoque científico, teórico, prático e metodológico, com base em diversas áreas do conhecimento, que se propõe a estudar processos de desenvolvimento sob uma perspectiva ecológica e sociocultural e, a partir de um enfoque sistêmico, adotando o agroecossistema como unidade de análise, apoiar a transição dos modelos convencionais de agricultura e de desenvolvimento rural para estilos de agricultura e de desenvolvimento rural sustentáveis[42].

Nesse sentido, a agroecologia não seria definida por um conjunto de práticas específicas, mas por uma perspectiva, um olhar que deve servir como fio condutor para práticas agrícolas. Isso significa que na prática diferentes técnicas e formas de produção são vistas como sendo "agroecológicas". Não se restringindo somente à produção em si, mas sendo também um posicionamento político perante um modelo de produção agrícola estabelecido. A "perspectiva ecológica e sociocultural" pode ser vista como a consideração de que a produção se dá num determinado ecossistema e, também, num determinado contexto sociocultural, que embora apareçam muito mais interligados aqui, ainda são pensados como esferas separadas.

A horta tem sido um laboratório de experiências "agroecológicas", no sentido de que procura associar uma produção de alimentos orgânicos aos objetivos de preservação

[42] http://www.agroecologia2005.ufsc.br/aba.htm acessado em 10/05/07.

da Serra e de “mostrar para a comunidade” um exemplo de aproveitamento do solo e geração de renda. Realmente, uma horta é um elemento diferente em uma comunidade urbana, embora as tentativas de transformar a horta num espaço da, e para a, comunidade ainda não tenham tido êxito. Mesmo assim, a horta ajuda a reforçar os “ares rurais da Serra”.

## 6. NO AMBIENTE TEÓRICO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Seguindo as propostas de análise desta dissertação, é preciso buscar na teoria antropológica as bases para pensar como se dão esses conflitos entre diferentes visões e sentidos culturais. Passo a apresentar então algumas perspectivas que considero interessantes e que têm o comum essa leitura "pra frente" de trabalhar mais com uma visão de "processo" do que de "produto".

A primeira tem como base o pensamento de Marshall Sahlins a partir do conceito de "indigenização", ou seja, práticas, objetos e palavras surgidos em determinado contexto cultural, podem ser apropriados das mais diferentes formas de acordo com lógicas locais. Sahlins (2004) demonstra como o próprio "sistema mundial" ou a "economia capitalista", bem como seus produtos materiais, são também oriundos de determinadas lógicas culturais e estão baseados em valores e conceitos historicamente estabelecidos e que não possuem significado universal. Logo, podem ser apropriados de diferentes maneiras e que, ao invés de adequarem os sistemas locais ao seu modelo, eles é que precisam se adequar à lógica nativa.

Nessa linha, acredito que seja possível falar de um ambientalismo próprio do Verdejar e de outros grupos locais, ou, para usar a expressão nativa, o "movimento ambientalista misericordiano". Não estou dizendo que existe ali um esquema bem definido, homogêneo e com fronteiras bem claras que o separariam de "ambientalismos globais". Existe, com relação às percepções sobre "meio ambiente", por exemplo, uma diversidade entre os grupos locais e mesmo entre as pessoas de cada grupo, assim como existem pontos de contato com diferentes "correntes" mais "globais".

Prado já aponta esse caminho para o uso do conceito de indigenização, ao tratar do processo da Agenda 21 na Ilha Grande. No caso, a Agenda 21, como ela diz, é uma metodologia específica, uma "receita de bolo" (2003, 4), um produto dessa "onda ambientalizante" e que vem, através dela, se impor aos mais diversos "locais" do planeta. Porém, o que ela vai demonstrar é que apesar do seu caráter impositivo e universalizante, essa receita vai ser recriada ao gosto do cozinheiro:

> Lá, de onde vem a receita, está indicado de forma precisa "forno a 125 graus", e a gente aqui o que faz é colocar um vago "forno médio", bem "ao gosto", como também os temperos todos usados desde a mistura do bolo. No caso da Agenda 21, parece haver a princípio uma fetichização da própria receita, que, depois de um

> tempo, se vê substituída por outras conforme os sabores locais. (2003, 16)

No caso, não estou abordando um elemento específico, mas a idéia em si de um ambientalismo como um conjunto de discursos e práticas universalizáveis, que traz em seu bojo receitas das mais variadas. Assim como o "sistema mundial" ou o "capitalismo", da forma retratada por Sahlins.

A grande preocupação dele parece ser em demonstrar dois pontos: primeiro, que a chamada "modernidade ocidental" constitui um processo cultural como outro qualquer, composto de crenças e valores que têm como referências contextos sócio-culturais específicos; segundo, que os chamados "povos colonizados" também constituem processos culturais com estruturas que lhes são próprias e lógicas inerentes.

No artigo sobre a morte do Capitão Cook, Sahlins (1994) demonstra claramente seu pensamento com relação ao contato entre grupos sociais distintos. No caso, ele está analisando um "fato histórico" que está inserido no processo de expansão do império britânico e da economia capitalista, expansão na qual Cook teve um papel importante. Porém, esse "fato" também está inserido em determinado momento histórico da sociedade havaiana. Pela descrição de Sahlins, Cook teria então sido vítima de um "mal-entendido" cultural. Ele se encontrava, naquele momento, exercendo um papel numa ordem cultural sobre a qual tinha muito pouco conhecimento. A sua morte, que, do ponto de vista do império britânico, poderia ser entendida como uma revolta contra a coroa, um simples ato de selvageria ou movida por interesses econômicos ou políticos, ganha um sentido totalmente diferente se for observado o contexto cultural em que ela ocorre. De acordo com o autor, os nativos tinham as suas próprias razões para matá-lo, que nada teriam a ver com explicações baseadas na "razão prática" ocidental. Cook seria, portanto, um elemento externo que foi usado para compor e até fortalecer as estruturas locais. Sua morte seria então fruto de uma "razão cultural" e não de uma "razão prática" que, para Sahlins, é um produto cultural do ocidente e não uma verdade universal.

Da mesma perspectiva, ele demonstra muito bem em outro texto o caso da fracassada missão inglesa que procurava abrir novos mercados na China para os produtos da indústria moderna (Sahlins, 2004). Eles, os ingleses, estavam certos de que os chineses (assim como qualquer outro povo) se renderiam aos primores da civilização. Porém, para o "Império Celestial que tudo governa" (2004, 453) o único papel possível

para aquela missão seria o de prestar homenagens ao imperador através da oferta de presentes exóticos, reconhecendo assim sua superioridade. No fim das contas, as formas de produção e comércio da Inglaterra foram muito mais afetadas do que os hábitos de consumo do povo chinês.

No caso das "Ilhas Sandwich" e dos "Kwakiutl", os produtos ocidentais eram bem aceitos, mas ganhavam usos e significados completamente diversos dos locais onde foram produzidos e que fugiam completamente à lógica de mercado. Eles eram inseridos nos esquemas locais. Por mais que os ingleses acreditassem que aqueles produtos e toda a economia capitalista que estava por trás se baseavam na pura "razão prática", e que por isso eram universais, eles sempre ficavam assombrados com as formas específicas de apropriação. Esses produtos típicos de uma ordem ocidental "passam a ocupar lugares dotados de significado na ordem local das coisas" (Idem, 447).

A expansão do capitalismo não é feita de forma tão irresistível como se pensa, correspondendo a uma construção social originada num processo histórico em condições determinadas, e dessa maneira vai sendo absorvida e reinterpretada das mais diferentes formas. Certamente, o capitalismo não é uma evolução natural das formas anteriores, mas uma construção contínua da qual participam diversamente todos os povos considerados subjugados por ele. Pois, como Sahlins coloca:

> O capitalismo ocidental, em sua totalidade, é um arranjo cultural verdadeiramente exótico, tão bizarro quanto qualquer outro, marcado pela subsunção da racionalidade material numa vasta ordem de relações simbólicas (Idem, 517).

E ele demonstra isso ao fazer uma "genealogia" das idéias e valores que fundamentam o capitalismo, em especial o "*triste tropo* de que a vida se resume à busca da satisfação, ou seja, o alívio dos nossos sofrimentos" (Idem, 563).

Para Sahlins, os discursos de alerta contra uma homogeneização cultural, ou contra a perda de autenticidade de determinadas "tradições", não percebem a verdadeira força de sistemas culturais que foram construídos ao longo de séculos, e que, por mais que a aparência se modifique, essa modificação se dá de acordo com as estruturas específicas daquelas lógicas culturais. Esses discursos, apesar de serem contra o "capitalismo", por exemplo, reforçam a superioridade deste sistema frente a outros que precisam ser "protegidos". Dessa forma é possível concluir que o que ele entende como "cultura" não são

exatamente os aspectos materiais ou sociais aparentes, mas a lógica estrutural que ordena esses aspectos de uma forma ou de outra. Por isso, é possível absorver elementos provenientes de outras culturas, como a economia monetária, por exemplo, colocando-os a serviço de uma lógica distinta, e vice-versa. A lógica subjacente à economia de mercado pode incorporar elementos provenientes de sistemas culturais nativos de qualquer local. Esta linha de pensamento pode ficar mais clara nessa passagem do autor:

> Toda sociedade de que a história tem conhecimento é uma sociedade global, toda cultura é uma ordem cosmológica; e, ao incluírem o universo dessa maneira em seu esquema cultural (...) as pessoas atribuem a seres e coisas que estão além da sua comunidade imediata um lugar definido em sua reprodução (2004, 522).

A visão de Sahlins pode ser entendida como "processual" no sentido de que ela se opõe às análises culturais que estão focadas no "produto"[43]. O que significa dizer que ele está olhando para o processo das interações sociais e não simplesmente para os seus "resultados". Quando simplesmente se constata que o capitalismo "toma conta do mundo", e não se olha para a forma como esse movimento se dá na prática, não se percebe que o "mundo" também "toma conta do capitalismo", improvisando a partir de contextos locais. O "mundo capitalista" não é o resultado da expansão de uma "ordem" definida, baseada numa "razão prática" que subjuga todas as outras ordens pré-existentes, mas é justamente o complexo processo de interação entre diferentes "ordens".

É nesse sentido que aplico os pensamentos de Sahlins ao caso do Verdejar e da Serra da Misericórdia, considerando que o "ambientalismo" remete às mesmas origens do capitalismo: essa "modernidade ocidental". E seria baseado também numa razão prática capaz de organizar um conjunto de conhecimentos e técnicas que podem "salvar o mundo". O paradigma referencial de práticas capitalistas e diferentes linhas ambientalistas (conservacionismo, desenvolvimento sustentável, justiça ambiental) é bem parecido; o que mudam são os interesses e os objetivos. É similar no sentido de que em todos está subjacente a idéia de separação homem/meio ambiente, sociedade/natureza; a disputa aparentemente reside em torno de qual uso o "homem" faz do seu "meio ambiente". Como esses processos ocorrem na prática, é assunto para o capítulo 8.

[43] A propósito, ver também Ingold, 2007.

Entender o "sistema mundial" sob essa perspectiva não significa esquecer as relações de poder existentes e nem julgar que os diferentes grupos se encontram em relação de igualdade nesse processo. Pelo contrário, alguns grupos vão sentir muito mais o impacto direto de determinados "contatos culturais". Considerando isso, apresento outra perspectiva que é a de pensar a questão da relação entre "tipos de saberes", reforçando a idéia de um ambientalismo nativo, utilizando autores que de alguma forma estão relacionados com o pós-colonialismo e os "estudos subalternos"; enfim, que pensam a questão cultural através da ótica da colonialidade. Nesse sentido, podemos pensar que o próprio "ambientalismo" e idéias como "desenvolvimento sustentável", "ecologia", e até mesmo "justiça ambiental" podem ser vistas como estando impregnadas por uma hierarquia de saberes. Apresento aqui três desses autores.

Chakrabarty (2000) rebate as críticas de outros intelectuais da esquerda indiana no sentido de que os "estudos subalternos" ou, mais especificamente, a crítica dessa linha de pensamento ao modelo iluminista, à hegemonia da racionalidade moderna e seus efeitos, estariam alimentando movimentos "nativos" como o da direita Hindu. Esta teria uma ação de afirmação de costumes e regimes supostamente tradicionais, contra conceitos ocidentais como, por exemplo, a noção de direitos humanos. O avanço desse pensamento seria uma reação à "modernização" e traria em si a exploração ou a opressão de determinados grupos sociais como, no caso indiano, os muçulmanos, os membros de "castas inferiores" e as mulheres.

O que o autor procura demonstrar é que a pesquisa na linha da subalternidade, bem como as práticas políticas associadas a ela, não se resumem a uma simples negação do que é identificado como proveniente de uma "modernidade ocidental" e a uma valorização do nativo. Mas antes seria uma crítica, pós-moderna, à aceitação de determinadas formas de explicação do mundo, com suas práticas associadas, surgidas em um determinado período histórico em um contexto específico, como sendo universais e "verdadeiras".

Seria uma crítica ao modelo que estabelece a razão iluminista como sendo a salvação do mundo, a luz que ilumina as trevas, e que coloca a relação entre modelos diferentes através de dicotomias do tipo razão/emoção, ciência/religião, moderno/tradicional, sociedade/natureza. Considerando que esse modelo foi a base da dominação colonialista que subjugou diferentes povos, colocando os seus modelos de organização da realidade em posições subalternas.

Não só a prática imperialista estaria imbuída dessa ideologia, que se expressa por exemplo em modelos evolucionistas e positivistas, mas, também, correntes marxistas apresentam em alguns pontos a necessidade de universalização do sistema capitalista, suplantando outros modos de produção, para a possibilidade de realização da revolução comunista. O próprio Marx apresenta uma visão otimista sobre a colonização britânica na Índia, apesar de reconhecer suas mazelas. Seria como um mal necessário:

> É bem verdade que, ao realizar uma revolução social no Hindustão, a Inglaterra agia sob o impulso dos interesses mais mesquinhos, dando provas de verdadeira estupidez na forma de impor esses interesses. Mas não se trata disso. Do que se trata é de saber se a humanidade pode cumprir a sua missão sem uma verdadeira transformação a fundo do estado social da Ásia. Se não pode, então, e apesar de todos os seus crimes, a Inglaterra foi o instrumento inconsciente da história ao realizar esta revolução (Marx, s.d.: 291).

Portanto, a questão não seria adotar um modelo moderno ou tradicional, mas reconhecer a existência de inúmeras possibilidades de, segundo Chakrabarty, narrativas históricas. É claro que não podemos negar a relação de poder existente entre diferentes tipos de saberes e dizer que eles estão em igualdade de condições, longe disso; tanto é que a própria legitimação de outras formas de conhecer, que não sejam baseadas na razão científica, enquanto "saberes", é uma tarefa muito difícil. Em geral, quando são consideradas um "saber" estão sujeitas a uma confirmação "científica". Um exemplo disso são as práticas curativas de diferentes povos, baseadas em diferentes tipos de saberes, mas que só entram no mundo "moderno" quando analisadas e comprovadas em laboratório.

O autor reconhece ainda a importância para os povos colonizados de aprender os caminhos do "mundo moderno", como por exemplo a linguagem acadêmica e a burocracia estatal, até como estratégia de sobrevivência cultural. Seria a utilização de elementos de um sistema global para reforçar uma lógica local. Um exemplo disso seria o aprendizado e a utilização de caminhos do sistema democrático para garantir direitos de grupos indígenas no Brasil.

O que ele propõe é que haja a possibilidade de manifestação de diferentes formas de, por exemplo, construir a história dos povos colonizados. Nesse sentido coloca como um ideal a possibilidade de uma historiografia que possa "aprender com os subalternos" (*learn from the subalterns)* (2000: 272). Essa proposta tem profundas

implicações, pois significa não apenas ouvir o outro lado da história, traduzindo para um saber acadêmico, mas realmente aprender "como fazer".

Ainda sobre as considerações de Chakrabarty, é importante lembrar que, para ele, não se trata de resgatar valores e conceitos que estariam perdidos, mas de reconhecer a existência destes mesmos onde eles parecem ter sido totalmente suplantados. Para demonstrar isso ele utiliza sua própria biografia, considerando-se um intelectual, treinado em teorias e métodos "modernos", mas que não consegue se desvencilhar da sua criação "tradicional". Seria, portanto, não uma proposta política, mas um alerta analítico sobre a idéia de modernidade enquanto um processo uniformizante e irresistível.

Spivak (1988) enxerga as coisas de uma maneira um pouco diferente. Essa autora problematiza a construção de grupos subalternos enquanto sujeitos conscientes das suas condições e com interesses bem definidos que podem falar por si mesmos. Nesse sentido, faz uma crítica específica a Foucault e Deleuze enquanto filósofos pós-estruturalistas que criticam a modernidade sem, no entanto, serem capazes de pensar a partir de outros paradigmas, ou seja, não rompem totalmente com o modelo no qual estão inseridos.

O ponto principal seria que eles, ao desconsiderar o papel da "ideologia", estariam reintroduzindo o "sujeito autônomo" do iluminismo ao falar de grupos oprimidos e colonizados. Ao dizer que os "subalternos" conhecem suas condições de vida e que não precisam que ninguém fale por eles, eles estariam universalizando o conceito de indivíduo racional consciente da sua realidade e capaz de realizar a sua vontade. Dessa forma, estariam negando que esses grupos estão submetidos a ideologias dominantes que impedem que conheçam realmente as suas condições e que tenham qualquer possibilidade de ação autônoma.

Ela faz uma crítica da construção ocidental do sujeito colonizado, "subalterno", por parte daqueles que criticam o próprio sistema colonial e capitalista. De acordo com a autora, as possibilidades de atuação desses povos estariam, portanto, reduzidas a essa visão construída sobre eles. Quando ela pergunta: "podem os subalternos falar" (*can the subalterns speak*) e conclui que não (1988), é preciso pensar um pouco sobre o que ela está falando.

Para tanto, a autora está considerando a arena política nos termos como é colocado pelas correntes econômicas, políticas e intelectuais da "modernidade". Neste sentido fica claro que qualquer "fala" de grupos subalternos terá passado por diversas

traduções e terá sido mediada por representações de grupos fluentes no "sistema mundial". O próprio fato de que é preciso jogar com determinadas regras que já estão dadas implica numa necessidade de adequação das práticas e saberes. Além disso, sem algum tipo de intervenção externa, esses grupos não teriam sequer noção da sua própria subalternidade. Nesses termos, temos que concordar que grupos subalternos estarão sempre sujeitos a serem representados e a se enquadrarem em determinados lugares construídos para eles para que possam ter acesso ao sistema mundial. Logo, não falam por si mesmos.

Esta análise é importante para que não haja ingenuidade ao se pensar relações culturais que estão profundamente atravessadas por questões de poder e dominação. No entanto, sem deixar de levar em conta isso, que prefiro tomar como um alerta, me parece possível uma abordagem mais ampla sobre as possibilidades de manifestação de saberes e práticas subalternas, bem como uma noção mais complexa do campo de relações culturais e da própria constituição da arena política. É nesse sentido que cabe projetar esses raciocínios para o caso da Serra da Misericórdia focalizado nesta dissertação. O mesmo vale para o que foi proposto por Chakrabarty (2000), conforme exposto acima, e também por Mignolo (2002; 2003; 2005), cujos pensamentos passo a comentar agora.

O autor procura esmiuçar as relações comentadas aqui com um foco especial na questão dos saberes (2003). Tendo como linha de pensamento a análise do mundo através da "diferença colonial", ele relativiza alguns conceitos e papéis como os de intelectuais e subalternos, oferecendo uma visão mais completa de um mundo fragmentado. Por exemplo, como tratar da questão de intelectuais que estão falando a partir de "lugares subalternos"? Intelectuais do "terceiro mundo", feministas, negros, muçulmanos, que dominam a linguagem e as técnicas de um tipo de saber tido como dominante e que têm a sua origem no "ocidente moderno". Isso significa que deixaram de ser subalternos ou colonizados?

O seu pertencimento enquanto indiano ou brasileiro terá implicações, não só em outros aspectos da sua vida, mas também na sua própria carreira intelectual. O campo acadêmico está claramente hierarquizado, e a nacionalidade de alguém pode determinar o seu acesso a fontes e recursos de pesquisa, como também ao reconhecimento no meio. A tradição acadêmica está centrada em determinados espaços que já são excludentes pela língua, para começar. Um intelectual fora do eixo Estados Unidos-Europa pode ter dificuldades até mesmo para entrar nesses lugares por questões de visto (sem considerar

recursos financeiros e outras barreiras). Esse pertencimento, com todas as suas conseqüências, irá marcar também a sua própria produção, não só pelo acesso ou não a determinados meios, mas também pela própria formação enquanto indivíduo. O mesmo vale para pertencimentos de classe, religião, gênero, enfim, meio cultural em geral. Seria essa a idéia que ele define como "pensar a partir de", em termos da relação com a "colonialidade do poder" (2003: 26).

Dentre os diversos conceitos que o autor explora nos seus textos, acho interessante trazer para esta discussão a idéia de "pensamento liminar" na forma como ele estrutura "saberes subalternos" através da idéia de "gnose" (2003). Claramente quando fala em liminaridade está se referindo a tipos de saberes e formas de pensar que não estão englobados no "imaginário do sistema mundial colonial/moderno". Seria, portanto, "pensar nas e a partir das margens" (2003: 30).

Os termos "*gnose*" e "*gnosiologia"* da forma como utilizados pelo autor, indicam a possibilidade de englobar diferentes tipos de saberes, ampliando a noção de "*episteme*" e "*doxa*", que seriam apenas formas de conhecimento, incluídas, portanto, na idéia de *gnose*. De acordo com o autor, *gnose* "permite falar de um conhecimento além das culturas acadêmicas" e "a *gnose* liminar (...) é o conhecimento concebido das margens externas do sistema mundial colonial/moderno" (2003: 33). Essas margens estariam definidas pela "diferença colonial" e estariam visíveis não em espaços geográficos ou mesmo em fronteiras étnicas, mas na subalternização e até mesmo na negação de diferentes formas de pensamento, através da "tradução colonial". Visto dessa forma, é possível enxergar a colonialidade não apenas em países ou territórios que foram colonizados pelo ocidente moderno, mas em todos os grupos que de alguma maneira têm suas formas culturais submetidas às formas possíveis do "imaginário do sistema mundial/moderno".

Seguindo esta linha de raciocínio creio que é possível falar em "suburbanos" (ainda que esta seja uma categoria imposta de fora sobre uma diversidade de grupos sociais distintos) enquanto "subalternos" considerando o universo da cidade do Rio de Janeiro. Portanto, seria possível falar também numa "gnose suburbana" ou mesmo numa "gnose misericordiana" ou "verdejante" na qual diferentes tipos de saberes, inclusive o acadêmico, estariam em constante relação.

Retomo aqui as idéias de Ingold e Hallam (2007) a propósito do conceito de improvisação, buscando fazer a interligação entre as duas linhas teóricas principais que

foram expostas aqui. Conforme já indiquei na introdução, esses autores partem da defesa da idéia de "criatividade do improviso", frente à de "criatividade da inovação". Esta última espelharia um mundo feito de algumas coisas novas, que inevitavelmente se tornam ultrapassadas, e suas replicações. Seria a visão "para trás", que, segundo os autores, é um dos alicerces do "pensamento moderno", que opõe "modernidade" e "tradição", entendendo a última como a simples replicação de padrões através das gerações, enquanto o primeiro seria o lugar da inovação constante. Essa leitura "para trás" cria a figura do indivíduo extraordinário que supera os limites impostos pela natureza e pelas convenções sociais do seu tempo ofuscando o processo criativo da forma como ele se dá na vida social. (2007, 2)

Para entender melhor essa idéia de "improvisação", é necessário analisar as quatro características apontadas pelos autores: a improvisação é "generativa", "relacional", "temporal" e é o "modo como operamos"[44] (2007, 1).

Por "generativa", significa dizer que é através da improvisação que as formas da vida social e cultural são construídas. Para exemplificar essa relação, os autores trabalham em cima da freqüente oposição entre "criação" (*creation*) e "imitação" (*imitation*), sendo o primeiro termo considerado o fruto de um processo criativo e o segundo a replicação direta de um modelo. Eles argumentam que, numa leitura "para frente", essa "criação" também se baseia em modelos e formas sociais pré-existentes, e que o processo de "imitação" é na verdade um processo criativo que implica no "alinhamento" de um modelo com um mundo que está em constante transformação. Como é o caso, segundo eles, da tradição, que se mantém, não por sua "inércia passiva, mas por sua ativa regeneração – nas tarefas de seguir adiante"[45] (2007, 3-6). Nesse sentido, o Verdejar não estaria simplesmente replicando um modelo de ambientalismo, mas, criando formas de continuar sendo "ambientalista".

O segundo ponto da improvisação é o de que ela é "relacional". Para entender esse preceito, faz-se necessário analisar a definição dos autores para o que chamam de "processo da vida social":

> Por essa expressão queremos dizer a vida de pessoas nesses relacionamentos mutuamente constitutivos através dos quais, enquanto se tornam mais velhas juntas, elas continuamente participam no vir-a-ser umas das outras [46] (2007, 6).

[44] Respectivamente: "*Generative*"; "*relational*"; "*temporal*"; "*the way we work*".
[45] "*...passive inertia but to its active regeneration – in the tasks of carrying on*"

É nesse processo de vidas interligadas que se dá o improviso, respondendo aos estímulos e limites colocados por cada um dos elementos ativos, sejam eles outras vidas ou "o mundo", nessa construção contínua. Isso implica que a "criatividade" acontece dentro das condições estabelecidas por essas relações, o que não significa que sua forma seja determinada por elas. Um bom exemplo desse caráter relacional da criatividade da improvisação, pode ser visto na reação do Diogo a respeito da hipótese de o Verdejar produzir um ambientalismo próprio. Ele, associando com a idéia da justiça ambiental, expôs a seguinte teoria:

> Eu ouvi um caso de que macacos no interior da... numa parte da África, começaram a perceber que jogando as batatas no fogo, elas ficavam assadas e ficavam melhor pra comer. No mesmo momento e com macacos que já estavam na América, em outro lugar, que não tinham relação nenhuma, os macacos começaram a fazer isso também. E aí é um pouco isso, como é que há essa sintonia aí, porque é o seguinte: a gente começou a falar de meio ambiente, mas tratar a questão do meio ambiente, não como uma área aonde a gente preserva, a área verde e tudo mais, mas sim o ambiente como um espaço construído pela atividade humana.(...).E aí anos e anos e anos se passam e a gente vem ter contato com esse movimento da Justiça Ambiental. Que é um movimento que tem muito a ver. Os caras começaram a falar do racismo ambiental lá nos guetos norte-americanos, áreas que não têm mais áreas verdes, mas que se encontrou uma razão ali pra se falar de meio ambiente. E justamente esse conceito, da construção do espaço pela atividade humana, de como se dá essas relações de poder e tudo mais.

Ingold e Hallam (2007) e, principalmente, Ingold (2000), dão a entender que habitamos um mundo vivo com pessoas, animais, gases, moléculas, teorias, pensamentos... vivos, que estão em constante interação mutuamente responsiva fazendo com que as nossas improvisações estejam diretamente relacionadas com as improvisações dos outros, sem deixarem de ser criativas por causa disso. Em consonância com o que diz o Diogo, vejo que estou abordando neste capítulo três autores principais (Sahlins, Mignolo e Ingold), contemporâneos, com pesquisas em áreas bem diferentes, que, ao menos nos textos estudados, não fazem nenhuma referência a obras uns dos outros, e que ainda assim eu identifico como tendo em comum elementos fundamentais do seu pensamento. O próprio Ingold dialoga com autores de áreas tão diversas como arquitetura, artes plásticas, filosofia e psicologia, identificando traços que estão de acordo com a sua proposta. Além disso, também sinto

[46] "*By this we mean the life of persons in those mutually constitutive relationships through which, as they grow older together, they continually participate in each other's coming-into-being*".

que as abordagens desse autor, principalmente em conjunto com Hallam (2007), "caíram como uma luva" para inspirar e orientar o desenvolvimento deste trabalho..

O aspecto "relacional" da improvisação indica que esta não envolve uma criatividade que foge a padrões ou que seja "a-histórica" ou "a-cultural", mas que é produzida justamente no viver.

Em seguida os autores trabalham a improvisação como sendo "temporal", o que significa que possui uma "duração" (*duration*) no sentido empregado por Bergson: "Duração é o contínuo progresso que vai roendo (*gnaws*) futuro adentro e que se expande enquanto avança" [47] (1911, 4-5; apud Ingold e Hallam, 2007, 11). Esta visão, novamente, "para frente" se opõe à visão "para trás" pela qual o tempo é o que faz com que as inovações sejam vistas como perdendo a sua criatividade e se tornando "velhas", assim como as pessoas, de quem não se espera nada de novo. A improvisação é temporal no sentido de um tempo que: "é vivido e sentido como nos ritmos pulsantes da vida em si". Um tempo linear mas que é uma "linha que cresce sempre em frente da sua ponta mais avançada como uma raiz ou um inseto vasculham a terra"[48] (2007, 11-12).

A última característica apontada é de que a improvisação é o "modo como operamos", ou seja, é a nossa maneira de atuar dentro do "processo da vida social". Nesse sentido, vale a afirmação de Bruner de que a "improvisação é um imperativo cultural" (Bruner 1993, 322; apud Ingold e Hallam 2007, 2). Portanto, não improvisamos porque somos excepcionalmente criativos ou porque gostamos de agir assim, improvisamos porque essa é a única possibilidade que temos. Aqui eles retomam a citação inicial do texto, de que "não existe roteiro (script) para a vida social" (2007, 1), para dizer que isso não significa que não haja roteiros disponíveis "na" vida social (2007, 12). Existem muitos. Manuais, guias, normas, preceitos, para todos os tipos e gostos. No entanto, todas essas formulações não eliminam a necessidade de improvisação constante, porque elas nunca vão se ajustar a todas as situações que a realidade social oferece. O que leva à seguinte constatação:

> Nosso argumento é de que a vida não é roteirizada. Mas mais fundamentalmente, que ela não é *roteirizável*. Ou, para colocar de outra forma, ela não pode ser plenamente codificada como o produto de qualquer sistema de regras e representações.

[47] "*Duration is the continuous progress of the past which gnaws into the future and which swells as it advances*".
[48] "*...is lived and felt in the pulsating rhythms of life itself*" e "*...a line that grows, issuing forth from its advancing tip rather like a root or a creeper probes the earth*".

Tendo exposto esse conceito da improvisação, baseado nessa leitura "para frente", podemos voltar aos autores trabalhados anteriormente. Idéias como "homogeneização" e até mesmo "resistência cultural", no sentido de manter ou resgatar uma cultura pura, em reação ao primeiro movimento, assim como a idéia de que os "subalternos" não podem falar, estão embasadas nesse paradigma da leitura "para trás". Enquanto as idéias de "indigenização", de "liminaridade" e "gnose" estão justamente voltadas para o "processo criativo" da vida cotidiana. Nesse sentido, não importa tanto *o quê* está sendo produzido, mas *como*.

## 7. VIVENDO CATEGORIAS – CONSTRUINDO LUGARES

Para que possam ser aplicadas as abordagens acima ao caso estudado, é necessário, primeiro, analisar as categorias que estão o tempo todo sendo acionadas e que são, também, o foco desta dissertação, como "meio ambiente" e "favela". O título deste capítulo é uma provocação, à moda Ingold, à reflexão sobre como as categorias são "vividas" na prática, e sobre como essa prática está sempre "construindo lugares".

Ao longo da pesquisa, me deparei com algumas categorias que marcam o pertencimento a determinados grupos sociais. Categorias que muitas vezes se tornam uma "etiqueta em dois sentidos"[49]: como um "rótulo" e como um "padrão de comportamento" esperado da pessoa pertencente a esse grupo, "um código de conduta". Tanto num sentido quanto em outro, essa "etiqueta" pode ser imposta seja pelo olhar externo seja como assumida pela pessoa. Como procuro demonstrar no caso em questão, é bastante comum que categorias impostas sejam assimiladas, digeridas, e reapresentadas sob as mais diversas formas.

No entanto, também estou trabalhando sobre a utilização de categorias que definem supostos "lugares". Quando digo que as categorias definem lugares, é porque essas definições estão indexadas ao uso que delas é feito por atores específicos em situações determinadas. Uma categoria atribuída a um lugar pode, também, ser assumida como uma identidade de grupos que possuem algum tipo de vínculo com esse lugar.

### 7.1 Morador

Esta categoria já foi abordada na análise dos conflitos[50], apenas retomo aqui para aprofundar algumas reflexões. A citação feita da fala do Edson a respeito de que para ele o termo "morador", sem qualquer definição de lugar, se refere ao "morador da Sérgio Silva", não significa que ele possua um significado puramente objetivo de "pessoas que moram na Sérgio Silva". Sempre há espaços para uma flexibilização subjetiva, o que faz com que seja necessário analisar o contexto no qual o termo está sendo utilizado. Por exemplo, o próprio Edson muitas vezes se identifica e é identificado pelos outros como "morador", apesar de não morar mais lá. Ao mesmo tempo, a divisão entre moradores "da rua" e "do beco" indica que existem distinções

[49] Adaptando para este caso a idéia formulada por Corrêa (2006, 14).
[50] Capítulo 4, item 4.4.

internas, no sentido de que uns são "mais moradores" do que outros. Reproduzo aqui a continuidade à fala do Edson citada anteriormente, que reforça esse argumento:

> [*E é morador porque mora ali e ponto final ou o cara que foi criado ali também é considerado morador mesmo que não more mais lá?*.]
> É, pessoal me considera lá morador ainda. Não tem jeito. Tem gente, cara, é muito engraçado, tem nêgo que se muda, vai morar longe pra caramba... E você considera né cara, não tem jeito. Porque como não é uma comunidade grande, que é pequena, então todo mundo se conhece. Então fica aquela coisa: "pô fulano se mudou." Então tu sabe... Tem um cara que tá lá em Piedade, (...), mas é morador dali, não perde esse vínculo. É complicado...
> [*E pra ganhar esse vínculo, basta o cara chegar lá e morar e pronto? Se eu fosse morar lá?*]
> E: Ah não sei, com o tempo... de repente morando lá há muitos anos. Mas você vai ser morador né. Mas tem o morador antigo... "Pô esse cara mora aqui há pouco tempo..." Tem "cria".

"Cria" seria um ponto a mais na relação de pertencimento com a comunidade. Geralmente é uma categoria utilizada como um complemento a "morador", no sentido de que a pessoa não só mora, mas foi criada no local. Existem, portanto, moradores que "são cria" e outros que não.

Essas categorias identitárias podem ser entendidas de forma semelhante ao que Barth chama de "identidade étnica" (2000, 36) com relação à forma como são aplicadas. É claro que o que ele chama de "grupos étnicos" não pode ser transposto para o caso em questão sem algumas adequações. Mas no sentido de que a identidade étnica indica o pertencimento a um determinado grupo, numa sociedade onde existem vários outros pertencimentos, acredito que seja válida a aplicação do mesmo critério. Funciona como o que ele chama de "identidade imperativa" (2000, 36) no sentido de que delimita as possibilidades de um indivíduo dentro de determinado contexto social conferindo-lhe um determinado status. Enquanto Barth está se referindo ao contexto de "sistemas sociais poli-étnicos" (2000, 35), procuro aplicar esse conceito a contextos fluidos em que outras formas de identidade e pertencimento estão presentes. Faço essa ressalva no sentido de que a identidade de "morador" não está gravada na pele da pessoa ou no seu nome, e que só é acionada em situações específicas.

Numa situação de conflito com um agente externo, por exemplo, ser "morador", ou melhor ainda, ser "cria", confere um status positivo perante outras pessoas que também se identificam com essas categorias. Nas relações citadas com traficantes, aparece sempre a idéia de que existe um certo respeito por pessoas "do lugar", criando

um contexto em que essa identidade confere uma igualdade de condições e até uma sensação de segurança, entendida pelo raciocínio de que "eles não vão mexer com morador".

Nesse sentido, não só o Edson apresenta um discurso que reforça essa identidade, principalmente no relacionamento com outros "moradores" e "crias" mas o Verdejar como um todo se vê e se coloca, de uma certa forma, como "cria" da Sérgio Silva. Essa é uma identidade importante também para ser acionada nas negociações com agentes externos conferindo uma legitimidade no sentido de que, se não for para se falar pela comunidade, pelo menos demonstrar que se está muito próximo desta. Por outro lado, a identificação como "morador", não exatamente da Sérgio Silva, mas de "comunidade" ou, o que seria pior, de "favela", confere em muitas situações um status negativo.

### 7.2 A Serra

Faço aqui apenas algumas ponderações sobre a "Serra da Misericórdia" enquanto uma categoria, tentando não repetir as discussões que já foram apresentadas ao longo da dissertação. O Verdejar se define enquanto um movimento "da Serra". O que está em jogo quando o grupo se afirma dessa forma? O que significa "ser da Serra"? Essa expressão demonstra uma relação que está para além do fato de que o Verdejar tem o seu foco "na Serra" e até mesmo do fato de o Verdejar ter surgido "na Serra". No caso, interessa entender como as pessoas que mais se identificam com o grupo, que "são" o grupo, estabelecem ligações com a Serra. Serra essa que, como já foi demonstrado, é um "lugar" que está sempre sendo construído em diversos sentidos. Ser "da Serra" implica possuir relações fundamentais que não podem ser explicadas por uma simples "razão prática", mas que precisam ser "sentidas". O Luiz Cícero faz uma pequena "viagem" na associação do Verdejar com a Serra:

> Eu acredito que o Verdejar antes de ser o Luiz puxando o carrinho pela Estrada Velha ele já sobrevoava ali, pairava ali o campo astral da Serra da Misericórdia. Há muitos anos. Essa é uma visão pessoal minha que eu acredito que os Tupinambás lá no seu mundo astral, no seu mundo espiritual eles puxaram a gente ali, juntaram essas pessoas ali na serra nesse sentido, naquela força da região, naquele grito tupinambá. (...). E eu vou juntando um pouco essas coisas e vou levando um pouco pro âmbito espiritual também, que eu acho que a gente não é só mundo material, acredito que tem a força do outro lado agindo também pra que isso aconteça. (...) Então eu acredito que o Verdejar é algo muito maior do que tá sendo esse movimento de

> pessoas hoje. Ele vem se desenvolvendo ao longo dos anos, através das pessoas, influenciado por outras forças, pelas forças da natureza também.

Essa fala invoca uma relação ancestral com a Serra. Reforça a indivisibilidade entre a Serra da Misericórdia e o Verdejar, herdeiro dos Tupinambás, a quem cabe a missão espiritual de manter a Serra viva, verdejante, atendendo ao chamado de seus ancestrais. O fato de o Verdejar estar na Serra, não é aleatório. Se não fosse "a Serra", não seria "o Verdejar". Essas duas "entidades" se constroem mutuamente e se confundem. O Verdejar não é só "da Serra", mas, de uma certa forma, "é" a Serra, assim como "a Serra" é o Verdejar. O que quero dizer com isso é que elementos e características do Verdejar vão estar presentes na "sua" Serra e vice-versa. Esse não é um privilégio do Verdejar; todos os outros atores também vão viver esse processo de construção mútua com "a Serra", refletindo sua própria lógica.

"O verde que vem verdejar essa redondeza pálida e poluída". O verde que ainda resta na Serra que está sendo "verdejada" ao mesmo tempo em que "verdeja" a região geográfica e social do seu entorno:

> Pálida e poluída no sentido maior dos ambientes que tem junto à Serra. Até a Serra como equilíbrio da violência também. Essa área verde, o que resta de verde, vem equilibrar a questão da violência também.

Esse verde, portanto, não é só a vegetação, mas se torna um valor em si. Um elemento que representa o "bem". Portanto, "verdejar" não é somente plantar árvores, mas é também plantar "amor", "paz", "felicidade", que, assim como as árvores, estão faltando, para colher uma nova era para a Serra e, quem sabe, para o mundo. Essas equações estão presentes não só em discursos, mas nas ações do Verdejar, e remetem a uma equação mais fundamental na qual "natureza" representa valores que a sociedade destruiu.

### 7.3 Meio ambiente

O Verdejar constrói o seu discurso sobre meio ambiente a partir da Serra e para a Serra. Não é um discurso único, pois "meio ambiente" também tem significados e usos que variam de acordo com o contexto. Porém, existem algumas características gerais que são mais freqüentes. Uma delas é o fato de que alguma instância do indivíduo,

sujeito, está sempre fora do meio ambiente, objeto. A equação entre meio ambiente e natureza ou ecologia também é freqüente. A própria extensão do nome do grupo: "Proteção ambiental e humanismo", muitas vezes, é usada nesse sentido, além de trazer a marca dessa separação.

A história dos movimentos ambientalistas é marcada por uma gradual inclusão das atividades humanas nos chamados "meio-ambientes naturais"[51]. No entanto, essa inclusão não aboliu essa separação entre homem e meio ambiente. Vejamos as duas citações a seguir:

> Então eu escrevi em cima disso: "ambientes". Aí coloquei o corpo, a casa, a escola, o bairro e o ambiente natural para equilibrar isso tudo. Tenho pensado mais ou menos por aí a questão ambiental. (Poeta)

> As matas, os rios, o mar, o ar, né? Isso é meio ambiente pra mim. (...). Agora tem gente que já diz que meio ambiente já tem outras coisas, tem que levar em consideração até a parte urbana também. Não deixa de ser. A arquitetura, as ruas, não deixa de ser. (...). Não a natureza pura e simples. (Zolmir)

Ainda que o meio ambiente não seja só "a natureza pura e simples" e inclua os frutos da atividade humana, continua sendo um plano sobre o qual o indivíduo age. Quando se considera o corpo como um "ambiente", entende-se que existe uma instância para além do corpo que age sobre o mesmo, preservando-o ou degradando-o. Sigo, baseado em Ingold (2007), na linha de que mais uma vez se apresenta aqui uma visão do produto, e deixo para fazer outras considerações a respeito no final desta dissertação.

### 7.4 Subúrbio e favela

Coloquei essas duas categorias juntas porque, a princípio, elas são identificadas como "etiquetas" negativas, ou identidades que indicam uma posição subalterna para determinados lugares e seus habitantes, em relação a outros lugares. Marcam, também, um espaço simbólico no qual o Verdejar está inserido tanto por visões externas, como no seu próprio discurso. E aí é que muitas vezes também o estigma de suburbano ou favelado reaparece transformado em identidade positiva, como afirmação dos valores da favela ou do subúrbio.

Assim como "subúrbio" todas as definições regionalizantes da cidade do Rio de Janeiro estão carregadas de significados sociais. O "centro", antes de ser uma posição geométrica, pois está localizado num canto da cidade, designa a área por onde começou

[51] Com relação às diferentes correntes e movimentos ambientalistas veja-se Gomes (2005) e Diegues (2000).

a ocupação de forma mais efetiva. Atualmente é associado diretamente ao trabalho e ao comércio. Não é visto como local de moradia, apesar de muitas pessoas morarem lá, mas de trabalho. A partir do centro, definem-se as outras áreas da cidade com base numa orientação "geográfica": Zona Sul, Zona Oeste e Zona Norte (subúrbio), cada uma delas recebendo também sua carga de significados e atributos. A favela designa espaços especiais situados nas diferentes áreas da cidade, mas com uma grande concentração no subúrbio.

Enquanto que favelas localizadas na Zona Sul são consideradas como pontos isolados, o subúrbio é, muitas vezes, quase como um sinônimo de favela, no sentido de ser o lugar dos pobres. Moura dos Santos (1987) demonstra que a consolidação da Freguesia Suburbana de Inhaúma se deu no período da reforma Pereira Passos, que expulsou das ruas do centro centenas de pessoas, muitas das quais migraram para Inhaúma. O "mito de origem"[52] das favelas é associado ao mesmo período e às mesmas causas. As pessoas que não saíram do centro ocuparam os morros próximos dando origem às primeiras favelas. Portanto, "subúrbio" e "favela" surgem no mesmo período e com a mesma característica: local de moradia para trabalhadores domésticos e das indústrias. É claro que a terminologia "subúrbio" já existia antes, mas aqui eu estou retratando o processo de consolidação do subúrbio no Rio de Janeiro que, como foi mostrado no capítulo 1, teve muito pouco a ver com o conceito técnico de subúrbio.

A idéia de que a existência de áreas como as favelas, que oferecem condições de moradia bem abaixo daquelas consideradas aceitáveis pela classe média, está diretamente ligada a uma organização espacial baseada em relações de poder e subalternidade, e não no acaso ou qualquer outro critério aleatório, está bem expressa nesse comentário feito pelo Diogo:

> Eu fico muito pasmo... eu vi uma entrevista no ano passado do César Maia no RJTV, que ele falou o seguinte: "Olha, a questão da favela é o modelo econômico adotado pelo Estado". Ele falou nesses termos: "É um modelo econômico adotado pelo Estado..."

Existem muitas imagens negativas do subúrbio e, principalmente, da favela, que são veiculadas pelos meios de comunicação, associadas a questões como violência, pobreza, sujeira. Imagens de lugares feios, sem atrativos, contrastando com a beleza da "cidade maravilhosa", que em geral se limita à Zona Sul e à Barra da Tijuca. Áreas que

[52] Veja-se Valladares 2005.

concentram a maior parte das classes economicamente dominantes e que, muitas vezes, são o local de trabalho para suburbanos e favelados. Como são aquelas classes que controlam os meios de comunicação e as esferas de governo, são aquelas áreas as que recebem mais atenção de ambos, criando uma "cidade" dentro da cidade. Para as outras áreas, são reservadas as páginas policiais e projetos assistenciais. A favela passa a figurar cada vez mais na mídia e na agenda do governo, quando começa a se tornar uma ameaça para essa "cidade".

As políticas caracterizadas como "ambientais" (criação de UCs, despoluição de rios e lagoas, fiscalização, etc.) obedecem ao mesmo critério de prioridades. É um consenso entre os membros do Verdejar a idéia de que a Serra da Misericórdia só está abandonada porque fica no subúrbio. Posso citar aqui uma fala do Diogo como exemplo:

> Um espaço verde como a Serra, se fosse na Zona Sul, já seria um parque há muito tempo. A gente vê uns espaçozinhos pequenos na Zona Sul que viram parque, e aqui um monstro desse como a Serra tá abandonado aí, tá virando favela, em condições sub-humanas de vida.

"Favela", ainda recebe uma carga negativa bem maior do que "subúrbio", vista que é como a materialização do caos. Tanto é que em diversas falas registradas aqui, o "medo da favela" aparece com muita freqüência, sendo identificado como um dos motivos pelos quais o trabalho do Verdejar é reconhecido na comunidade. Aparece também como um aspecto "positivo" da Pedreira, o fato de ter contido as ocupações. Nessas falas, o principal problema associado às favelas é o tráfico, sinônimo de violência e perigo.

A classificação enquanto favela pode ser acrescida ainda de nomes como "Complexo do Alemão" e "Juramento". Quando perguntei ao Edson se o Verdejar identificava a área da Sérgio Silva como Complexo do Alemão, ele deu a seguinte resposta:

> A gente identifica ali como área de influência né, área de expansão, área de influência do Complexo do Alemão. Geralmente a gente diz isso. Por quê? Porque a Automóvel Clube e a linha do metrô, dividiram a Serra da Misericórdia em duas serras: a Serra do Juramento e a Serra da Misericórdia. E o decreto da APARU considerou tudo como Serra da Misericórdia. (...). Fica essa fronteira. Então a gente acaba considerando que é do Complexo do Alemão porque é mais próxima. É o grande complexo próximo da gente ali. Porque a pista divide totalmente, do lado de cá da pista é tudo

> Comando Vermelho, e do outro lado é tudo Terceiro Comando, a maioria das favelas.

Área de influência do Complexo do Alemão significa dizer que está dentro da "jurisdição" do tráfico desse complexo. O Complexo do Alemão é constantemente retratado na mídia como um dos focos de violência da cidade, as imagens associadas ao local sendo as piores possíveis. Dentro do cenário apresentado, como é possível falar em "meio ambiente" num lugar do subúrbio, cheio de favelas e sob o domínio do tráfico?

Essas mesmas palavras, tão carregadas de imagens degradantes, tão marcadas por relações de colonialidade, podem ser, e são, em certos contextos, transformadas em identidades positivas, sendo preenchidas por significados e usos bem diferentes dos predominantes ou originais. "Subúrbio" e "favela" vão se tornar símbolos românticos do samba e da poesia ou bandeiras de luta de movimentos sociais. O Luiz Cícero apresenta aqui um pouco dessa visão romântica, falando sobre um suburbano que, para ele, está no passado

> Eu vejo... eu me imagino como um velho suburbano no início do século XX, aquele cara sonhador, que existia toda uma boemia, pessoas que buscavam ser um pouco mais cultas mas que ao mesmo tempo tinham aquele modo de ser mais simples, gentil, tinham uma visão de vida mais... posso dizer assim: mais sentimental. Olhavam a vida com mais sentimento, eram menos racionais né.

Para falar de meio ambiente no subúrbio, o Verdejar ao mesmo tempo em que aciona imagens ligadas à degradação ambiental em tom de denúncia, aciona também imagens que possam fortalecer uma identificação positiva com o lugar.[53] A identificação com subúrbio e favela, e até "Complexo do Alemão", é um elemento constituinte do Verdejar, presentes no seu discurso, nas suas ações, enfim, no "ser Verdejar".

[53] Nesse sentido, as representações positivas sobre subúrbio vão ao encontro das visões igualmente positivas apontadas por Carneiro (1986 e 2006) em seus trabalhos.

## 8. REFLEXÕES SOBRE UM "AMBIENTALISMO VERDEJANTE"

De modo geral, a participação da população local na própria identificação de problemas, e na construção de propostas de solução, parece ser inversamente proporcional à gravidade dos mesmos. É possível argumentar que, historicamente, estas populações estão excluídas dos processos de tomada de decisão bem como dos espaços de construção do saber científico que possui a legitimidade social para afirmar ou não a existência de problemas. Continuando nessa linha de raciocínio, esse processo poderia ser pensado como sendo fruto de uma ideologia dominante que impede que as classes dominadas tenham consciência da sua situação e que tomem qualquer iniciativa a respeito. Dessa forma, o papel do intelectual/ativista seria o de despertar essa população para a sua realidade material identificando claramente a exploração capitalista e a degradação ambiental. Nesse sentido, essas pessoas estariam vivendo num mundo ilusório e o ambientalista consciente estaria trazendo a "luz da verdade". Seria, a "conscientização ambiental".

Porém, é possível olhar para essa situação de outra forma. Esses grupos possuem suas próprias formas de conhecer e de organizar a sua realidade. Uma árvore é percebida da mesma forma por qualquer pessoa? A forma como uma pessoa percebe pode ser entendida simplesmente como o reflexo da dominação exercida por outra ou por um sistema? E ainda, é possível que grupos subalternos participem de alguma maneira da produção de saber e da construção de propostas políticas autônomas? Será que, como vimos perguntar Spivak (1988), eles podem falar?

Conforme já indiquei acima, acredito que se ampliarmos a noção do que seria esse falar e observarmos a complexidade das traduções nas relações entre diferentes "imaginários"[54], podemos ver que isso acontece o tempo todo. É claro que em determinadas situações, mediações são inevitáveis, não estou utilizando a categoria de "sujeitos autônomos", mas pensando nas diferentes formas de "falar" enquanto expressão de sistemas de conhecimento diversos.

Mignolo (2002) faz uma análise do discurso do movimento Zapatista no México, a partir da perspectiva liminar, ou seja, considerando não apenas o *quê* os Zapatistas estão falando, mas *como* e a partir de *onde*. No caso ele está considerando um movimento que têm sua base em comunidades maias, situadas em florestas na região de Chiapas, no sul do México, e que se inspira na figura de Emiliano Zapata. Uma das

[54] Considerando a definição utilizada por Mignolo, com base em Glissant (1997): "O imaginário inclui todas as formas pelas quais uma cultura percebe e concebe o mundo".

lideranças mas conhecida desse movimento, é o Subcomandante Marcos, que antes de se tornar um "zapatista", era um intelectual marxista que vivia na Cidade do México. Juntamente com outros intelectuais ele foi para Chiapas no intuito de promover a revolução socialista entre os povos indígenas, conscientizando-os da exploração capitalista e seguindo todo o receituário comunista. Acabou passando por um processo em que ele é quem acabou sendo "conscientizado" e "usado" pelo movimento indígena. Como o próprio Subcomandante coloca:

> O resultado final foi que nós não estávamos falando com um movimento indígena esperando por um salvador, mas com um movimento indígena com uma longa tradição de luta, com uma experiência significativa e muito inteligente: um movimento que estava nos usando como seus homens armados[55] (Subcomandante Marcos 1997, 147; apud Mignolo 2002, 245).

Mignolo retrata ainda o caso do encontro do Subcomandante com um dos anciãos de uma comunidade quando ele conta a história do México, na perspectiva marxista, localizando a figura de Zapata nesse contexto, e que o ancião "contou para ele a história das comunidades ameríndias de uma perspectiva Maia, e situou Zapata, (...), nessa história"[56] (2002, 248).

Os zapatistas, então, "falam" com palavras como "democracia" e ações como "luta armada", produtos do "sistema mundial moderno", com sentidos e formas que referidos às lógicas locais. Para colocar nos termos de Sahlins (1997), eles "indigenizam" esses elementos. Se nos basearmos apenas nas possibilidades limitadas da tradução colonial, teremos uma visão completamente diferente do que estão dizendo. Mas se considerarmos a possibilidade do que Mignolo (2002) chama de "dupla tradução" e entendemos que é possível, por exemplo, que elementos típicos do "imaginário do sistema mundial/moderno" (como o marxismo ou os direitos humanos) podem ser "usados" para fortalecer essa fala, então começaremos a ter uma visão um pouco diferente das coisas. "Dupla tradução" seria o processo realizado, no caso Zapatista, pelo Subcomandante de "traduzir" o marxismo – um produto do "sistema mundial moderno" – para o mundo Maia e, ao mesmo tempo, traduzir elementos maias para a sociedade "moderna".

---

[55] "*The end result was that we were not talking to an indigenous movement waiting for a savior but with an indigenous movement with a long tradition of struggle, with a significant experience, and very inteligent: a movement that was using us as its armed man*".

[56] "*told the story of the Amerindian communities from Mayan perspective, and situated Zapata (...) within that story*"

Acredito que é possível transpor essa análise para o caso do Verdejar especificamente. Os membros do grupo não foram iluminados ou conscientizados pelo discurso ambientalista, mas começaram a ocupar a Serra da Misericórdia por outras motivações, como o lazer de domingo, as relações com os vizinhos e a liberdade das crianças de brincar nas ruas e redondezas. A partir dessa relação com o local, é que acabaram usando elementos do "movimento ambientalista" para garantir o modo de vida local e/ou resgatar um "passado" com mais "segurança, amizade e natureza", ou ainda a busca por outros ideais. Pessoas (como eu), com formação acadêmica, envolvimento com idéias ambientalistas, provenientes de outros bairros e classes sociais, chegaram e foram "contaminadas" pelo "ambientalismo verdejante".

O conceito de improvisação (Ingold e Hallam 2007) aprofunda o olhar sobre como essas traduções se colocam na prática. O Verdejar, assim como todos nós, improvisa o tempo todo, relacionando diferentes "sistemas". Improvisa, das formas mais variadas, com os elementos que dispõe, indigenizando, ou verdejando, saberes, técnicas e ideologias.

Essa idéia se reflete na prática do grupo que, ao mesmo tempo em que busca um fortalecimento institucional através de instrumentos burocráticos, pesquisas científicas e articulações políticas, não é, exatamente, cooptado por esses elementos, mas os usa fortalecendo a sua lógica. O próprio "muro dos grileiros", símbolo de um atentado ao trabalho do grupo, foi "verdejado", transformando-se numa barreira contra invasões e sendo visualmente convertido, através de pinturas com motivos verdejantes. Até mesmo as queimadas que prejudicam e muito o trabalho do Verdejar, são usadas, em alguns momentos, como forma de chamar a atenção do poder público e da sociedade, não só para o problema das queimadas, mas para a Serra como um todo. Da mesma forma, informações de caráter "científico" ou "acadêmico", como a composição dos solos, a formação das bacias hidrográficas ou a dinâmica de conflitos ambientais, são articuladas na prática cotidiana do grupo com conhecimento "popular" sobre plantas medicinais e histórias contadas por moradores.

Essa característica verdejante se dá tanto com relação a propostas mais abrangentes, pois, assim como no caso dos Zapatistas, as bandeiras levantadas deixaram de ser somente relacionadas ao bem estar dos moradores das comunidades vizinhas, e passaram a se relacionar com questões como a crise ambiental do planeta e os direitos humanos. No entanto, sempre levando o "jeito verdejante" para as mais diversas esferas. Nesse "jeito", um dos fatores predominantes é o diálogo entre diferentes saberes. Este

não é um método de ação estabelecido racionalmente, fazendo na verdade parte do próprio modo de ser Verdejar.

Nesse sentido, o Verdejar pode ser visto como um "duplo tradutor" (Mignolo, 2002: 217) pois, ao mesmo tempo em que utiliza conhecimentos típicos de um saber científico, (como fica claro na Carta da Serra da Misericórdia, mostrada inicialmente), trazendo elementos de um "ambientalismo global" para os moradores locais, também leva a marca de uma lógica misericordiana para o mundo.

Seguindo nesta linha, podemos tomar a liberdade de considerar conceitos como "meio ambiente" e "natureza", como "conectores", pois, coloca Mignolo: "as palavras são universalmente usadas mas não têm mais um significado universal"[57]. Dessa forma, enquanto no "sistema mundial colonial/moderno" essas palavras podem possuir significados que, com certas variações, estão embasadas no saber científico e em definições políticas, elas possuem significados completamente diversos em sistemas locais. Isto fica claro na Serra onde esses conceitos são transpassados por significados ligados à sociabilidade local e estão bem materializados no próprio espaço de vida, possuindo atributos sagrados e afetivos. Ainda assim, é possível também verificar, entre os moradores, a presença de significados que estariam associados a certas "imagens" veiculadas por meios de comunicação de massa onde natureza estaria associada às praias, à Amazônia e outros espaços, mas não à Leopoldina. Podemos considerar que há uma disputa de sentidos na qual o Verdejar se insere com elementos de diferentes tipos de saberes.

Continuando nessa linha, defendo que o Verdejar não é um "mundo" que recebe influências de outro, seja de forma homogeneizante ou não, mas que se constrói justamente nesse "entre lugar" da dupla tradução (ou multi tradução). Como anunciei na introdução, se constrói no diálogo entre diferentes "mundos" ou "sistemas". Essa característica é constitutiva do grupo que já surge e segue se construindo a partir dessa articulação entre diferentes saberes e práticas. Por isso o conceito de improvisação talvez seja o mais interessante para se perceber as nuances desse processo.

As falas do grupo foram recorrentes no sentido de que o movimento do Verdejar não começou como um grupo de ambientalistas que identificaram na Serra um foco para a sua ação. Mas também foram recorrentes em afirmar que "não foi um movimento de

[57] Tradução livre para: "*The words are universally used but they no longer have a universal meaning*" (2002: 257).

pessoas da Sérgio Silva" e apesar das pessoas identificarem alguns pertencimentos anteriores, só pode ser identificado como um "grupo", a partir de um olhar "para trás", que já considera existência do Verdejar ou "da Serra", como é construída por este. Não há dúvida de que "idéias ambientalistas" foram essenciais para a constituição do grupo, assim como foram, e ainda são, os luais, as caminhadas, as brincadeiras do tempo de criança e os conflitos.

Para falar de um "ambientalismo verdejante" aproveito a idéia colocada por Corrêa (2006) sobre a "onda ambientalizante" e de que cada um "surfa" essa onda a sua maneira, para pensar que, na verdade, cada maneira como essa onda é surfada, constrói, ao mesmo tempo, a própria onda. Nos termos de Ingold, a onda segue um "tempo rítmico", sendo empurrada para frente pela criatividade do improviso. O Verdejar, com seu surfe, contribui deixando essa onda um pouco mais "verdejante".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando defendo que o Verdejar é um movimento singular, no sentido de que não é uma simples replicação de um "modelo" ambientalista, não quero dizer que isso seja um caso excepcional devido à características extraordinárias do grupo. Acredito, concordando com o Ingold e Hallam (2007), que a improvisação que produz a singularidade do Verdejar, é o "modo como operamos". Justamente o conceito da improvisação, ao invés da inovação, é o que faz com que a "singularidade" seja "comum". Qualquer grupo ou movimento social vai apresentar seus improvisos que produzem a sua singularidade ao mesmo tempo em que dialogam com o todo.

Voltando à metáfora da onda, ela não é uma onda que se move no espaço, a partir de um "centro" para as periferias, apesar da tradução colonialista colocá-la dessa forma. Suas bases constitutivas são produzidas a partir de diferentes lugares simultaneamente. É claro que alguns termos como "meio ambiente", "desenvolvimento sustentável" ou "justiça ambiental", podem ser histórica e geograficamente situados, mas os movimentos que deram origem a esses termos, bem como os seus mais diversos usos, dificilmente podem ser identificados como sendo exclusivos de um "sistema mundial moderno". Sahlins (2004) se esforça em demonstra como o capitalismo foi, desde o seu surgimento, apropriado das mais diversas formas, e como essas apropriações produziram não só variações locais, mas contribuíram, e ainda contribuem, para a formação desse capitalismo global.

Com relação às visões apresentadas e comentadas sobre meio ambiente, exponho aqui algumas reflexões. Pontuei ao longo dessa dissertação, uma divisão que, em última, análise, acaba sempre colocando alguma instância humana "fora do mundo", retratando, como coloca Ingold (2000), o paradigma cartesiano de dicotomias do tipo homem/meio ambiente, sociedade/natureza, mente/corpo, sujeito/objeto. Por mais que entre as diferentes visões acha uma diferença gradativa nas relações entre esse planos opostos, a divisão segue sendo mantida. O Verdejar traz, também, nos seus discursos sobre a Serra e sobre si mesmo essas dicotomias. No entanto, sigo concordando com Ingold (2000), no sentido de que a vida não é vivida dessa forma. O processo constitutivo do grupo, com seus improvisos e traduções, aponta para o que o autor chama de uma "ecologia da vida" (*ecology of life*) (2000, 18).

> Vida, nessa visão, não é a realização de formas pré-especificadas mas o próprio processo no qual as formas são geradas e mantidas no lugar. Todo ser, enquanto é apanhado no processo e o leva adiante, emerge como um centro de consciência (awareness) e agência; um

> desdobramento (...) do potencial generativo que é a vida em si"[58] (2000, 19).

O Verdejar se constrói justamente nesse "processo da vida" formado por elementos vivos no sentido de que não são simples objetos que sofrem a ação do sujeito homem, mas que interagem com e sobre esse produzindo um ambiente vivo. Este sendo entendido não como um "composto de duas coisa, mas uma totalidade indivisível". Não se trata de considerar, portanto, que o homem *está* no ambiente, mas que ele *é* o ambiente, assim como a mente *é* o corpo.

Voltando à provocação lançada no título: *"Tem meio ambiente na favela?"* A "favelização" aparece claramente, nas falas do grupo, como uma ameaça direta ao "meio ambiente", melhor dizendo, a um "meio ambiente saudável" ou "de qualidade", principalmente com relação ao avanço sobre áreas naturais. No entanto, ao afirmar o seu pertencimento ao local, o grupo traz essa discussão para a favela. A imagem não muda muito com relação àquela veiculada nos meios de comunicação da favela com uma carga negativa, que pode até ser valorizada, mas sempre "apesar dos problemas". Ainda assim, o Verdejar levanta a bandeira de que esse local, a favela, deve ser alvo de ações com um viés ambientalista e isso não significa removê-la e plantar árvores no lugar, mas "melhorar" o ambiente que já existe lá.

A justiça ambiental "cai como uma luva", justamente porque está se invertendo o papel da favela como agressão ao ambiente, para o papel de vítima de um "modelo de desenvolvimento" desigual e de uma política ambiental injusta.

Ainda a título de considerações finais, destaco a minha adesão às "causas" do Verdejar e o meu respeito a sua (nossa) luta da forma como ela se dá, considerando, principalmente, a flexibilidade e fluidez da sua estrutura política que realmente incorpora e torna quase consciente a questão do improviso, tornando possível o diálogo com diferentes atores, a aglutinação de tendências diversas e, principalmente, pelo vigor que extrai desses elementos, se apresentando como uma forma de ação coletiva interessante em termos de participação política para a população e por "fazer" que

[58] "*Life, in this view, is not the realization of pre-specified forms but the very process wherein forms are generated and held in place. Every being, as it is caught up in the process and carries it forward, arises as a singular centre of awareness and agency: an enfoldment (...) of the generative potential that is life itself*".

interesses totalmente excluídos dos espaços de tomada de decisão, sejam colocados em pauta.

Por outro lado a prefeitura, personagem central nesse caso, aparece cada vez mais como um instrumento para a centralização do poder na sociedade, refletindo nos seus mecanismos a mesma centralização. Um seleto grupo de pessoas, ligadas a interesses economicamente dominantes, tem realmente voz ativa nos processos que definem o que vai ser feito, quando e onde. Outros interesses são colocados somente a partir da pressão externa exercida por segmentos sociais organizados. Os poucos espaços e discussões que permitem a participação desses segmentos sociais acabam sendo inviabilizados e desprestigiados, perdendo a pequena parcela de poder que poderiam ter nas tomadas de decisão. Alguns pontos citados aqui como a própria não-regulamentação da APARU e o decreto do Parque, além de outros casos como o PAN e o processo do Plano Diretor da cidade, que se arrasta para além do prazo definido, são exemplos de como funciona a política na cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acserald, Henri (org.). *Conflitos Ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Heinrich Böll, 2004.

Barth, Fredrik. "Os grupos étnicos e suas fronteiras". In:_____.*O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

Bourdieu, Pierre. "A Ilusão Biográfica". In: Ferreira, M. e Amado,J. (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Carneiro, Sandra de Sá. *Balão no céu, alegria na terra*. Cadernos do Folclore 35. Rio de Janeiro: Funarte/INF, 1986.

_____. *Construção de Fronteiras Simbólicas no Rio de Janeiro: reflexões em torno da dicotomia zona norte X zona sul*. In: Seminário Cidade: Olhares e Trajetórias, 2006, Rio de Janeiro. Seminário Cidade: Olhares e Trajetórias, 2006.

Chakrabarty, Dipesh. "Radical histories and question of enlightenment Rationalism: some recent critiques of Subaltern Studies". In: Chaturvedi, Vinayak, ed. *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial*. London: Verso, 2000.

Corrêa, Sílvia Borges. *O processo ambientalizador e a etiqueta ambiental da empresa que "pensa verde": o caso da Companhia Siderúrgica Nacional*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PPCIS/UERJ, 2006.

Diegues, Antonio Carlos. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 2001.

Elias, Norbert e Scotson, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Gomes, Marcus Machado. *Participação sociopolítica na gestão ambiental da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo*. Dissertação de Mestrado. PPCIS/UERJ, 2005.

FAPUR. *Laudo Ambiental*. Rio de Janeiro: mimeo, 2004

Ingold, Tim. "Culture, nature, environment: steps to an ecology of life" e "Building, dwelling, living: how animals and people make themselves at home in the world". In:_____*The Perception of the Environment*. Londres: Routledge, 2000.

_____. *Jornada ao Longo de um Caminho de Vida – Mapas, Descobridor-Caminho e Navegação*. Religião e Sociedade, v. 25 nº 1. Rio de Janeiro: ISER, 2005.

Ingold, Tim e Hallam, Elizabeth. "Creativity and cultural improvisation: an intorduction". In:_____. *Creativity and Cultural Improvisation*. Oxford: Berg, 2007.

Marx, Karl. "O domínio britânico na Índia". In: *Textos*. Vol 3. São Paulo: Edições Modernas, s/data.

Mignolo, Walter. “The Zapatistas’s Theoretical Revolution: its historical, ethical and political consequences”. In: Review XXV,3: 2002.

_____. *Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

Moura dos Santos, Joaquim J. *Contribuição ao Estudo da História do Subúrbio do Rio de Janeiro: A Freguesia de Inhaúma de 1743 a 1920.* Dissertação de Mestrado. UFRJ, 1987, mimeo.

Prado, Rosane. Depois que entrou o Imbamba: percepção de questões ambientais na Ilha Grande. XXII Reunião da ABA. Brasília, 2000.

_____. A indigenização da Agenda 21: reflexão a partir de um caso na Ilha Grande/Angra dos Reis, RJ. XXVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2003.

Sahlins, Marshall. *O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica*: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). In: Mana 3(1), Rio de Janeiro, 1997.

_____. *O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica*: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). In: Mana 3(2), Rio de Janeiro, 1997.

_____. “A tristeza da doçura, ou a antropologia nativa da cosmologia ocidental”, “Adeus aos tristes tropos: a etnografia no contexto da moderna história mundial” e “Cosmologia do capitalismo: o setor transpacífico do setor do sistema mundial”. In:_____. *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

_____. “Capitão James Cook; ou o Deus agonizante”. In: _____. *Ilhas de História.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. “Uma entrevista com Marshall Sahlins”. In: PEIXOTO, F. et al (orgs.). *Antropologias, Histórias, Experiências.* Belo Horizonte, UFMG, 2004.

SMAC. *Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana da Serra da Misericórdia*. Mimeo, 2006.

Spivak, Gayatri. “Can the subaltern speak?” In: Nelson e Grossberg (org.) *Marxism and the interpretation of culture*. Chicago: University of Illinois Press, 1988.

Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro. *Auditoria ambiental em Unidades de Conservação.* Rio de Janeiro, mimeo, 2004.

Valladares, Licia do Prado. *A Invenção da Favela.* Do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

Zhouri, Andréa. *Ambientalismo e Antropologia. Descentrando a categoria de movimentos sociais*. Teoria e Sociedade v. 8, Belo Horizonte: UFMG, 2001.

**ANEXOS**

**Figura 1 – APARU na cidade**

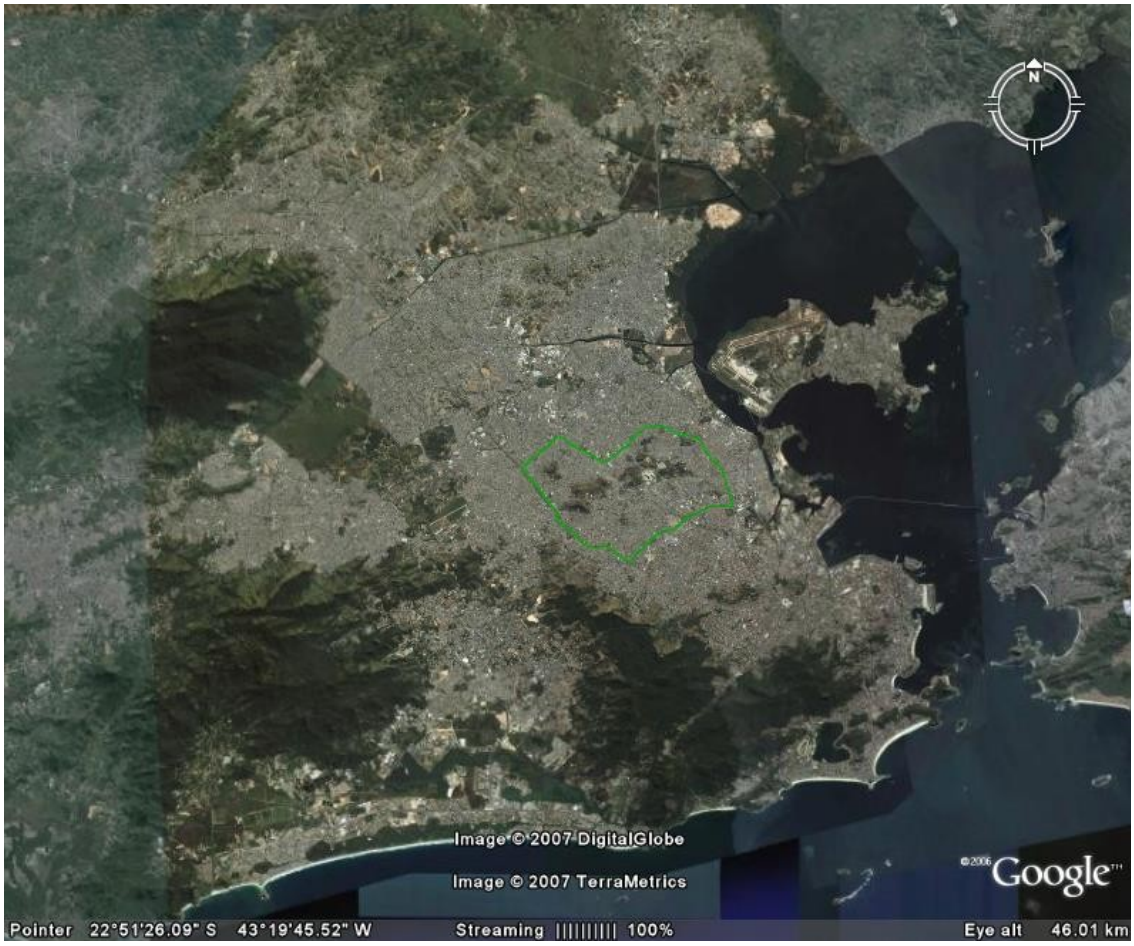



**Figura 2 – APARU aproximada**




**Figura 3 – Pedreiras**


N
W
E
S
© 2006 Europa Technologies
Image © 2006 DigitalGlobe
©2005 Google
Pointer 22°51'24.83" S 43°17'26.99" W elev 328 ft
Streaming 100%
Eye alt 5247 ft